



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DIEGO LEANDRO LIMA PEREYRA**

**O JORNAL DE FLORIANO E O JOGO POLÍTICO FLORIANENSE ENTRE  
OS ANOS DE 1975 E 1976**

**CAMPINA GRANDE, PB**

**2023**

**DIEGO LEANDRO LIMA PEREYRA**

**O JORNAL DE FLORIANO E O JOGO POLÍTICO FLORIANENSE ENTRE  
OS ANOS DE 1975 E 1976**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História

Orientador: Profº Dr. José Pereira de Sousa Júnior.

Campina Grande

2023

P436j

Pereyra, Diego Leandro Lima.

O jornal de Floriano e o jogo político florianense entre os anos de 1975 e 1976 / Diego Leandro Lima Pereyra. - Campina Grande, 2023.

108 f. : color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior."

Referências.

1. História. 2. História Política. 3. Imprensa. 4. Jornal Impresso. I. Sousa Júnior, José Pereira de. II. Título.

CDU 930(043)

**DIEGO LEANDRO LIMA PEREYRA**

**O JORNAL DE FLORIANO E O JOGO POLÍTICO FLORIANENSE ENTRE  
OS ANOS DE 1975 E 1976**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 29 de agosto de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

*Jose Pereira de Sousa Junior*

---

**Professor Dr. José Pereira de Sousa Júnior – Orientador – PPGH/UFCG**

*Michelly P. de Sousa Cordão*

---

**Professora Michelly Pereira de Sousa Cordão – Examinadora Interna PPGH-  
UFCG**

*Cláudia Cristina da Silva Fontineles*

---

**Professora Dra. Cláudia Cristina da Silva Fontineles – Examinadora Externa  
CCHL-UFPI**

**CAMPINA GRANDE, SETEMBRO DE 2023.**

## AGRADECIMENTOS

A produção de um trabalho acadêmico carrega pela sua natureza uma série de obstáculos e desafios. A escrita desta dissertação, que em diversos momentos pareceu como um trabalho solitário entre um número hercúleo de leituras e escritas, na realidade se desenvolve com uma série de diálogos e apoios e sem eles certamente esse texto não teria a possibilidade de ser feito.

Por isso agradeço a meu orientador Dr. José Pereira de Sousa Júnior, que contribuiu com diálogos, apontamentos e leitura atenta para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço a professora Dr.<sup>a</sup> Michelly Pereira de Sousa Cordão e ao professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira que contribuíram imensamente com minha qualificação e posterior defesa. Nesse sentido estendo meus agradecimentos à professora da UFPI, Dr.<sup>a</sup> Cláudia Cristina da Silva Fontineles, que atuou como membro externo da banca trazendo uma série de apontamentos e leituras que foram essenciais para o desenvolvimento dessa dissertação.

Um agradecimento a minha família que sempre me apoiou em minhas incursões de ensino, a meus pais Adriana Seadi Lima e Luis Pedro Pereyra e aos meus irmãos Piero Alejandro Lima Pereyra, Ana Carolina Lima Pereyra e Alex Pereyra.

Dedico a espaço desses agradecimentos ao projeto Velho Monge, coordenado pelo professor Daniel Castello Branco Ciarlini. Por meio desse projeto captamos as fontes que foram utilizadas nesta pesquisa.

Por fim um agradecimento especial a minha esposa e companheira Tatiana Gonçalves de Oliveira, que além de me aturar ao longo desses anos em que estive no mestrado me apoiou e incentivou nesse trajeto sinuoso.

## RESUMO

O Jornal de Floriano foi fundado na cidade de Floriano, sul do Estado do Piauí, em 1975. Propriedade da Gráfica e Editora Kalume, o impresso funcionou até o ano de 1986. O trabalho proposto visa compreender como este jornal abordou questões sociopolíticas e econômicas do período em que circulava, dando ênfase a sua utilização como plataforma política local. De modo específico, proponho pensar os dois primeiros anos de funcionamento do jornal. O recorte temporal privilegiado enfatiza as transformações ocorridas no periódico, tendo em vista as disputas eleitorais locais, que envolveram o MDB e a ARENA. Nestas disputas, entre 1975 e 1976 particularmente, um dos donos do *Jornal de Floriano*, Antônio de Pádua Francis Kalume, concorreu ao cargo de prefeito pelo MDB. Dessa forma, buscamos compreender como este impresso atuou nesse contexto político, se ele partiu por um favorecimento desse político em suas matérias. Do ponto de vista de sua diagramação, estava organizado em colunas fixas e variáveis, seção para propagandas, avisos e editorial. Dentre os procedimentos metodológicos a serem utilizados destacamos a realização de uma análise crítica do jornal, pensando a sua materialidade e os discursos políticos de suas colunas dedicadas às questões políticas locais e nacionais, em diálogo com Jacques Le Goff, Michel de Certeau, René Remond, Tania Regina de Luca, Manoel Ricardo Arraes Filho, Roberto John Gonçalves da Silva, Marialva Barbosa, entre outros.

**Palavras-chave:** Política, História, Imprensa.

## ABSTRACT

The Floriano Journal was founded in the city of Floriano, in the southern state of Piauí, in 1975. Owned by the Kalume Printing and Publishing Company, the publication operated until the year 1986. The proposed work aims to understand how this newspaper addressed socio-political and economic issues of the period in which it circulated, with an emphasis on its use as a local political platform. Specifically, I propose to examine the first two years of the newspaper's operation. The chosen time frame highlights the changes that occurred in the periodical, considering the local electoral disputes involving the MDB and ARENA. In these disputes, particularly between 1975 and 1976, one of the owners of the Floriano Journal, Antônio de Pádua Francis Kalume, ran for the position of mayor under the MDB. Therefore, we seek to understand how this publication operated in this political context and whether it showed bias towards this politician in its articles. In terms of its layout, it was organized with fixed and variable columns, sections for advertisements, notices, and editorials. Among the methodological procedures to be used, we highlight the critical analysis of the newspaper, considering its materiality and the political discourses in its columns dedicated to local and national political issues, in dialogue with Jacques Le Goff, Michel de Certeau, René Remond, Tania Regina de Luca, Manoel Ricardo Arraes Filho, Roberto John Gonçalves da Silva, Marialva Barbosa, among others.

**Keywords:** Politics, History, Press.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Cidade Cenográfica de Floriano.....	17
<b>Figura 2:</b> Gráfica Kalume, local administrativo do <i>Jornal de Floriano</i> .....	23
<b>Figura 3:</b> Figura 3: Fotografia de Milad à esquerda sendo segurado por seu filho Antonio de Pádua Francis Kalume, e sua esposa Malaque na fotografia à direita sendo segurada por uma mulher que não foi reconhecida.....	30
<b>Figura 4:</b> Figura 4: Matéria referente ao ano de 1975 pelo <i>Jornal de Floriano</i> .....	62
<b>Figura 5:</b> Demonstração de como o jornal buscou fixar nos leitores a imagem de Antonio de Pádua Kalume.....	88

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
Capítulo 1 A CIDADE, O JORNAL, OS ESCRITORES E A POLÍTICA PIAUIENSE DURANTE O PERÍODO MILITAR.....	18
1.1 Floriano.....	18
1.2 O Jornal.....	24
1.3 Aqueles que escreveram no <i>Jornal de Floriano</i> .....	27
1.4 A política piauiense durante o período militar.....	36
Capítulo 2 POLÍTICA E JORNALISMO PIAUIENSE: Do desenvolvimento da imprensa até Floriano na década de 1970.....	42
2.1 Jornal como fonte histórica.....	42
2.2 Um breve olhar sobre o desenvolvimento da imprensa piauiense.....	45
2.3 Imprensa e política piauiense.....	50
2.4 <i>Jornal de Floriano</i> entre permanências e mudanças.....	57
CAPÍTULO 3 JORNAL DE FLORIANO E O PROCESSO ELEITORAL DE 1976... 70	
3.1 Entrevistas, conflitos políticos e escolhas partidárias.....	70
3.2 Cururu: barulho, humor e crítica.....	79
3.3 Eleições de 1976 no <i>Jornal de Floriano</i> : Ademar Pereira da Silva e “Arena Doida/Arena Preta”.....	83
3.4 Eleições de 1976 no <i>Jornal de Floriano</i> : Antônio de Pádua Francis Kalume e o MDB.....	87
3.5 Vitória da “Arena Doida” e o Jornal de Floriano.....	93
Considerações Finais.....	97
REFERÊNCIAS.....	102

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado surge da vontade de contribuir com as produções acadêmicas referentes ao período militar brasileiro, principalmente àquelas que focam no uso da imprensa como fonte de análise. Visamos ampliar os estudos sobre a política piauiense dando ênfase aos processos políticos que ocorreram em Floriano, em escala menor direcionaremos nosso olhar para compreender como se estruturava a política estadual no mesmo período, isso se torna relevante, pois ao procurar estudos sobre este período histórico no Piauí, não encontramos nenhum material que trate da cidade de Floriano. Essa dissertação tem como recorte espacial a cidade de Floriano e como fonte o *Jornal de Floriano*, visamos contribuir com os estudos acerca do uso de periódicos como instrumento político das elites locais. Optamos pelo recorte cronológico entre os anos de 1975 e 1976. Tal escolha teve como referência o primeiro ano de fundação do *Jornal de Floriano*, lançado no ano de 1975 e seguimos até o ano seguinte de 1976, ano onde ocorreram eleições municipais e foram assiduamente cobertas pelo jornal. Como objetivos temos como propósito geral compreender quais foram as mudanças que aconteceram dentro do *Jornal de Floriano*, nos anos de 1975 até o ano de 1976, dessa forma partimos de um momento em que o jornal tenta se configurar como um jornal neutro, em relação a questões políticas, a um período em que ocorreu um envolvimento direto de um dos donos do jornal no pleito eleitoral, com isso visamos compreender como o envolvimento desse político se refletiu nesse periódico. Adentrando a pesquisa buscamos historicizar o contexto político em que o *Jornal de Floriano* surge, analisar as condições de funcionamento e circulação do jornal, assim como a linha editorial e dos discursos políticos que eram apresentados nele.

Antes de entendermos os pormenores da dissertação, apresento um pouco do trabalho de bastidores envolvido na construção desta pesquisa. O embrião do projeto de pesquisa, que veio a se transformar neste trabalho começou a ser pensado com minha mudança para a cidade de Floriano, fato que aconteceu no final de 2018. Neste ano minha companheira ingressou no serviço público como professora na Universidade Estadual do Piauí, no campus Dr.<sup>a</sup> Josefina Demes, localizado na cidade de Floriano. Chegando lá iniciei uma procura por algum objeto, fonte, ou algum problema historiográfico que poderia ser pensado e trabalhado em algum projeto de mestrado.

Ouvi muitas ideias e histórias locais que permeavam a memória dos moradores e professores da cidade. Entretanto, a maior parte das questões que me chamavam atenção esbarravam em uma problemática da localização de fontes. Foi quando conheci o Centro Cultural Sobral, localizado na Avenida Getúlio Vargas nº 181, em cima da loja Peta Importados. Esse espaço pertence à família Sobral e é gerido por Teodoro Sobral. Esse local funciona e se configura como um espaço construído para preservação da memória de Floriano e da família Sobral. Lá encontrei uma série de documentos, como fotografias, livros, jornais. Pesquisando nesse acervo localizei uma série de tomos que continham compilados de um periódico denominado de *Jornal de Floriano*, contendo edições lançadas entre os anos de 1975 até o ano de 1986.

Neste mesmo período conheci o professor Daniel Castello Branco Ciarlini e Erika Ruth Melo da Silva, que desenvolviam um trabalho de digitalização de fontes hemerográficas em diversos locais do Piauí e na época estavam por iniciar esse trabalho na cidade de Floriano com os jornais que existiam nos arquivos da família Sobral. Fui convidado por eles a entrar no projeto e iniciamos a digitalização dessas fontes, que continham tanto o *Jornal de Floriano* como outros jornais que circularam em Floriano desde a década de 1910.

A digitalização dessas fontes ocorreu ao longo do ano de 2019 e se mostrou crucial para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois o ano de 2020 foi marcado pela pandemia de Covid-19. O que dificultou, entre outras coisas, o acesso físico a arquivos públicos. Este foi o menor de nossos problemas, a pandemia de Covid-19 aconteceu em meio a gestão presidencial de Jair Messias Bolsonaro, esse que em diversos períodos de seu governo apresentou uma postura de descaso com essa crise sanitária, além de defender de forma aberta a ditadura militar brasileira instaurada em 1964. Dessa forma, esse trabalho foi pensado em um contexto político em que o ocupante do maior cargo público brasileiro se dizia como um defensor de um regime ditatorial.

Unindo essas fontes com um desejo de desenvolver uma pesquisa historiográfica em uma pós-graduação, em um contexto de governo federal que se considera uma continuidade da ditadura militar instaurada em 1964 no Brasil. Esses foram os ingredientes que me levaram a iniciar o desenvolvimento dessa pesquisa.

O *Jornal de Floriano* foi fundado na cidade de Floriano, sul do Estado do Piauí, em 1975. Propriedade da Gráfica e Editora Kalume<sup>1</sup>, o impresso funcionou até 1986. Com

---

<sup>1</sup> Esta Gráfica e Editora pertencia aos irmãos Antônio de Pádua Francis Kalume, Gabriel Kalume, José Afonso Kalume (Diretores do Jornal) e Pedro de Alcântara Kalume (Redator Chefe).

o slogan “Um Órgão a serviço da Região Sul do Piauí”. O Jornal se apresentava como um espaço para distintas opiniões, sem nenhum tipo de vinculação partidária. O impresso era vendido aos domingos pelo preço por exemplar de 2 cruzeiros. Também oferecia assinatura anual por 110 cruzeiros<sup>2</sup>. Do ponto de vista de sua diagramação, estava organizado em colunas fixas e variáveis, seção para propagandas, avisos e editorial. Dentre das colunas fixas o *Jornal de Floriano* mantinha: Esporte, Opinião, Economia, Notas da Capital, Feminina, Marizaura Comenta, Politicando, Censura Livre, A Família e Cururu<sup>3</sup>.

Pela análise do *Jornal de Floriano* percebemos que houve uma significativa mudança e um maior posicionamento político do periódico a favor do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Se nos seus primeiros números, principalmente até o 18, havia certa preocupação em trazer em suas páginas as opiniões e críticas tanto a ARENA como ao MDB, fica claro que a partir de 1976 a posição política do jornal se torna muito mais evidente. Esta transformação ocorre quando o proprietário do periódico, Antônio de Pádua Francis Kalume, lança sua candidatura para prefeito do município de Floriano em 1976<sup>4</sup>. O início dessa construção do jornal como ferramenta política de um de seus fundadores pode ser observado na resposta publicada pelo periódico em 1976 contra as matérias publicadas no *Jornal do Piauí*, *Jornal O Dia* e *Jornal O Estado*<sup>5</sup>, a seção livre do *Jornal de Floriano* protestava contra o que eles denominaram de “política baixa de falsários da imprensa a serviço de inescrupulosos arenistas”<sup>6</sup>.

Ultimamente a imprensa do Piauí, notadamente os jornais “O Dia”, o “Estado” e o “Jornal do Piauí” vem se preocupando em divulgar notícias infundadas sobre as atividades do Movimento Democrático Brasileiro – MDB em nossa cidade como que teleguiados, procuram confundir deslavadamente a opinião pública [...] Para criar um clima negativo em torno da campanha simpática do MDB, se prendem esses falsários da imprensa a acontecimentos relacionados com o último comício do MDB, no qual inúmeras pessoas que participavam de uma passeata foram vítimas da gritante falta de conduta política dos dirigentes de uma tal “Arena Doida Demais”, as arruaças, porém, foram imputadas ao MDB<sup>7</sup>.

---

<sup>2</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 1, 26 de outubro de 1975, Floriano, Piauí.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº44, 22 de agosto de 1976, Floriano, Piauí.

<sup>5</sup> De acordo com Regianny Lima Monte, esses jornais faziam parte da “grande imprensa” piauiense, atuando na promoção do governo militar, de quem recebia subvenção e patrocínio. Ver mais em: MONTE, Regianny Lima. Entre táticas e estratégias: a relação do Estado autoritário com a imprensa escrita em Teresina durante os anos 1970. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTOS, M. L. S.; MONTE, Regianny Lima (Org.). **Diluir Fronteiras**: interfaces entre História e Imprensa. 1ªed.Teresina: EDUFPI, 2011, v. 1, p.111.

<sup>6</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº48, 19 de setembro de 1976, Floriano, Piauí.

<sup>7</sup> Idem.

Além de opinar sobre questões locais, o jornal se posicionava sobre assuntos colocados no debate nacional. Na edição nº 216, por exemplo, na manchete “O Ministro da Democracia” escrita por Carlos Eduardo Novaes podemos perceber claramente essa posição. Nela o jornalista indaga, em tom irônico, a abertura de novos ministérios pelo governo federal. “Primeiro foi o da Comunicação Social, depois veio o da Desburocratização, agora fala-se no Ministério da Economia”<sup>8</sup>, o que era injustificável para o autor devido ao contexto de crescimento populacional e crise econômica no país. Nesse sentido sugere Novaes: “Por que não criar o Ministério da Democracia? [...] poderia até, quem sabe, chamar-se Ministério da Desditatoriarização”<sup>9</sup>.

É acertado dizer que temos um jornal que se insere nos principais debates políticos da época, se posiciona e se torna mais radical ao longo da década de 1980. É também um impresso ainda presente na memória social local de Florianópolis<sup>10</sup>. A trajetória do *Jornal de Florianópolis* está inserida numa complexa realidade local, marcada por disputas políticas, que emergem em suas colunas, manchetes e editoriais, numa relação indissociável com a política nacional. O *Jornal de Florianópolis* funcionou como veículo de informações sobre política, economia, propaganda, cultura e cotidiano de Florianópolis, com isso conseguimos uma testemunha do passado dessa cidade, que desenvolveu uma narrativa a respeito desses temas seguindo vieses, necessidades, e desejos que agradassem seus leitores, seu corpo editorial e empresarial, que nesse caso era constituído pelas mesmas pessoas.

Tania Regina de Luca, em *História dos, nos e por Meio dos periódicos*<sup>11</sup>, aborda como a imprensa começou a ser vista no final da década de 1960 pela historiografia brasileira. Segundo a autora, historiadores como José Honório Rodrigues, Jean Glénisson e Ana Maria de Almeida Camargo trataram com certa desconfiança a imprensa como fonte para pesquisa histórica.

Foi somente a partir da década de 1970, com historiadores como Arnaldo Contier, Maria Helena Capelato, Maria Ligia Prado e Vavy Pacheco, entre outros, que a historiografia brasileira passou a olhar para a imprensa como uma fonte e objeto crível

---

<sup>8</sup> *Jornal de Florianópolis*. Ano 5, Nº216, 6 a 12 de janeiro de 1980, Florianópolis, Piauí. p. 6.

<sup>9</sup> Idem. p. 6.

<sup>10</sup> DEMES, Josefina. **Florianópolis**: sua História, sua gente. Teresina: Halley, 2002.

<sup>11</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). **Fontes históricas**. - 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

para construção do conhecimento científico, num contexto de alargamento da noção de documento advindo com a Nova História francesa.<sup>12</sup>

Apesar da historiografia brasileira ter reconhecido o valor das fontes impressas na década de 1970, elas só vieram a se popularizar na década seguinte. “A importância da palavra impressa nos periódicos está plenamente assente. O seu uso generalizou-se a ponto de se tornar um dos traços distintivos da produção acadêmica brasileira a partir de 1985”<sup>13</sup>. A desconfiança que outrora permeava essas fontes é superada, a partir desse ponto os historiadores brasileiros passaram a olhá-las munido da crítica documental, entendendo que não há fonte que carregue em si uma objetividade passível de torná-la mais ou menos “confiável”.

Para além do que está escrito nos jornais, nós encontramos aquilo que faz suas engrenagens funcionarem e que direcionam seu rumo. Regianny Lima Monte, ao analisar a relação existente entre os representantes do poder público estadual e a imprensa escrita durante os anos de 1970 no Estado do Piauí, entende que o jornal deve ser usado a partir das ferramentas metodológicas certas, problematizar não só aquilo que está escrito, mas também o modo como ele é produzido, sua comercialização e sua editoração. Nesse sentido, Monte afirma que o olhar crítico, atento e desconfiado do historiador o ajudará a fugir da ingenuidade da busca pela objetividade pura, para então compreender os interesses políticos e econômicos que envolvem a produção do documento.<sup>14</sup>

Está problemática das fontes impressas também é pensada por Tania Regina de Luca, que ao defender o uso dos periódicos para a escrita historiográfica adverte que “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê”<sup>15</sup>. Com isso essa fonte exige um olhar aguçado daquele que a procura, pois algo publicado em um jornal é cercado por escolhas políticas, econômicas e sociais, como todo documento.

---

<sup>12</sup> Ibidem, p, 118.

<sup>13</sup> Ibidem, p, 130.

<sup>14</sup> MONTE, Regianny Lima . Entre táticas e estratégias: a relação do Estado autoritário com a imprensa escrita em Teresina durante os anos 1970. In: Francisco Alcides do Nascimento; Maria Lindalva Silva Santos; Regianny Lima Monte. (Org.). **Diluir Fronteiras**: interfaces entre História e Imprensa. Ied.Teresina: EDUFPI, 2011.

<sup>15</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). **Fontes históricas**. - 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008, p. 132.

Sabrina Steinke<sup>16</sup>, em seu estudo sobre a repressão política no Piauí, problematiza a carência de estudos sobre a ditadura militar que não se direcionem para grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo já encontramos alguns trabalhos que abordam o período da ditadura militar brasileira no Piauí, como os de Alessandra Lima dos Santos e Cláudia Fontineles, que ao analisarem o jornal *O Liberal*, se propuseram a compreender como este periódico direcionou sua crítica política às esferas de poder de Teresina, especificadamente, aos prefeitos Jofre de Rego Castelo Branco e Raimundo Medeiros, bem como ao governador do Estado do Piauí, Helvídio Nunes.<sup>17</sup> Contudo, os trabalhos que vêm se desenvolvendo no Piauí, que abordam a política piauiense durante o período militar na maior parte dos casos tem como recorte a capital Teresina, ou Parnaíba. Ao descentralizar nosso foco, buscamos interiorizar nossa pesquisa, trazendo essa problemática para a região sul do Piauí.

Do ponto de vista teórico partiremos para o uso da imprensa como fonte e objeto da história se consolida na produção historiográfica brasileira apenas a partir da década de 1970<sup>18</sup>. Para Tania Regina de Luca, a ampliação do campo de preocupação dos historiadores com a chamada “terceira geração” dos Annales trouxe novos aportes teóricos, novos sujeitos e objetos para a escrita da História. Nesse contexto de “crise”, a própria noção de documento passa por questionamento, como problematiza Jacques Le Goff<sup>19</sup>. A objetividade e neutralidade, problematiza Le Goff, não é inerente aos vestígios do passado, logo, todo documento é monumento<sup>20</sup>, uma construção carregada de intenções. Nesse sentido, compreendemos que para a análise dos discursos presentes nas colunas políticas do *Jornal de Floriano* será necessário pensar a própria natureza da fonte impressa, seus limites e possibilidades para a o fazer historiográfico.

A fim de compreender os processos políticos apresentados no *Jornal de Floriano*, a noção de político também precisa ser delimitada nesse trabalho. Para esse fim nos é cara

---

<sup>16</sup> STEINKE, S. A repressão política durante a ditadura civil-militar de 1964 no Piauí relatada no acervo da Comissão de Anistia. In: **XI Encontro Regional Nordeste de História Oral**. Fortaleza, Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral, 2017.

<sup>17</sup> SANTOS, Alessandra Lima dos.; FONTINELES, C. C. S. Por uma imprensa política sem hostilidade e sem bajulação na década de 1970?. In: **IV Simpósio de História da UESPI: cultura política contemporânea e direitos humanos**, 2018, Teresina. Anais do IV Simpósio de História da UESPI: cultura política contemporânea e direitos humanos. Teresina: FUESPI, 2019. p. 24-24.

<sup>18</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). **Fontes Históricas**. - 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>19</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

<sup>20</sup> Ibidem.

as problematizações feitas por René Rémond<sup>21</sup> sobre o “retorno” da História política. Ao questionar o ostracismo a que os historiadores franceses da Nova História haviam imposto à história política, devido ao seu suposto caráter eminentemente presentista, Rémond delimita a diferença entre História do presente e História política. Para o autor, “o interesse pelo político não é próprio da história recente e o político não está exclusivamente ligado à proximidade do tempo”<sup>22</sup>. Essa renovação da história política apresentada por Rémond procura demonstrar o distanciamento daquela suposta predileção para o efêmero e apresentar os caminhos que levaram a emergir uma nova escrita da história política, seja através da releitura de temas tradicionais, como partidos, eleições, guerras, biografias ou através de novos objetos, como a mídia, a opinião pública, o discurso<sup>23</sup>.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, ao longo dos quais desenvolvemos a hipótese de que o Jornal de Floriano serviu como ferramenta política nas disputas eleitorais locais. No primeiro capítulo partimos de uma apresentação da cidade Floriano e sua relevância, buscamos compreender como essa cidade se inseriu no jogo político, cultural e econômico no estado do Piauí durante os anos de vigência da ditadura militar brasileira. Também apresentamos o *Jornal de Floriano*, nossa fonte principal de pesquisa, demonstramos como ele surge, a que fins ele se apresentava, a que grupos políticos ele estava atrelado, que tipo de jornalismo ele visava desenvolver, sua organização relativa à distribuição dos temas abordados, por meio de suas colunas fixas e variadas, assim como valores, tamanho e dia em que esse periódico circulava. De uma forma geral apresentamos a fonte em seus pormenores que vieram a conduzir a produção dessa dissertação. Também tentamos compreender quem eram aqueles indivíduos que estavam envolvidos na produção desse jornal, para isso se fez necessário recorrermos a textos de cunho memorialístico, que retratam a formação da cidade de Floriano e o papel da família Kalume, proprietária do jornal. Visando fechar esse capítulo, partimos para uma discussão política onde introduzimos nossa pesquisa no contexto histórico político, em que o Piauí se encontrava durante o período militar, essa breve discussão se inicia nesse capítulo e irá ser retomada e expandida nos capítulos seguintes. Abordamos a construção e manutenção do poder político por parte das oligarquias piauienses, exploramos o

---

<sup>21</sup> RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> Ibidem.

bipartidarismo durante o governo militar, apresentamos a figura de Petrônio Portella e sua influência política dentro e fora do Piauí.

No segundo capítulo analisamos o ano de 1975 e parte do ano de 1976 do *Jornal de Floriano*. Damos ênfase às colunas que abordam questões políticas, principalmente políticas locais, sem deixar de lado acontecimentos políticos nacionais e estaduais. Partiremos de uma discussão historiográfica a respeito do uso de jornais como fonte histórica, com uso de autores como Tânia Regina de Luca, José Barros de Assunção, Nelson Werneck Sodré e Maria Helena Rolim Capelato. Na sequência desenvolveremos uma discussão a respeito do desenvolvimento da imprensa piauiense, que se deu de duas formas distintas uma literária e outra política, daremos ênfase para o braço da imprensa que se desenvolveu de uma forma política. Por fim, partiremos para uma análise do processo de mudança ocorrido entre a primeira edição desse periódico até o aparecimento dos primeiros sinais de uma tomada de lado político deste jornal.

Com isso buscaremos compreender como esse jornal que se apresentava como um jornal isento, desvinculado de grupos políticos, passou para uma abordagem que favorecia o MDB em detrimento da ARENA, nas eleições locais. Eleições essas em que Teodoro Sobral Kalume, um dos donos desse jornal, concorreu à prefeitura pelo MDB. Analisaremos também a forma como o jornal se apresenta aos seus leitores, para isso elaboramos uma discussão entre as transformações que o jornalismo sofreu na década de 1950 no Brasil, passando de um jornalismo opinativo com base no jornalismo francês, para um jornalismo que se coloca como informativo com base no jornalismo praticado nos EUA. Essa discussão se faz presente devido a forma como o *Jornal de Floriano* se apresentava, como um jornal moderno, que se encontrava inserido em um modelo jornalístico contemporâneo, baseado na neutralidade na forma de retratar as questões que eram publicadas em suas páginas, como se fosse um retrato fiel da realidade que o cercava.

No terceiro e último capítulo analisaremos as edições publicadas no ano de 1976 do *Jornal de Floriano*, com isso iremos em nossa pesquisa o total de 61 edições publicadas por esse periódico. Iniciaremos o capítulo final com uma série de entrevistas que foram vinculadas no jornal no início do ano de 1976, com elas conseguimos compreender como se configurava o processo político em Floriano, pois elas foram elaboradas com membros políticos da Arena e do MDB. Na sequência direcionaremos nosso olhar para entender o papel do cômico alinhado a política apresentado pela *Coluna do Cururu*, no jornal onde ele serviu como ferramenta de contestação, sátira, ironia ao

trazer críticas a gestão de Manoel Simplicio, prefeito a época, e ao rival político de Antonio de Pádua Francis Kalume, Ademar Pereira da Silva.<sup>24</sup> Partimos então para a compreensão de como o *Jornal de Floriano*, apresentava Ademar Pereira e a ala política que ele pertencia. Com isso traçaremos paralelos e diferenças na apresentação desse periódico ao tratar de Antonio de Pádua Kalume, ao longo da corrida eleitoral. Passaremos por uma análise de como se deu o período final da eleição, como o jornal apresentou o resultado eleitoral e como foram tratadas as questões políticas no período pós-eleitoral nesse periódico.

De modo geral esse trabalho ajudará a compreender as relações e conflitos da política local florianense durante a ditadura militar e o papel do *Jornal de Floriano* como veículo político desse processo. O *Jornal de Floriano* serviu como fonte importante para a compreensão do contexto político local e nacional que foi construído através de suas colunas, sem, contudo, perder de vista a natureza contraditória, conflitiva e enunciativa desses discursos. Nesse sentido, portanto, se faz necessário observarmos como os jornalistas deste periódico se apropriavam do material para imprimir neles suas escrituras. Segundo Certeau, escritura é “[...] a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado”<sup>25</sup>. Nesse sentido, os discursos e representações sobre a ditadura civil-militar veiculadas no *Jornal de Floriano* tinham um direcionamento e uma intencionalidade, atendendo aos interesses de classe do grupo editorial. Assim, a partir do conceito de *economia escriturística* de Certeau, é preciso considerarmos o texto como uma operação e, dessa forma, devemos estar atentos ao lugar social a partir do qual falam os sujeitos sociais<sup>26</sup>, bem como as práticas que norteiam o fazer jornalístico deste período.

Como afirma Denilson Botelho em “Por uma história Social da Imprensa”, “Mais do que uma fonte, é preciso considerar que a partir da imprensa e do ambiente midiático se constrói a dinâmica da vida social e se elabora uma memória social e coletiva”<sup>27</sup>. Portanto, nossa metodologia parte de uma análise crítica do *Jornal de Floriano*, problematizando o lugar que este ocupava dentro da sociedade florianense, o lugar social de seus proprietários e jornalistas, para assim analisar suas colunas políticas, e as

---

<sup>24</sup> O **Jornal de Floriano**, ao tratar de Antonio de Pádua Francis Kalume e Ademar Pereira da Silva o faz abreviando para Antonio de Pádua Kalume e Ademar Pereira, portanto seguiremos com essa abreviação ao tratar desses indivíduos.

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008, p.225.

<sup>26</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Universitária, 1982, p. 65-109.

<sup>27</sup> BOTELHO, Denilson. Por uma história social da imprensa. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (et all) (orgs.). **Diluir fronteiras**: interfaces entre história e imprensa. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 19.

mudanças que estavam envolvidas no decorrer dos dois primeiros anos de funcionamento desse periódico.

Essa pesquisa foi construída na Universidade Federal de Campina Grande na linha 2, denominada História, Cultura e Identidades. Linha essa que tem como escopo uma análise historiográfica pautada em questões culturais, sociais, política e relações de poder. Por meio de uma História Cultural, essa pesquisa se encaixa nas perspectivas dessa linha partindo de uma base historiográfica com origem na Nova História Cultural Francesa, em diálogo com autores como René Remond, Michel de Certeau, Jacques Le Goff, para pensar questões de poder e política presentes nas disputas políticas envolvendo parte da elite política de Floriano, Piauí, entre 1975 – 1976, e que foram narradas no Jornal de Floriano.

## Capítulo 1 A CIDADE, O JORNAL, OS ESCRITORES E A POLÍTICA PIAUIENSE DURANTE O PERÍODO MILITAR

### 1.1 Floriano

A cidade de Floriano se encontra na região sudoeste do estado do Piauí<sup>28</sup>, conhecida pela alcunha de “Princesa do Sul” ou “Princesinha do Sul”. Esse nome pode nos remeter a um erro geopolítico, como vemos no estudo de Manoel Ricardo Arraes Filho *Oligarquias e Elites Políticas no Piauí 1982 – 1995*. O Piauí apresentava distintos polos políticos que se configuravam seguindo as condições socioeconômicas de cada região do Estado. “De forma geral, houve uma urbanização acelerada, mas sem um processo de industrialização de igual magnitude. A maioria das cidades piauienses, além de pouco desenvolvidas, são pequenas, e as atividades produtivas possuem características mais rurais do que urbanas.”<sup>29</sup> Dessa forma, locais menos desenvolvidos criavam um ambiente que permitia a perpetuação de uma elite oligárquica no domínio do poder político. A região Sul apresentava uma configuração rural e agrária, ao passo que a região Norte era em grande parte urbanizada e concentrava a maior parte das indústrias do Piauí. A região centro sul do Estado onde Arraes Filho encaixa a cidade de Floriano e Picos apresentava um desenvolvimento industrial tímido, porém maior que o da região Sul em contrapartida menor do que da região Norte. Entretanto como veremos adiante, a Princesa do Sul mantinha uma configuração economicamente agrária, no período em que estudamos.

Floriano se apresenta de forma estratégica, atuando como um polo comercial, um polo de saúde, um polo de lazer e de educação, dessa forma Floriano atende não só as necessidades dos cidadãos da região sul e sudeste do Piauí, assim como regiões próximas e de outros estados, como o Maranhão.<sup>30</sup> Com uma população estimada de 60.111 mil habitantes, distribuídas em uma área territorial de 3,407,979 km<sup>2</sup>, Floriano se localiza na região sudoeste piauiense fazendo divisa com a cidade de Barão do Grajaú, localizada no Maranhão. Esta divisão se faz pelo Rio Parnaíba, sua distância da capital Teresina é de 240 quilômetros.

---

<sup>28</sup> Informações disponíveis no site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/floriano/panorama>. Acessado em 19/03/2022.

<sup>29</sup> ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. **Oligarquias e elites políticas no Piauí: 1982-1995**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000. p,50.

<sup>30</sup> Informações disponíveis no site <https://www.floriano.pi.gov.br/floriano.php>. Acessado em 19/03/2022.

A cidade de Floriano apresenta uma gama de eventos que tradicionalmente atraem os mais variados públicos do Piauí, regiões próximas como o 16º Encontro Nacional de Cinema e Vídeo dos Sertões de 2021, as tradicionais festividades de carnaval e o evento mais grandioso, a encenação da Paixão de Cristo.

Sobre esse último evento vale narrar um pouco mais. A Paixão de Cristo de Floriano chegou no ano de 2023 em sua 28ª edição com o slogan de ser “A Maior Semana Santa do Brasil”. Evento este que ocorre todo ano no mês de abril, com peça apresentada no Teatro Cidade Cenográfica, pelo grupo de teatro ESCALET.

Quem visita Floriano percebe de imediato o Teatro Cidade Cenográfica – um espaço de medidas grandiosas que reproduz, com uma aparência semelhante à árida Judeia, a Jerusalém do ano 33 a.C. Ali, em uma área de 55 mil metros quadrados cercada por uma muralha de pedras é apresentado o espetáculo Paixão de Cristo.<sup>31</sup>

Figura 1: Cidade Cenográfica de Floriano



Fonte: Página do jornal G1 do Piauí. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/04/17/paixao-de-cristo-em-floriano-espera-publico-de-20-mil-pessoas-durante-evento.ghtml>.<sup>32</sup>

<sup>31</sup>Informações disponíveis no site: <https://www.paixaodecristopi.com.br/index.php?pg=exibe2&id=2> acessado em 16/03/2022.

<sup>32</sup> A peça é apresentada a céu aberto, com entrada franca. É válido salientar que esse evento consegue atrair não só um grande público para a cidade, mas também um elenco renomado da dramaturgia brasileira como podemos ver na encenação de 2022. Temos Caio Blat, Suely Franco, Ernani Moraes, Leona Cavali e Ana Cecília Costa no elenco principal, podemos destacar outros nomes de peso que já passaram por essa peça Paulo Betti, Solange Couto e Carlos Vereza.

Sobre a economia de Floriano, ela se destaca como a 5ª maior economia do Piauí, o que se reflete em uma zona comercial bastante desenvolvida contando com lojas de grande porte como Magazine Luiza e Armazém Paraíba, além de uma vasta gama de comerciantes médios e pequenos. Nela também encontramos um dos poucos shoppings centers da região, o Floriano Shopping, o que contribuí não só para o desenvolvimento comercial como traz uma área de eventos e um cinema que estava ativo até pouco tempo. Mas, devido a pandemia não conseguiu se manter em funcionamento. Passando para os índices econômicos podemos compreender um pouco melhor como ela se configura economicamente:

Tabela 1: Composição do Produto Interno Bruto (PIB) de Floriano - 2019

<b>Atividade econômica</b>	<b>Valor bruto na composição do PIB (R\$)</b>
Agropecuária	16.838,91
Indústria	139.097,84
Serviços	682.481,52
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	293.212,45

Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA.

Por meio dos dados recolhidos no site do IBGE<sup>33</sup>, percebemos que a renda per capita atual de Floriano vem em maior parte da prestação de serviços movimentando o total de 682.481,52 por ano na cidade. Ao passo que o setor industrial, agropecuário e administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social juntos chegam ao total de 432.310,29. Dessa forma, do ponto de vista econômico, a cidade não tem uma dependência muito forte do setor agrário, o setor industrial não demonstra muito robusto, mas o setor de comércio e serviços se apresenta como o grande movimentador financeiro de Floriano.

Esse desenvolvimento econômico se reflete na área de saúde da cidade, o que ficou bem evidente durante a pandemia de covid-19, onde Floriano se transformou em uma das áreas centrais para o tratamento dessa doença no Piauí. “O hospital regional atende todo o sul do estado do Piauí e recebe cerca de 500 mil pacientes por ano na cidade.

<sup>33</sup>IBGE, informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/floriano/pesquisa/38/47001>. Acessado em 18/03/2022.

Durante a pandemia, chegaram ao local pessoas da capital Teresina e de outros estados, como Maranhão e Pará.”<sup>34</sup> O hospital em questão é o Hospital Regional Tibério Nunes, essa nota informativa foi publicada no dia 14/05/2020 tratando do avanço que a cidade estava tendo com a administração do protocolo para atendimento de Covid-19. O que levou a visita da Ministra da Mulher, Família e dos Direitos Humanos Damares Alves a cidade. O que deu a cidade o apelido de “Capital da Cloroquina” após a divulgação desse protocolo de atendimento à Covid-19, que depois se mostrou sem eficácia cientificamente comprovada.

A educação é atendida por vastas instituições de ensino, desde a rede básica aos cursos de nível superior. Esse complexo educacional se reflete na pluralidade das instituições de ensino público como, a Universidade Federal do Piauí, a Universidade Estadual do Piauí e o Instituto Federal do Piauí. Há também instituições privadas, como a Faculdade de Floriano, Centro Universitário Internacional, Estácio, Centro Integrado de Ensino Superior de Floriano e tantas outras.

Desde a década de 1970, Floriano já se apresentava numa posição estratégica como polo educacional e de serviços para atendimento da população local e adjacente, que por meio desses serviços conseguiria desenvolver sua população para enfim desenvolver a cidade. Essa condição se reflete na capa do exemplar número 1 do *Jornal de Floriano*, jornal este que será a fonte principal para o desenvolvimento deste estudo. Na edição temos a seguinte capa: *A Cidade e seu Símbolo*.

Esta é a cidade em que vivemos: Floriano. Com ela, a dirigir-lhe o destino, seu símbolo inseparável: a fé. A fé que a acompanhou em todos os lances de sua trajetória histórica é a mesma fé que a anima projetando-a no cenário piauiense, como porta-voz de sentidas reivindicações de toda a região sul do nosso Estado, onde vem difundindo alvissareiras perspectivas de progresso e estabilidade econômica e social. Estabilidade e progresso que não se fazem de um ida para o outro, mas que fundam na fé inquebrantável de sua gente. Pois, é com o pensamento voltado para esta terra, e com base nessa mesma fé que anima o seu generoso povo, que hoje entregamos a Floriano este jornal, que tem por nome o da cidade que nos viu nascer. A Cidade e seu Símbolo – uma antevisão de auspiciosos futuro para a região que representa!<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup>Informações disponíveis no site: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministra-e-tecnicos-visitam-hospital-em-floriano-pi-para-conhecer-protocolo-de-atendimento-para-covid-19>.

Acessado em 19/03/2022.

<sup>35</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº1, 26 de outubro de 1975, Floriano, Piauí. p. 1.

Percebemos que essa narrativa não tem propriamente um caráter informativo, mas apresenta uma visão romântica e idealizada da cidade. Contudo percebemos nela diversos apontamentos que corroboram com a importância dessa cidade realçando a perspectiva de progresso e a estabilidade econômica e social dela, assim como a fé aparecendo como elemento de condução dos moradores e da cidade.

Dado que a nossa pesquisa tem um recorte temporal na década de 1970, compreendemos que é importante pensar a organização socioeconômica de Floriano nesse contexto. Segundo o IBGE da década de 1970, a população da cidade era de um total de 35.850 mil habitantes<sup>36</sup>, sendo um pouco mais da metade do que temos hoje. A fim de compreender como a economia florianense estava estruturada na década de 1970, usaremos também os dados do *VIII Recenseamento Geral – 1970*.

Tabela 2: Atuação profissional das pessoas acima de 10 anos em Floriano - 1970

<b>Setor de Atividade</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Total</b>
Agricultura, Pecuária silvicultura, extração vegetal caça e pesca	20.063	2.546	22.609
Atividades Industriais	3.037	236	3.273
Comércio e Mercadorias	1.514	398	1912

Fonte: Biblioteca IBGE, VIII Recenseamento Geral – 1970, Série Regional, Volume I – Tomo VI, página 198.

Devido à falta de dados precisos sobre os valores referente a economia de Floriano durante a década de 1970, como encontramos sobre os dias atuais, optamos pela utilização do Recenseamento Geral VIII de 1970. Esse documento apresenta diversos dados sobre o Piauí e esmiuça a situação trabalhista da cidade de Floriano, com esses dados construímos a tabela apresentada anteriormente. Com ela percebemos que a maior parte dos trabalhadores se concentravam em ofícios rurais sendo um total de 22.609, seguido de um número reduzido de trabalhadores industriais 3.273, e uma parcela ainda menor de comerciantes 1912. Esses trabalhos eram predominantemente feitos por homens, como apontam os dados, um perfil muito diferente de hoje, quando predomina a área de serviços como motor da economia.

Essa configuração rural vai em contra àquela apresentada por Oscar Siqueira Procópio em sua dissertação.

Em 1969, Floriano ocupava lugar de destaque como a terceira maior e mais importante cidade do Piauí, situada numa região geograficamente

<sup>36</sup>Acessado em <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CD77> . No dia 21/03/2022.

privilegiada, atendendo a demanda comercial e de serviços – nas áreas de saúde e educação, principalmente – de toda a região meio-norte do Brasil, abrangendo várias cidades do Piauí, do Maranhã e do Pará. [...], Floriano era a vitrine do que de melhor e mais moderno poderia se dispor neste longínquo rincão região do nordeste brasileiro e para onde se dirigiam os habitantes das regiões vizinhas em busca de melhores condições de vida e de estudos.<sup>37</sup>

Ao contrário do que aponta Procópio, o recenseamento Geral VIII de 1970, mostra que Floriano era uma cidade rural e não comercial. A visão do autor reproduz a memória construída pelas elites locais de que a cidade de Floriano se desenvolveu com a chegada dos árabes, devido a vocação comercial dessa população. O autor compartilha dessa memória em sua dissertação de mestrado, onde procura demonstrar os imigrantes árabes, sírios em maioria e em menor número libaneses, foram figuras centrais no desenvolvimento do comércio local de Floriano. Porém, os dados que apresentamos acima, na tabela 2, nos mostra um cenário diferente, bem mais rural do que urbano na década de 1970.

Essa configuração rural de Floriano se estendia para boa parte dos municípios do Piauí na década de 1970, perdurando durante toda a permanência do governo militar brasileiro sendo essencial para configuração do cenário político piauiense. Essa estrutura rural é explorada por Manoel Ricardo Arraes Filho em *Oligarquias e Elites Políticas no Piauí 1982 - 1995*, para analisar a ascensão e manutenção das oligarquias piauienses a partir da análise dos censos produzidos entre 1940 e 1990. O autor demonstrou que a população urbana do Piauí só conseguiu ultrapassar a população rural na década de 1990<sup>38</sup> ele atenta ainda que esse processo de urbanização se deu de forma irregular, com concentração nas regiões de Teresina, Campo Maior e Parnaíba.

Dessa forma, o Piauí se manteve como um Estado rural por quase todo o século XX, o que serviu como um modelador para a política no Estado favorecendo as elites locais, pois dessa forma permitia um cenário propício para a perpetuação de oligarquias que mantiveram o controle do poder político local e estadual. “Entre estas idiossincrasias estão o isolamento econômico, o compadrio, a grande propriedade fundiária e a tradição de algumas famílias políticas, um conjunto de práticas políticas e condições objetivas que

---

<sup>37</sup> PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano**. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006, p. 11.

<sup>38</sup> Dessa forma essa mudança só teria acontecido após o fim da ditadura militar instaurada em 1964 que durou até 1985.

dão vida ao processo oligárquico no Piauí.”<sup>39</sup> Isso se dava por meio de práticas patrimonialistas e de mandonismo que condicionavam a ação desses grupos.

Em Floriano perpetuou-se na memória local a narrativa de que a cidade se desenvolveu urbanamente desde a chegada dos primeiros imigrantes árabes, que teriam trazido o desenvolvimento com suas atividades comerciais. Porém, conforme apresentamos acima, a cidade permaneceu eminentemente rural até os anos de 1990. Essa configuração, contudo, não diminui a importância dela no cenário político econômico do Piauí. Pelo contrário, reforçou um padrão de poder ligado às oligarquias, que observamos para o período de recorte desta pesquisa, entre 1975 e 1976.

## 1.2 O Jornal

Um dos principais objetivos desta pesquisa é compreender como os donos do *Jornal de Floriano*, membros da elite econômica local, utilizaram este periódico nas disputas políticas que ocorreram em Floriano entre o MDB e a ARENA, no ano de 1976. Para alcançar esse objetivo se faz necessário compreender algumas questões que estão interligadas a esse periódico, como a forma como ele se organizava, quem estava envolvido na escrita das matérias, a quem ele se destinava e como ele se mantinha.

De propriedade da Gráfica e Editora Kalume Ltda. Moderno e de excelente impressão, contava com seções de esporte, medicina, charadismo, crônica social, vida religiosa e política, além de um suplemento infantil

O seu editorial, muito bem escrito, versava geralmente sobre assuntos de interesse da comunidade.

Recebia orientações dos irmãos Kalume, nas pessoas dos Drs. Gabriel, José Afonso, Pedro Kalume e Antônio de Pádua, o seu diretor responsável.

Teve como colaboradores Dr. Otto Martins, Dr. Salomão Chaib, Deoclécio Dantas, Josefina Demes, Maria Izaura Atem, Celso Barros, Rafael Rocha, Prof. Luiz Paulo entre outros.<sup>40</sup>

O *Jornal de Floriano* foi fundado em 1975, na cidade de Floriano, onde funcionou até o ano de 1986. Era propriedade da Gráfica e Editora Kalume Ltda, dos irmãos Kalume. Com o slogan: “Um Órgão a serviço da Região Sul do Piauí”, no primeiro volume encontramos o seguinte editorial.

---

<sup>39</sup> ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. **Oligarquias e elites políticas no Piauí: 1982-1995**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000. p. 29.

<sup>40</sup> DEMES, Josefina. **Floriano: Sua História, Sua Gente**. Halley S.A. Gráfica e Editora, 2002. p. 496.

Após quase cinco meses de intensos preparativos lançamos hoje o Jornal de Floriano- despretenso, sem dúvida, mas rico da fé que trazemos conosco na grandeza da terra que servirá e na generosidade do povo a que se destina[...] O Jornal de Floriano, como se observa, foge dos padrões tradicionais que orientam o jornalismo, não está vinculado a grupos políticos, locais ou não, que se não lhe cerceiam totalmente a liberdade de ação, pelo menos [ilegível] sua liberdade de pensamento. Liberto de preconceitos, independente de pessoas ou grupos, tem como objetivo primordial informar com lisura e dignidade. Se críticas forem feitas não visarão a fins subalternos, mesquinhos ou pessoais. Suas colunas estão abertas a todos aqueles que desejarem colaborar, externando seu pensamento, sem ofensas e com ética.<sup>41</sup>

O Jornal se apresentava como um espaço para distintas opiniões, sem nenhum tipo de vinculação partidária, o que não se mostrou de fato, como iremos analisar adiante. O impresso era vendido aos domingos pelo preço por exemplar de 2 cruzeiros, também oferecia assinatura anual por 110 cruzeiros<sup>42</sup> além de contar com venda de anúncios, destinadas principalmente ao comércio e serviços locais. Do ponto de vista de sua diagramação, estava organizado em colunas fixas e variáveis, seção para propagandas, avisos e editorial. Dentre das colunas fixas o *Jornal de Floriano* mantinha: Esporte, Opinião, Economia, Notas da Capital, Feminina, Marizaura Comenta, Politicando, Censura Livre, A Família, Entre Aspas e Cururu<sup>43</sup>.

Na segunda página de todos os volumes do jornal encontram-se as seguintes informações acerca da organização do *Jornal de Floriano*: Diretor responsável Antonio de Pádua Francis Kalume, redator chefe Pedro de Alcântara Kalume, Diretores Gabriel Kalume, José Afonso Kalume e Antonio de Pádua Francis Kalume, assim como o endereço da redação que se encontrava na Praça Coronel Borges, número 10 e o endereço da parte administrativa que ficava na rua José Messias, número 62.

---

<sup>41</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 1, 26 de outubro de 1975, Floriano, Piauí. p, 3.

<sup>42</sup> *Ibidem*. p, 2.

<sup>43</sup> *Idem*.

Figura 2: Gráfica Kalume, local administrativo do *Jornal de Florianópolis*



Fonte: Imagem retirada da dissertação de PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **Aprendendo com o outro: os árabes em Florianópolis**. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006, p. 86.

O *Jornal* também trazia, em letras garrafais, a seguinte frase: “OS ARTIGOS ASSINADOS SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES”<sup>44</sup>. Tal aviso nos leva a considerar duas possibilidades, sendo que elas não necessariamente se anulam. A primeira é de que essa isenção tinha como finalidade ter algum resguardo legal, visando evitar algum possível processo em nome do jornal. A segunda, de uma prevenção contra uma possível censura, pois o *periódico* foi lançado e circulou durante o período da ditadura militar brasileira, inclusive, durante a vigência do Ato Institucional número 5 (AI-5)<sup>45</sup>.

Apesar do *Jornal de Florianópolis* ser conduzido pela família Kalume, como vimos previamente, ele também contava com escritores e colaboradores em seu quadro fixo ou provisório. A coluna social era apresentada pela escritora Marizaura e fazia parte dela as colunas *Marizaura Comenta* e a coluna *Feminina*, onde eram abordadas questões referentes à sociedade florianense e temas que tradicionalmente eram atribuídos às mulheres, como moda e culinária.

---

<sup>44</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>45</sup> AI-5 foi o momento de institucionalização mais marcante do processo de repressão do governo militar brasileiro, instituído em 13 de dezembro de 1968, perdurou até o ano de 1978. No segundo capítulo elaboraremos uma discussão a respeito desse Ato Institucional.

*Notas da Capital* era uma coluna escrita por Deoclécio Dantas, nela encontramos questões gerais que aconteciam para fora da cidade de Florianópolis, onde o foco se dava principalmente em acontecimentos que se passavam na capital em Teresina. Na sequência encontramos o caderno de Esportes que era conduzido por J. Nunes que tratava principalmente de acontecimentos do esporte local. Já o caderno de *Economia e Negócios* era escrito por Teodoro Sobral Neto e nele era abordado tanto questões econômicas no aspecto micro local, como estadual e nacional.

Em *A Família*, coluna que era escrita por W. M. Rodrigues, nos deparamos com uma série de textos relacionados à pauta moral, de preservação e manutenção da família florianense. *Censura Livre*, por sua vez, era uma coluna conduzida por João Luiz Guimarães e apresentava os mais variados temas relacionados ao cotidiano de Florianópolis, podendo ter ou não questões políticas envolvidas. A coluna *Entre Aspas* era desenvolvida por J. Barbosa e trazia informações gerais e locais, ao passo que tecia críticas à diversas questões políticas e sociais que envolviam a cidade. Por fim temos a *Coluna do Cururu*. Ela aparece pela primeira vez no ano de 1976, na edição número 18 do *Jornal de Florianópolis*. Podemos dizer que essa coluna era a mais crítica e que se posicionava com ironia para apresentar os problemas de Florianópolis. Era comum encontrar no *Jornal de Florianópolis* notícias que não eram assinadas que eram apresentadas na capa, ou em alguma coluna variada.

### **1.3 Aqueles que escreveram no *Jornal de Florianópolis***

A fim de compreender quem eram esses indivíduos que fizeram parte do desenvolvimento do *Jornal de Florianópolis*, assim como suas famílias e um pouco mais a respeito de sua posição política na cidade de Florianópolis, partiremos da análise crítica de algumas obras de caráter memorialístico que arquitetaram uma memória acerca do papel de determinados grupos na construção da cidade. O uso dessas obras se faz por serem um dos poucos registros que encontramos sobre a sociedade e sobre a cidade de Florianópolis, portanto, utilizaremos as seguintes obras: *Flagrantes de Uma Cidade* de Luiz Paulo Lopes, *Florianópolis: Sua História, sua Gente* de Josefina Demes, *Coletânea de Casos e Casos* de José Bruno dos Santos e a *Coleção Florianense* volume 3,4,5 e 5 que é produzida pela Fundação Florianópolis Clube e organizada por Cristóvão Augusto Soares de Araújo Costa, Luís Paulo de Oliveira Lopes, Rosenilta de Carvalho Attem e Teodoro Ferreira Sobral Neto, assim como alguns domínios de internet que apresentam o mesmo caráter memorialístico.

Antes de apresentar essas obras se faz necessário o desenvolvimento de uma breve discussão sobre memória e história. Partiremos então com os apontamentos apresentados por Jacques Le Goff, em *História e Memória*, nos apresenta as principais mudanças que a historiografia sofreu no decorrer do século XX. Onde o autor inicia no capítulo *História*, trazendo as diferenciações da história para os ditos positivistas com os historiadores da *Escola dos Annales*, dando ênfase ao conceito de história para Marc Bloch, que define a história como a ciência dos homens no tempo. Ele prossegue com sua explicação explorando as transformações historiográficas e finaliza o capítulo com a seguinte proposição da história nos dias em que produzia seu texto.

O trabalho histórico e a reflexão sobre a história desenvolvem-se hoje num clima de crítica e desencanto perante a ideologia do progresso e, mais recentemente, de repúdio pelo marxismo, pelo menos do marxismo vulgarizado. Toda uma produção sem valor científico que só podia iludir pela pressão da moda e de um certo terrorismo político-intelectual perdeu completamente o crédito. Assinalemos que, em sentido contrário e nas mesmas condições, se gerou uma produção de pseudo-história antimarxista que parece ter tomado como bandeira o tema gasto do irracional.<sup>46</sup>

Não pretendemos com esse trabalho desenvolver uma vasta discussão sobre história e historiografia, nosso foco neste momento está em compreender como a memória se tornou um elemento da história e com isso iremos desenvolver nossa análise sobre os textos memorialísticos apresentados anteriormente. Ao analisarmos o conceito de memória e como ele foi se transformando no decorrer do tempo, alguns nomes acabam por se tornar comuns para compreender como este conceito se tornou caro aos historiadores, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Jacques Le Goff. Tais pensadores se tornam cruciais para a compreensão atual da memória e dos seus usos e abusos pelos historiadores, a fim de entendermos como esse conceito vem sendo utilizado pela historiografia atual recorreremos a Ecléa Bossi e José D' Assunção Barros.

José D' Assunção Barros, em seu texto *História e Memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço*, nos apresenta como o conceito de memória foi pensado pelos historiadores e como ele é compreendido na atualidade. A memória não é vista como algo estaque que pertence a um tempo passado, como um mero depósito daquilo que passou.

---

<sup>46</sup> Le Goff, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p, 129.

A memória se coloca assim como uma construção – tal como já se compreende desde há muito a Historiografia – e dar a perceber como essas duas construções podem interagir uma sobre a outra se constitui certamente em um dos desafios da historiografia do presente. É importante lembrar ainda como um dos desenvolvimentos recentes da reflexão sobre a Memória a noção de que esta se refere não apenas ao passado e ao Presente, mas também ao Futuro.<sup>47</sup>

A memória durante muito tempo foi compreendida como algo estático, um mero depósito de lembranças, passiva em essência e que somente serviria a História como fonte de pesquisa. Atualmente a memória é pensada como uma construção simbólica, que está atrelada à institucionalização de identidades que se encontram em constante construção, pois se insere em um território de disputas entre o que será lembrado e o que será esquecido.

Ela foi gradativamente introduzida na produção do conhecimento historiográfico até se consolidar como um ramo da história, a história oral, o que foi facilitado pela consolidação da História Problema, essa que ampliou as fontes e formas de compreender os fatos passados. José Barros D' Assunção coloca a década de 1980 como o período em que esse modo de se produzir história se consolidou como forma de se pensar o saber historiográfico.

Nesse mesmo período nós temos a publicação da obra de Jacques Le Goff *História e Memória*, onde entre os diversos capítulos encontramos aquele que se tornou peça central na forma como os historiadores passaram a pensar as fontes historiográficas, o verbete *Documento/Monumento*.

No início desse texto ele nos apresenta que o que sobrevive do passado não é o todo, tal como existiu, aquilo que se transporta até o presente e por fim preserva o passado é uma escolha, que é feita pelas forças que atuam no desenvolvimento temporal da humanidade.<sup>48</sup> Temos assim dois vestígios do passado, os documentos e os monumentos.

O monumento se consolidou como algo construído, uma estrutura física que evoca o passado coletivo das sociedades históricas, uma representação coletiva da memória do passado. O documento, por sua vez, se firma na história com os ditos positivistas, um elemento do passado uma prova histórica escrita daquilo que passou, uma escolha do historiador que valida aquilo que ele defende como uma verdade historiográfica.

---

<sup>47</sup> BARROS, José D' Assunção. História e Memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, Canoas, V. 3, n. 5, jan./jul. 2009. p.36.

<sup>48</sup> Le Goff, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.p.535.

Com o passar do tempo, novas formas de se pensar e produzir o conhecimento historiográfico foram se firmando, os *Annales*, os Marxistas, a História Cultural, a Nova História Cultural, História de gênero, a História Oral entre outras. Foram surgindo e a noção de fonte como documento físico, oficial, que validava uma verdade histórica foi ficando de lado e dessa forma houve uma ampliação no conceito do que vinha a ser um documento e uma fonte histórica e a compreensão de que estes documentos que sobrevivem ao tempo, não são produzidos e nem sobrevivem ao acaso.

O documento então passou a ser compreendido como um monumento, e por isso deve ser analisado com os mesmos critérios que ele. “O documento é monumento. Resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.”<sup>49</sup> Portanto, não existe um documento-verdade, que retrate exatamente aquilo que veio do passado de forma verossímil, pois o documento é sobretudo um instrumento produzido por aqueles que detém as conjunturas de poder.

Esse novo olhar trouxe uma ampliação no conceito de documento, o que Le Goff denomina de revolução documental, que ampliou o olhar sobre o que passa a ser um documento historiográfico. O documento se transforma em qualquer vestígio do passado ao qual o historiador irá lançar seu olhar historiográfico, para então analisar esse vestígio do passado de maneira crítica e dessa forma introduzir essa fonte, após esse processo em suas análises sobre o passado.

Essa ampliação documental permitiu o surgimento de novas formas de se pensar o saber historiográfico como no caso da História Oral.

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.<sup>50</sup>

A memória oral não é algo historicamente acurado, se for recebida de maneira crua sem uma análise historiográfica, porém ela pode vir a ser uma importante fonte de retorno ao passado se tratado com rigor que as fontes devem ser tratadas. “Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a

---

<sup>49</sup> Ibidem. p.548.

<sup>50</sup> BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p, 15.

incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época.”<sup>51</sup>

Nesse sentido, ao analisar os textos de cunho memorialísticos adiante, levaremos em consideração a memória produzida e reproduzida por essas narrativas que não são frutos de um trabalho historiográfico, mas representam a construção que parte da elite local de Floriano construiu sobre si, especialmente no que tange à participação dos descendentes das famílias árabes, como é o caso da família Kalume, no desenvolvimento da cidade.

A mesma preocupação acima apresentada direcionaremos à análise da dissertação “*Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano*”, de Oscar Siqueira Procópio, pois ele acaba reforçando a narrativa produzida nos textos memorialísticos da cidade, sem nenhuma crítica histórica. O autor elabora um estudo sobre a chegada dos imigrantes árabes em Floriano, usando como fonte principal para sua pesquisa relatos orais, porém não encontramos em seu texto uma metodologia de pesquisa que siga o crivo da história oral. Procópio também não desenvolve crítica a sua fonte de pesquisa, algo crucial para a pesquisa historiográfica. Dessa forma, consideramos que se torna necessário tratarmos essa obra com o mesmo rigor e desconfiança que temos ao utilizar os livros memorialísticos.

Nosso trabalho então passa por um olhar historiográfico sobre a memória que se produziu sobre a cidade e sobre as elites locais de Floriano. Com esses textos nós conseguiremos compreender qual o lugar atribuído à família Kalume e alguns indivíduos que colaboravam com o *Jornal de Floriano*.

Milad Abraão Kalume, pai dos irmãos Kalume, casado com Malaque Francis Kalume, chegou à cidade de Floriano no ano de 1925, onde passou a trabalhar como comerciante. Trajetória comum aos primeiros árabes, em sua maioria sírios, em número menor libaneses, que chegaram à região. Porém, o patriarca da família Kalume ficou famoso pela prática de ortopedia, que aprendeu ainda em seu país de origem com seu pai. Nesse trabalho atuou por mais de 40 anos na cidade.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Ibidem, p, 18.

<sup>52</sup> PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano**. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006, p, 12.

Figura 3: Fotografia de Milad à esquerda sendo segurado por seu filho Antonio de Pádua Francis Kalume, e sua esposa Malaque na fotografia à direita sendo segurada por uma mulher que não foi reconhecida



Fonte: Página do facebook Espaço Cristino Castro disponível em: [https://www.facebook.com/EspacoCulturalCristinoCastro/photos/a.451610768265915/1490597551033893/?\\_rdr](https://www.facebook.com/EspacoCulturalCristinoCastro/photos/a.451610768265915/1490597551033893/?_rdr). Consultado em 03/05/2022.

Os imigrantes árabes que se fixaram em Floriano, em sua maioria seguiram a profissão de comerciante. Grande parte dos recém-chegados atuavam com o comércio itinerante, levando e trazendo mercadorias de uma cidade para outra, com o passar o tempo se fixavam e construíam suas próprias residências e lojas na cidade.

O comércio árabe concentrou-se entre a Praça da Igreja (Sebastião Martins) e a do Mercado (Coronel Borges), com predominância nas ruas Álvaro Mendes (Getúlio Vargas) e São Pedro, pelas quais – pode-se dizer – passam uns após outros, todos os comerciantes árabes que vieram a ter a Floriano, quer diretamente da terra natal, quer oriundos de outras cidades brasileiras, atraídas pela crescente expansão da cidade, graças em parte ao seu desenvolvido comércio.<sup>53</sup>

A esses imigrantes é atribuído um papel fundamental no desenvolvimento do comércio local. Antes da chegada desses “desbravadores”, era como se houvesse uma estrutura comercial rudimentar. Essa narrativa, é encontrada com frequência nos textos memorialísticos que analisaremos assim como nos relatos colhidos por Oscar Siqueira Procópio em sua dissertação. Esses imigrantes já estabelecidos na cidade com seus comércios passaram a buscar um desenvolvimento acadêmico para seus filhos, o que lhes

<sup>53</sup> DEMES, Josefina. **Floriano: Sua História, Sua Gente**. Halley S.A. Gráfica e Editora. Teresina. 2002. p, 589.

permitiria a adentrar meios sociais que outrora eram vetados, pois, agora essas famílias detinham uma parcela de seus indivíduos com formação em cursos superiores.

Com situação financeira bem definida muitos deles decidiram enviar seus filhos para estudar em outros Estados. O título de “doutor” passa a ser o desejo perseguido por aqueles homens analfabetos e semi-analfabetos que viam na continuidade da educação a forma mais correta de mostrar a plena integração com o meio e da ascensão social. Além de despertar o interesse dos florianenses em dar continuidade à educação de seus filhos, os pioneiros sírios tiveram seus esforços recompensados e inseriram na comunidade diversas categorias profissionais como engenheiros, advogados, dentistas, médicos, farmacêuticos, professores, políticos e outros.<sup>54</sup>

Assim, a ascensão social galgada pela filhos desses imigrantes estruturou uma elite com formação acadêmica, que tinha também interesses em ingressar na política local.

O elenco de personalidades políticas florianenses descendentes de árabes é composto de vereadores: Defala Atem, Pedro Arrem, Fauzer Bucar, Abraão Kalume, Issa Mazuad, Tereza Chaib, Elza Bucar, Antônio de Pádua Kalume, Carlos Bucar e Elda Bucar; como vice-prefeito: Arudá Bucar de Arruda; como prefeito Fauzer Bucar; deputado estadual: João Calixto Lobo; deputados federais: Mussa Demes e Jofran Frejat/Brasília-DF e de Senador da República: João Lobo.<sup>55</sup>

Dessa lista de membros da família Kalume apresentada por Procópio, destacamos Abraão Kalume, pai de Antonio de Pádua Kalume, um dos donos do *Jornal de Floriano*. Ambos participaram de várias eleições na cidade de Floriano. Sobre Gabriel Kalume, outro sócio fundador do Jornal de Floriano, encontramos um verbete dedicado a ele na *Coleção Floriano Clube, número 6*<sup>56</sup>, nela consta que Gabriel seguiu um caminho de prosperidade que Oscar Procópio apresenta como “natural” na trajetória dos descendentes de árabes. Se formou em engenharia civil pela Universidade Federal do Pará em 1959, fazendo parte da geração de descendentes de imigrantes árabes que se instalaram em Floriano.

Após formado, Gabriel Kalume retornou à Floriano onde começou a trabalhar no Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), dando destaque por sua

---

<sup>54</sup> PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano**. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006, p. 12, p. 45.

<sup>55</sup> Ibidem. p. 46.

<sup>56</sup> COSTA, Cristóvão Augusto Soares de Araújo. LUÍS, Paulo de Oliveira Lopes. ATTEM, Rosenilta de Carvalho. NETO, Teodoro Ferreira Sobral. **Coleção Florianenses / Coleção Floriano Clube 6**. Halley S.A. Gráfica e Editora. Teresina. 2017. p.81-88.

atuação na elaboração do projeto e construção da Barragem de Boa Esperança<sup>57</sup>, onde atuou por 4 anos. Após a obra retornou à Floriano e “abriu duas lojas de material de construção, uma empresa de construção civil, uma livraria em sociedade com o seu pai e, juntamente os irmãos Pedro e Antônio de Pádua, fundou a Gráfica e Editora Kalume.”<sup>58</sup> Gráfica essa que servia também para a imprimir o *Jornal de Floriano*, onde Gabriel atuou como diretor e redator.

Antônio de Pádua Francis Kalume, que irá retornar em nossas análises posteriores quando iremos abordar o processo político das eleições de 1976, é natural de Floriano, nascido em 16 de novembro de 1947, formado em engenharia<sup>59</sup>. Exerceu o cargo de diretor-chefe do *Jornal de Floriano*. Assim como seu irmão Gabriel, Antônio Kalume também faz parte da geração de descendentes de árabes que se instalaram em Floriano, definida por Oscar Procópio como um geração “bem-sucedida” e com formação superior<sup>60</sup>.

A partir dos textos memorialísticos também conseguimos encontrar algumas informações sobre a família Sobral, especialmente sobre Teodoro Sobral Neto, membro ativo do *Jornal de Floriano*. Theodoro Ferreira Sobral, avô de Teodoro Sobral Neto, foi uma figura de destaque dentro da cidade. Nasceu em 1891, na cidade de Amarante, região próxima à Floriano. Formou-se em farmácia na Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia. Após conclusão de sua graduação retornou à sua cidade natal e se casou com Luiza Nunes, definida por Josefina Demes como sendo membro de uma tradicional família piauiense. Com ela teve quatro filhos, Almicar Ferreira Sobral, Maria Hermínia Sobral Rocha, Heloísa Sobral Xavier e Horácio Ferreira Sobral<sup>61</sup>.

Após uma breve passagem em Caxias no estado do Maranhão, Theodoro se fixou em Floriano, local em que exerceu sua profissão de farmacêutico e onde começou a se aproximar do movimento político local. Nesse meio tempo sua esposa veio a falecer, foi então que ele se casou com D. Eurídes Nunes e teve seu filho Dr. Luiz Ferreira Sobral.<sup>62</sup>

---

<sup>57</sup> Localizada na cidade de Guadalupe no sul do Piauí foi implementada em 1968, pela Companhia Hidro Elétrica de Boa Esperança a COHEBE, hoje pertence a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. <https://www.chesf.com.br/SistemaChesf/pages/sistemageracao/boaesperanca.aspx>. Acessado em 11/04/2022.

<sup>58</sup> COSTA, Cristóvão Augusto Soares de Araújo. LUÍS, Paulo de Oliveira Lopes. ATTEM, Rosenilta de Carvalho. NETO, Teodoro Ferreira Sobral. **Coleção Florianenses**. Halley S.A. Gráfica e Editora. Teresina. 2017. p, 81.

<sup>59</sup> <https://eleicoes.poder360.com.br/candidato/136315#2016> . Acessado em 11/04/2022.

<sup>60</sup> PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano**. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006, p, 12. p, 45.

<sup>61</sup> DEMES, Josefina. **Floriano: Sua História, Sua Gente**. v. Teresina. 2002. p, 233.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p, 233.

Teve uma carreira política considerável, tendo sido eleito prefeito em Floriano durante os anos de 1931 a 1935<sup>63</sup>, na sequência foi eleito deputado estadual em 1934 e em 1946 foi convidado a exercer a interventoria do Estado por indicação do presidente Dutra, perdurando no cargo de 11 de outubro de 1946 a 17 de março de 1947. Ainda na vida pública exerceu o cargo de deputado federal. “Não se escreverá a história de Floriano, dos seus avanços e do seu progresso sem que nela se situe a figura fidalga, generosa e cavalheiresca deste autêntico estadista que em via se chamou Theodoro Ferreira Sobral”.<sup>64</sup> Por meio deste trecho e da forma como Josefina Demes, nos apresenta essa figura percebemos que a memória que se perpetuou sobre Theodoro Sobral, foi positiva visto como um político que lutou pelo bem da cidade além de ser um cidadão exemplar.

Theodoro Sobral morreu 1972 “Deixou para seus herdeiros o famoso Laboratório Sobral, famoso por suas fórmulas largamente conhecidas e eficazes.”<sup>65</sup>. Seu filho Almirar Ferreira Sobral, deu continuidade aos negócios da família transformando o empreendimento do pai, no Laboratório Sobral, este que por sua vez, veio a ser administrado por Teodoro Sobral Neto.

Com os estudos iniciados no Piauí, o jovem Teodoro bacharelou-se em Economia pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, em 1973, vendeu um apartamento em Brasília, presente do pai e, com o dinheiro obtido, retornou a sua cidade natal, onde se entregou a dar novos rumos e modernizar o Laboratório Sobral. O sucesso não tardou – foi imediato. Hoje, é um empreendimento vitorioso, reconhecido e admirado nacionalmente.<sup>66</sup>

Esse trecho foi extraído de um site local, denominado de *Almanaque Raimundo Floriano*, escrito por Raimundo Floriano de Albuquerque e Silva. Lá encontramos um texto denominado “Teodoro sobral, o gigante da cultura piauiense”. Matéria publicada no dia 07/07/2014, em que Raimundo faz uma breve biografia sobre Teodoro Sobral Neto, dando ênfase à importância que Teodoro teve para a preservação da memória de Floriano e dos florianenses. A preservação da memória local diz respeito ao “museu” privado que Teodoro Sobral mantém na cidade com documentos variados sobre a história da cidade, inclusive o único acervo hemerográfico daquela região se encontra no Espaço cultural por ele mantido. A família Sobral é parte não só da elite política, mas econômica de Floriano.

---

<sup>63</sup> LOPES, Luiz Paulo. **Flagrantes de uma cidade**. Jolenne. Teresina. 1997. p. 66

<sup>64</sup> DEMES, Josefina. **Floriano: Sua História, Sua Gente**. v. Teresina. 2002. p. 232.

<sup>65</sup> LOPES, Luiz Paulo. **Flagrantes de uma cidade**. Jolenne. Teresina. 1997. p. 66.

<sup>66</sup> [https://www.raimundofloriano.com.br/views/Comentar\\_Post/teodoro-sobral-o-gigante-da-cultura-piauiense-vDoPweTrG0q7NnwQTcVn](https://www.raimundofloriano.com.br/views/Comentar_Post/teodoro-sobral-o-gigante-da-cultura-piauiense-vDoPweTrG0q7NnwQTcVn) . Acessado dia 04/04/2022.

Os textos que encontramos sobre a família Sobral apresentam caráter memorialístico, neles há um olhar positivo e carinhoso sobre as figuras de Theodoro Sobral Ferreira e seu neto Teodoro Sobral Neto, este se torna mais importante para nossa pesquisa, pois o mesmo, era responsável pelo caderno de economia do *Jornal de Floriano*.

Essas obras nos ajudaram a compreender o lugar social e político ocupado por parte dos indivíduos que participaram diretamente do Jornal de Floriano. De forma específica, focamos na família Kalume, proprietária do periódico e na família Sobral, que tinha na figura de Teodoro Sobral Neto um importante escritor do caderno de economia do jornal. Essas duas famílias ainda fazem parte da elite da cidade de Floriano e foram cruciais no desenvolvimento da produção do periódico estudado.

#### **1.4 A política piauiense durante o período militar**

A política piauiense historicamente foi marcada pelo predomínio de pequenos grupos na manutenção do poder da máquina pública, em que grupos familiares e elites oligárquicas exerciam um domínio da estrutura política por meio do poder econômico. Dessa forma, o controle da máquina pública no Piauí se estruturou por meio de práticas clientelistas e patrimonialistas. “Assim, procurou-se clarificar a idéia de que o espectro político-partidário oligárquico também é condicionado pela manutenção do quadro socioeconômico vigente no estado.”<sup>67</sup> Pobreza, estrutura econômica, distribuição de renda, analfabetismo tudo isso compõe o quadro que vai condicionar os tramites políticos no Piauí.

O período de vigência da ditadura militar brasileira foi essencial para a manutenção e fortalecimento das oligarquias piauienses. Essas elites políticas foram favorecidas pelas mudanças impostas pelos militares na política por meio dos atos institucionais.

A partir da reforma eleitoral promovida pelo Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965, os velhos partidos UDN, PSD, PTB e outros menores foram extintos. Implanta-se o bipartidarismo imposto pelos militares e, a partir de então, uma série de casuísmos são implantados para garantir a maioria governamental.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. **Oligarquias e elites políticas no Piauí: 1982-1995**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000. p. 15.

<sup>68</sup> SILVA, Roberto John Gonçalves da. **Metamorfose das oligarquias: o caso do Piauí**. Tese (Doutorado

Esse decreto criou dois grandes partidos no Brasil, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), representando os interesses dos militares, do lado oposto temos o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que incorporava todos aqueles que faziam parte da oposição. O bipartidarismo foi crucial para o governo militar controlar o processo político ao mesmo tempo em que dava ao governo um aspecto democrático. No Piauí encontramos uma predominância da soberania da ARENA, durante o período militar contando com duas figuras chave no controle dos processos políticos da época. Petrônio Portella e Alberto Silva, ambos pertencentes ao mesmo partido político a ARENA comandavam grupos políticos distintos dentro do partido, esses que muitas vezes entravam em conflito.

Petrônio Portella se tornou figura central da política piauiense durante a vigência da ditadura militar brasileira, tendo uma presença tão marcante que o cientista político Roberto John Gonçalves da Silva, denominou o período em que Petrônio chega ao cargo de governador em 1964 onde fica até o ano de 1966, até o momento de sua morte em 1980, como a “Era Petrônio” da política piauiense, fazendo referência ao domínio desse político sobre os processos políticos do Piauí. Sendo quase que majoritário o domínio desse indivíduo e de seus agregados, nas questões políticas do estado.

Petrônio Portella renunciou ao Governo do Estado no dia 12 de agosto de 1966 para candidatar-se a Senador em 1966, pela ARENA, e seu esquema político foi mais uma vez vitorioso. A partir de então, esse grupo dominou a política piauiense deixando a oposição, representado pelo MDB desde de 1965, praticamente anulada, como atestam os resultados eleitorais no período.<sup>69</sup>

O grupo de Petrônio permaneceu dominando a política piauiense de forma ininterrupta de 1964 até 1971, quando os militares escolheram Alberto Tavares Silva para exercer o cargo de governador. Desse arranjo surgiu uma rixa entre o grupo liderado por Alberto Silva contra o grupo liderado por Petrônio Portella, essa disputa se fez presente em diversas ocasiões no decorrer dos anos seguintes como nas eleições de 1974. “Em 1974, ocorreu um embate entre ambos para a disputa pelo Senado, mas dessa vez, Petrônio conseguiu fazer prevalecer sua força política. Por sua influência, os generais determinaram que Alberto Silva não entrasse na disputa, dando a Petrônio Portella a

---

em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p, 228.

<sup>69</sup> Ibidem. p, 230.

possibilidade de se reeleger senador.”<sup>70</sup> O resultado favorável ao grupo de Petrônio continuou no poder nas eleições seguintes de 1978, onde eles levaram não só o cargo de governador com o irmão de Petrônio, Lucídio Portella, como o cargo de senador com Dirceu Arcoverde. Dirceu que anteriormente pertencia ao grupo político de Alberto Silva, tendo atuado como ministro da saúde durante a primeira gestão a governador dele.

Exploraremos um pouco mais esse conflito interno ocorrido em 1978, pois ele contempla duas personalidades políticas que governaram o Piauí, durante o recorte que iremos estudar 1975-1976. Alberto Silva exerceu o cargo de governador entre os anos de 1971 até o ano de 1975, e Dirceu Mendes Arcoverde atuou como governador entre os anos de 1975 até 1978. “É importante lembrar que Alberto Silva governou nos anos 70 pela Arena, mas esse partido apresentava rivalidades internas, dividindo-se em Arena I e Arena II, a primeira ligada a Petrônio Portella; a segunda a Alberto Silva.”<sup>71</sup>. Essa cisão que havia se iniciado com a chegada de Alberto Silva ao cargo de governador, se intensificou durante a eleição de 1978 ao cargo de Senador.

Entretanto durante o a gestão de Dirceu Arcoverde encontramos mais um ponto de conflito interno a ARENA piauiense, onde a escolha para vice-governador passou pelas mãos de Petrônio Portella e Alberto Silva, Pinheiro Machado era o nome proposto por Alberto Silva, entretanto a escolha se deu com um nome escolhido por Petrônio Portella, que nomeou seu primo Djalma Veloso.

A partir de então, o clima de rivalidade entre governador e ex-governador ganhou ressonâncias que foram sentidas no cenário político piauiense durante o decorrer da década de 70, atingindo seu ápice na eleição ao senado de 1978, vencida por Arcoverde, e confrontando diretamente o prestígio de cada um e a rede de relações que os apoiava. Essa eleição ao Senado foi um desdobramento da eleição de 1974, a qual Alberto Silva fora impedido de concorrer devido à suspensão, promovida pelo Palácio da Alvorada, da possibilidade dos governadores do Piauí seguirem sua vida pública no Congresso Federal, na condição de senadores.<sup>72</sup>

Nem mesmo a morte de Petrônio Portella em 1980, findou com a força política de seu grupo, pois, na eleição seguinte de 1982, também foi favorável à sua ala. O que se refletiu na vitória de Hugo Napoleão eleito com 58,7% contra Alberto Silva 40,4%. Esses

---

<sup>70</sup> VASCONCELOS OLIVEIRA, Bruna Karoline. **Competição e ciclos políticos nos subsistemas partidários do Nordeste: um estudo de caso sobre CE, AL, BA, MA e PI.** Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017. p. 128.

<sup>71</sup> FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. **O RECINTO DO ELOGIO E DA CRÍTICA: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí.** 2009. Tese (Doutorado) – Doutorado em História, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2009. P. 41.

<sup>72</sup> Ibidem. p. 44.

conflitos internos da ARENA, no Piauí, servem como exemplo de como havia falta de unidade interna a esse partido. Partido esse que dava sustentação ao governo militar brasileiro que presava por uma aparente unidade a nível nacional, mas como olhamos a nível estadual encontramos esses embates internos.

Em Floriano, encontramos esse tipo de conflito dentro de uma ótica municipal. Ao analisarmos o exemplar Nº 36 do *Jornal de Floriano*, onde na primeira matéria do jornal encontramos uma divisão interna das alas da ARENA. “Contou-nos o vereador CARLOS BUCAR que após sua apresentação ao presidente da ARENA, fez um relato global da situação do seu partido em Floriano, detalhando as divergências entre os grupos existentes e a impossibilidade do seu grupo apoiar o candidato da outra ala arenista.”<sup>73</sup>. Esse conflito entre a escolha do candidato a prefeito da ARENA de Floriano, aparece ao longo do ano de 1976, ano eleitoral que este jornal se encontrava em circulação. No decorrer dos próximos capítulos iremos abordar mais essa problemática e os conflitos que se fizeram presente neste periódico.

O Piauí esteve em grande parte do período militar controlado por Petrônio Portela, do momento em que ele assumiu o cargo de governador em 1964 até sua morte em 1980, sua força se fez presente. A implantação da ARENA no estado se deu sob seu controle, a força política de Petrônio se refletiu tanto em sua atuação direta, na posse do cargo de governador, na escolha daquele que iria comandar esse cargo ou do político que assumiria o cargo de senador. Dessa forma os principais cargos políticos do Estado, a época, sofriam interferência de Petrônio.

Nesse processo, Petrônio utilizou-se sempre da prática oligárquica, do compadrio, do assistencialismo, do clientelismo, do fisiologismo, das relações de amizade, e, especialmente do uso da máquina governamental como “balcão” de troca de moeda eleitoral - empregos por troca de votos e lealdade política nas esferas municipal, estadual e federal.<sup>74</sup>

Petrônio Portella, se transformou em um importante aliado para o governo militar. O que se refletiu com o recebimento do cargo de presidente do partido da ARENA, tomando posse em 1973, porém sua atuação não foi bem-sucedida. As eleições de 1974, sob sua presidência, foram um fracasso para a ARENA. No cenário nacional o partido teve uma derrota quase massiva em detrimento do MDB. Em contrapartida, no Piauí a

---

<sup>73</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº36, 4 de julho de 1976, Floriano, Piauí. p, 1.

<sup>74</sup> SILVA, Roberto John Gonçalves da. **Metamorfose das oligarquias: o caso do Piauí**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p, 232.

ARENA levou a maior parte dos cargos, sendo a ala sob o domínio de Petrônio Portella, a grande vencedora das eleições. A vitória constante do grupo de Petrônio Portella e a predominância da ARENA no Piauí só foi possível graças a configurações próprias do Estado.

A ascensão e consolidação do principal núcleo das oligarquias hegemônicas no Piauí foram simultâneas ao estabelecimento no país da ditadura militar, quando Petrônio Portella era o governador do Estado. Ou seja, um período cujo discurso e prática foram marcados pela ausência de liberdade política e as possibilidades de enfrentamento ideológico eram inexistentes, portanto, prevalecia e hegemonia das elites que já estavam alojadas no poder político, consolidando com o tempo um processo fechado e concentrado de poder nas mãos das oligarquias estaduais.<sup>75</sup>

A baixa industrialização em oposição à grande concentração fundiária dava poder econômico às oligarquias e elites políticas locais, em grande parte rurais. “Aí as oligarquias agrárias tiram proveito do atraso econômico, da pobreza e do analfabetismo de significativas parcelas do eleitorado, especialmente o rural.”<sup>76</sup> Esse predomínio rural, como vimos anteriormente, só foi superado na década de 1990.

Apesar das leituras tradicionais sobre a política no Piauí, durante o período militar, considerarem que o processo político piauiense foi marcado exclusivamente sobre o domínio de pequenos grupos familiares, há autores que estão desenvolvendo um revisionismo a respeito da política do Piauí, como o caso de Vitor Eduardo Veras de Sandes Freitas com seu artigo *Herança e História Política no Piauí: Das Origens à redemocratização*. O autor considera que o quadro político piauiense era influenciado sim por essas famílias, porém existiam arranjos institucionais que atuam dentro do processo político, que estavam para além delas. “Contrariando essa visão, percebe-se que as transformações ocorridas na dinâmica político-eleitoral dependem também da alteração dos arranjos institucionais estabelecidos ao longo do tempo.”<sup>77</sup> Dessa forma, as dinâmicas familiares são atuantes, mas não são exclusivas, pois novas configurações sociopolíticas são adicionadas com frequência e acabam alterando o jogo político local.

A configuração política no Piauí, durante a vigência do governo militar brasileiro foi condicionado pelas elites, em grande parte por elites agrárias. A cidade de Floriano se

---

<sup>75</sup> ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. **Oligarquias e elites políticas no Piauí: 1982-1995**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000. p. 41.

<sup>76</sup> Ibidem. p.42.

<sup>77</sup> FREITAS, Vitor Eduardo Veras de Sandes. HERANÇA E HISTÓRIA POLÍTICA NO PIAUÍ: DAS ORIGENS À REDEMOCRATIZAÇÃO. Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História da Uece, Volume VII, número 13, p. 8, janeiro julho. 2019.

manteve na memória de seus moradores como um grande centro econômico, mas os dados que levantamos demonstram que a cidade era majoritariamente agrária na década de 1970, período em que desenvolvemos nossas análises. A família Kalume, de onde eram oriundos os proprietários do *Jornal de Floriano*, fazia parte da elite econômica da cidade de Floriano.

No capítulo seguinte buscaremos compreender como o *Jornal de Floriano* foi se transformando em um periódico que se apresentava como isento e imparcial, para um jornal que toma um lado político. Para isso se faz necessário desenvolvermos uma discussão sobre o uso de jornais como fonte historiográfica, uma reflexão a cerca da configuração dos jornais piauienses, assim como o uso da imprensa como ferramenta política.

## Capítulo 2 POLÍTICA E JORNALISMO PIAUIENSE: Do desenvolvimento da imprensa até Floriano na década de 1970

### 2.1 Jornal como fonte histórica

Este trabalho se pauta na utilização de fontes hemerográficas, portanto, se torna interessante a compreensão dos processos que se desenvolveram no interior da historiografia brasileira, que possibilitaram a utilização dos jornais como fonte de pesquisa historiográfica. Tal processo ocorreu em uma dinâmica de ampliação das fontes históricas, que permitiu aos historiadores um novo olhar na maneira de se produzir conhecimento historiográfico. Essa ampliação documental iniciada com os historiadores da *Escola dos Annales*<sup>78</sup>, possibilitou a produção de uma historiografia baseada no uso de periódicos como fonte de pesquisa<sup>79</sup>.

A fim de compreender o uso dessas fontes na produção do conhecimento historiográfico iremos recorrer a alguns autores como: Tânia Regina de Luca, José Barros de Assunção, Nelson Werneck Sodré e Maria Helena Rolim Capelato. Foi a partir da década de 1970<sup>80</sup>, que os periódicos passaram a ser utilizados de maneira mais abrangente como fonte de pesquisa, na produção de conhecimento historiográfico nas universidades brasileiras. Entretanto, não podemos deixar de destacar o papel primordial desenvolvido por Nelson Werneck Sodré em seu livro *História da Imprensa no Brasil*, lançado na década de 1960.

Nele Sodré trata da concepção, estruturação e reestruturação da imprensa no Brasil, traçando um paralelo da mídia impressa com as estruturas políticas do país ao longo da história brasileira. Partindo dos primórdios da imprensa brasileira, assim ele analisa os primeiros jornais que foram publicados no Brasil colonial em 1808, até os jornais da década de 1960, período de lançamento dessa obra. Dessa forma ele consegue desenvolver uma linha do tempo dos modelos jornalísticos brasileiros, para a compreensão da escrita da história dos jornais do Brasil, dando um ponto de partida e uma base para os procedimentos historiográficos passaram a se desenvolver adiante.

---

<sup>78</sup> Para mais ver: Burke Peter, **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008. E Bourdê, Guy & Martin, Hervé. **AS ESCOLAS HISTÓRICAS**. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1990.

<sup>79</sup> Essa ampliação se deu em periódicos de uma forma ampla tal como revistas e jornais, como nossa pesquisa se concentra na utilização dos jornais daremos atenção para o uso desse tipo de periódico nas pesquisas brasileiras.

<sup>80</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). **Fontes históricas**. - 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

Apesar do pioneirismo de Nelson Werneck Sodré. Foi apenas na década de 1970 que os historiadores passaram a aceitar e utilizar jornais como fonte principal de suas pesquisas. Para compreender como esses trabalhos se desenvolveram recorreremos ao trabalho de Tania Regina de Luca, pois ela destaca uma série de autores e trabalhos que irão nos auxiliar na compreensão de como seu deu o desenvolvimento e a aceitação por parte do meio acadêmico brasileiro, da incorporação das fontes hemerográficas nas dissertações e teses. Como o caso da tese de doutorado de Arnaldo Contier, *Imprensa e ideologia em São Paulo* de 1973, onde o autor parte dos jornais para compreender o período do Primeiro Reinado e o início da Regência no Brasil, em que ele se utiliza dessas fontes e por meio delas analisa o vocabulário político social para então entender esse período.

No ano seguinte de 1974, encontramos as dissertações o de Helena Capelato e Maria Ligia Prado que foram unidas e lançadas no ano de 1980, intitulado *O bravo matutino*, nela as autoras desenvolveram um estudo sobre um jornal republicano tendo como recorte os anos de 1927-1937.

As autoras evidenciaram a atuação do matutino como porta voz dos interesses de setores da classe dominante paulista e a maleabilidade do liberalismo abraçado pelos seus responsáveis, reformulando diante dos desafios impostos por circunstâncias sociopolíticas específicas: Crise de 1929; movimentos de 1930 e 1932; implantação do Estado Novo.<sup>81</sup>

Ainda na década de 1970 encontramos a obra de Vavy Pacheco Borges, que elabora um trabalho utilizando jornais da grande imprensa paulistana, onde ela estuda as relações de Getúlio Vargas com a oligarquia do estado. A popularização dessa fonte permitiu aos historiadores novas abordagens de pesquisa, o que se encontrava atrelado a sua própria singularidade que permitiu extrair e localizar elementos que nem sempre ficavam claros em outras fontes, pois os jornais apresentam no seu interior uma peculiaridade tal como as lutas de poder, envolvidas em sua produção e distribuição em muitos casos se fazem presentes no interior desses periódicos. Esse tipo de conflito é explorado por Rodrigo Motta e Bethânia Mariani em seus estudos envolvendo o comunismo e o anticomunismo no Brasil<sup>82</sup>. Esse tipo de conflito inerente aos jornais acaba por esbarar na produção deles, pois os jornais, em maioria são produzidos pelo

---

<sup>81</sup> Ibidem. p,118.

<sup>82</sup> Ibidem. p, 128.

setor privado, dessa maneira eles tem como objetivo ter lucros, atender a visão do grupo empresarial que o controla e informar a população.

Os empresários-jornalistas atuam na esfera privada, orientados pela lógica do lucro. Enfrentam os concorrentes com todas as armas de que dispõem: notícias, opiniões e atrativos diversos para atender a todos os gostos. No entanto, a imprensa tem outra face: é veiculadora de informações, direito público, e nesse papel norteia-se pelo princípio de publicidade, colocando-se como intermediária entre os cidadãos e o governo.<sup>83</sup>

As forças que atuam na construção dos periódicos acabam por muitas vezes por atuar em lados opostos, o que permite aos historiadores uma série de estudos que englobam diversas frentes possíveis que podem se complementar tal como o estudo das matérias e notícias que eram veiculadas, da representação da sociedade em que esse jornal foi produzido, dos interesses daqueles que comandavam e atuavam nesses jornais, do público que era destinado o consumo desses jornais, daquilo que era escolhido a ser publicado. Esses são apenas alguns exemplos de pesquisas e perguntas, que foram incorporados aos estudos que se utilizaram dessas fontes hemerográficas na década de 1970.

A popularização dessas fontes propiciou um novo olhar para os estudos que se dedicam a compreender o movimento operário brasileiro, assim como os estudos dedicados a política. Em ambos os casos passamos por uma renovação desses estudos, na história política os historiadores conseguiram desenvolver uma problemática pautada nos conflitos políticos que ocorriam no interior das páginas dos jornais, além disso ainda encontramos os embates que se estruturavam nos bastidores dos jornais alinhados aos interesses envolvidos na produção e distribuição desses periódicos, que servem como elemento de complementação para a compreensão dos atritos em que esses jornais e o grupo que os comandava estavam envolvidos. A introdução desse tipo de fonte nas pesquisas historiográficas se torna relevante para este trabalho, pois um dos pontos que iremos abordar nessa dissertação se dará na compreensão das querelas políticas que foram registrados pelo *Jornal de Floriano*, tendo como foco os embates entre o MDB e a ARENA de Floriano nas eleições de 1976 e de como essa desavença estava estritamente ligado a interesses pessoais do corpo administrativo desse periódico.

---

<sup>83</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na história do Brasil**, São Paulo. Contexto, 1988. p, 18.

Algumas características se tornam cruciais nas análises desse tipo de fonte, características essas que vão além das levantados por Jacques Le Goff, que ao problematizar a questão documental levantou os seguintes pontos de que a objetividade e neutralidade, não são inerentes aos vestígios do passado, por isso todo documento deve ser tratado como monumento, ou seja uma construção carregada de intenções<sup>84</sup>. Os jornais ao fim ao cabo carregam em sua essência a ideia de ser um meio de comunicação crível, que por isso retrata a realidade dos fatos ocorridos em uma sociedade. Contudo, “Eles também comunicam ideias e valores, e através dessas ideias e valores buscam agir sobre a sociedade, além de representarem certos interesses – não necessariamente um único setor de interesses, mas sim um campo de interesses no interior do qual diversos fatores interagem.”<sup>85</sup>. Esse senso comum que tradicionalmente coloca o jornal como um meio de informação isento, deve ser questionado pelos pesquisadores que utilizam desse tipo de fonte como objeto de pesquisa.

Seguindo esse pensamento de uma imprensa que se apresenta como neutra que representa a realidade dos fatos em suas páginas, nos encontramos no *Jornal de Floriano* a ideia de que eles eram um jornal isento de lados políticos, econômicos ou sociais. E que, portanto, a retratação da sociedade florianense, dos conflitos políticos e de tudo que era apresentado neste jornal era uma representação fiel da realidade e do cotidiano da cidade<sup>86</sup>. Contudo como nos alerta Le Goff, as fontes, no nosso caso o jornal deve ser considerado como um elemento fruto do seu tempo e do seu local de produção, que por isso ela necessariamente carrega interesses e intencionalidades em sua produção e divulgação. A seguir entraremos nos pormenores desse periódico, onde partiremos para uma compreensão mais ampla da imprensa piauiense.

## 2.2 Um breve olhar sobre o desenvolvimento da imprensa piauiense

O periódico que utilizamos como fonte historiográfica para o desenvolvimento dessa pesquisa foi fundado em meados da década de 1970, intitulado *Jornal de Floriano*, essa gazeta teve seu primeiro exemplar lançado no dia 26 de outubro de 1975. Nele

---

<sup>84</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

<sup>85</sup> BARROS, José D' Assunção. **Fontes históricas - uma introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019. p, 163.

<sup>86</sup> Essa proposta do *Jornal de Floriano*, nos é apresentada no editorial do exemplar número 1 desse jornal e em diversos momentos é retomado por esse periódico.

encontramos editorial intitulado *NOSSO JORNAL*, que visava apresentar os direcionamentos que o noticiário propunha a tomar, além de uma breve apresentação do jornal com informações sobre maquinário, os motivos que levaram sua criação, as dificuldades encontradas e a forma como o jornal seria conduzido.

O Jornal de Floriano, como se observa, foge dos padrões tradicionais que orientam o jornalismo (parte inteligível). Não está vinculado a grupos políticos, locais ou não, que, se não lhe cercearem totalmente a liberdade de ação, pelo menos colherão sua liberdade de pensamento. Liberto de preconceitos, independente de pessoas ou grupos, tem como objetivo primordial informar com lisura e dignidade. Se críticas forem feitas, não visarão a fins subalternos, mesquinhos ou pessoais. Acima de tudo estará presente o interesse coletivo que sobrepassa o individual.<sup>87</sup>

Dessa forma o *Jornal de Floriano* se apresentava como um periódico que se insere em um modelo jornalístico atrelado a tradição estadunidense e não francesa, como era a norma que conduzia o jornalismo brasileiro até a década de 1950, que se configurava com o intuito de ter uma estrutura similar a literatura onde o autor apareceria e deixaria claro suas intenções.<sup>88</sup> Diversas mudanças ocorreram no decorrer desta década, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento e a modernização de diversos setores e práticas que eram conduzidas no país, uma delas atingiu diretamente a prática o jornalística brasileira.

Na verdade, todo o processo de modernização do jornalismo da década de 1950 sedimentou uma série de mudanças que já vinham sendo implementadas desde a primeira década do século e que encontra na conjuntura história dos anos 1950 eco favorável ao discurso da neutralidade. Na década seguinte, as condições políticas brasileiras – o Golpe de 1964 e a censura à imprensa – consolidam de vez o processo de transformação do jornalismo carioca.<sup>89</sup>

Esse novo modelo implementado a partir da década de 1950 se estruturava com o objetivo de construir um jornalismo moderno, que tinha como foco a neutralidade ao retratar as questões que aconteciam em seu entorno. Se colocando como um espelho da realidade em que estava inserido, o que por sua vez concedia legitimidade e integridade ao que era retratado em suas páginas. “A reforma do jornalismo, enfatiza, é um processo cumulativo que incorpora experiências desenvolvidas ao longo de décadas. Se há

---

<sup>87</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº1, 26 de outubro de 1975, Floriano, Piauí, p. 3.

<sup>88</sup> BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa Brasil 1900 - 2000**. Rio de Janeiro: Mauad x, 2007. p. 138

<sup>89</sup> *Ibidem*. p. 150.

inovações e rupturas, há também permanências e continuidades.”<sup>90</sup> Essas permanências se fazem presentes no *Jornal de Floriano*, que apesar de se encontrar inserido no modelo jornalístico moderno, não conseguia manter esses ideais em suas práticas o que notamos de forma mais acentuada nas edições lançadas a partir do ano de 1976, onde percebemos uma tendência na defesa dos interesses do MDB em detrimento da Arena.<sup>91</sup>

No primeiro ano de funcionamento o *Jornal de Floriano*, contou com uma pequena parcela de exemplares impressos, isso se dá devido ao seu período de lançamento que aconteceu no dia 26 de outubro de 1975, atrelado a sua periodicidade de ser um semanário que normalmente era distribuído aos domingos. Por isso ao longo do ano de 1975 nós tivemos o total de 10 exemplares publicados. Já no ano seguinte de 1976, contou com o total de 51 publicações, somando o total de 61 exemplares que serão analisados nessa pesquisa.

Para seguirmos com nossas análises iremos abrir um panorama sobre como se encontrava a imprensa no Piauí durante o período da ditadura militar brasileira, para isso retornaremos ao século XIX. Período em que temos a gênese dessa imprensa, que surge e se desenvolve de maneira tímida e vai ganhando força e estrutura de maneira gradual e lenta. Um dos fatores que estavam diretamente ligados a essa configuração se encontra atrelada a forma como a população piauiense da época se encontrava, em que a maior parte dela era composta por indivíduos com baixa escolaridade, o que se refletia em um grande número de indivíduos analfabetos e uma pequena parcela da população eram pessoas letradas.

O processo de desenvolvimento do jornalismo piauiense passou por uma bifurcação, com duas vertentes distintas uma atrelada a um jornalismo literário que servia como local de produção e desenvolvimento da literatura local<sup>92</sup>, outro que se destinava a defesa dos interesses políticos de determinados grupos políticos, uma espécie de jornalismo de autopromoção e de ataques aos rivais políticos dos donos dos jornais.

---

<sup>90</sup> Ibidem. p, 157.

<sup>91</sup> Como nos alerta em CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p, 66. O Conhecimento produzido se encontra atrelado a um local social, que conduz a produção e difusão desse conhecimento.

<sup>92</sup> A literatura piauiense teve como base o desenvolvimento nas páginas dos jornais, podemos destacar alguns nomes como Félix Pacheco, Mário Faustino, Carlos Castelo Branco, Berilo Neves, Martins Castelo, Assis Brasil e Renato Castelo Branco. Para mais consultar o artigo: **Piauienses no jornalismo brasileiro do século XX**, de Daniel C. B. Ciarlini e o texto da Ana Regina Rêgo – **Imprensa Piauiense entre a literatura e a política**.

No Piauí do século XIX, cada família compunha um partido. Cada partido mantinha um jornal. Cada família ocupava considerável número de cadeiras nos espaços de poder e utilizava o jornal como apoio às posições adotadas. Assim, a imprensa configurava-se como uma tribuna aberta de discussões que, no caso dos monarquistas, raramente, chegavam ao debate ideológico, uma vez que possuíam características semelhantes e mantinham o discurso, em geral, pautado em disputas menores.<sup>93</sup>

O controle das forças políticas piauienses exercidas por pequenos grupos políticos, que se dava também pelo controle da mídia e do poder local. “A elite política piauiense é composta basicamente por representantes recrutados em um restrito número de famílias com longa tradição política no Piauí, e que, comumente, também são detentoras de grande influência social e econômica.”<sup>94</sup> Essas oligarquias exerceram controle sobre a política local durante gerações, uma de suas principais ferramentas era o domínio dos meios de comunicação, que utilizavam como elemento de controle político, que permita a perpetuação de poder ao mesmo tempo em que atacavam seus adversários políticos.

O uso da mídia com propósitos políticos também se observou no *Jornal de Floriano*, fundado por membros da família Kalume, filhos de imigrantes libaneses. Estes não se encaixavam nas configurações de antigas oligarquias políticas, que dominavam por tradições as estruturas econômicas e políticas piauienses. Mas que por apresentarem formação em nível superior em cursos socialmente bem reconhecidos, como vimos no primeiro capítulo dessa dissertação, por isso faziam parte da elite local de Floriano, veremos, entretanto, que esse jornal também foi utilizado como ferramenta política, tal como era comum as tradicionais oligarquias piauienses.

O jornalismo piauiense se desenvolveu intrinsecamente ligado aos processos políticos do Piauí, fato que se dava tanto pelos políticos que usavam dos jornais como ferramenta política, ou dos jornais que eram comandados por grupos políticos que articulavam esses periódicos em favor dos seus interesses.

A imprensa piauiense surgiu e permaneceu conectada ao campo político, na maioria das experiências, a imprensa foi para a defesa dos interesses governamentais, oficiais. A grande maioria dos principais

---

<sup>93</sup> RÊGO, Ana Regina. **Literatura e Política duas faces da Imprensa Piauiense**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIII. 2009. Curitiba. p, 14.

<sup>94</sup> ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. **Oligarquias e elites políticas no Piauí: 1982-1995**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000. p, 26.

jornalistas piauienses também foram políticos o que comprova tal uso da imprensa por parte destes.<sup>95</sup>

Essa dobradinha jornalismo/política, que se fez presente desde o princípio do jornalismo piauiense acontecia pelos mais variados motivos, essa configuração não ficou restrita apenas ao jornalismo praticado anteriormente ao processo de modernização da imprensa brasileira da década de 1950. A modernização do jornalismo local acabou por transportar elementos que pertenciam a esse fazer jornalístico, que buscavam abandonar.

No Piauí, as tipografias recém-instaladas em 1951, para dar início às atividades de reprodução das ideias no papel impresso, embora já se anunciassem como “imparciais”, “noticiosos” e “informativos”, ainda continuavam desempenhando um jornalismo opinativo, de cunho político partidário, como já foi assinalado, para retratar o fato político piauiense.<sup>96</sup>

Um dos motivos apontados para a tardia transformação do processo jornalístico do Piauí, se encontra atrelada a configuração da mão de obra jornalística desse estado. Pois se nos grandes centros o jornalismo era feito por jornalistas profissionais, que seguiam um modelo jornalístico organizado em uma estrutura de negócios, que por sua vez tinham como objetivo a obtenção de lucro, o que não se repetia nas terras de Torquato Neto<sup>97</sup>. Pois a maior parte dos jornais que circulavam no Piauí, eram controlados por políticos ou grupos políticos, o que culminava em um jornalismo que tinha como objetivo primordial servir aos interesses desses indivíduos ou grupos, e não a uma empresa jornalística, por isso interesses pessoais eram colocados a frente de interesses econômicos.

Nessa época, o poder se perpetuava através das famílias abastadas para os padrões de riqueza local, que conseguiam enviar seus filhos para estudar em Coimbra e, posteriormente, em Recife e Salvador. Em sua maioria, os egressos dessas escolas formavam-se em Direito, poucos em Medicina e alguns se tornavam padres, mas havia uma coincidência em suas vidas profissionais, quase todos ingressavam na política visando defender os interesses de suas famílias, e, de quebra, chegavam

---

<sup>95</sup> FEITOSA, Sammara Jericó Alves Feitosa. **A MEMÓRIA DA CIDADE DOS SONHOS: a produção do jornal Diário do Povo do Piauí sobre Teresina**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2018. p, 73.

<sup>96</sup> LIMA, Nilsângela Cardoso. **Relações de Poder e Práticas jornalísticas em *O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí (1951 a 1954)***. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2014. p, 85.

<sup>97</sup> Um dos principais artistas piauiense do século XX, tendo como uma de suas principais contribuições artísticas sua participação no movimento artístico Tropicalismo ao lado de nomes como Caetano Veloso e Gilberto Gil.

ao jornalismo, espaço que servia de legitimador e divulgador para os embates que se passavam nos palcos do poder.<sup>98</sup>

A imprensa florianense surge com um caráter comercial, o primeiro periódico vinculado na cidade aparece em 1902, denominado de *Vida Comercial* um jornal de periodicidade mensal que tinha como objetivo principal detalhar os processos econômicos da região.

Apesar de taxativamente comercial, o jornal mantinha os leitores atualizados dos acontecimentos que movimentavam as principais praças do Brasil. Sua tiragem era mínima devido ao contingente populacional do município, que nos primeiros anos do século XX não constava sei mil habitantes, de uma média de 600 a 700 mil que havia em todo o Piauí, segundo o censo realizado em 1920.<sup>99</sup>

Na sequência temos a fundação do jornal *O Popular*, instaurado em 27 de novembro de 1912, perdurando até o ano de 1934. “Essa durabilidade se deveu à adoção de várias estratégias: venda de exemplares, anúncios e assinaturas, bem como a comercialização de serviços gráficos em sua tipografia.”<sup>100</sup> Nesse jornal se noticiavam questões que chegavam via telegrama, de caráter nacional e estadual, assim como a reprodução de textos de colunistas do Rio de Janeiro. Dessa forma *O Popular*, ampliou sua forma de ação em relação ao *Vida Comercial*, pois divulgava acontecimentos de grande relevância para o cenário estadual e mundial, que chegavam por correspondência.

Para fechar essa análise dos primeiros periódicos de Floriano, nós temos o jornal *Cidade de Floriano*, fundado em 1919 ele tinha como foco central a apresentação de questões políticas e literárias em suas páginas. Ao pularmos algumas décadas no futuro nos encontramos em Floriano nossa fonte de pesquisa, com seu primeiro exemplar apresentado em 1975, *O Jornal de Floriano* que apresentava em suas páginas uma variedade de assuntos abordados como eventos do cotidiano da cidade, economia local e nacional, questões de saúde, cadernos de eventos sociais, e uma grande ênfase em questões políticas, principalmente referente a política estadual e local.

### 2.3 Imprensa e política piauiense

---

<sup>98</sup> RÊGO, Ana Regina. **Literatura e Política duas faces da Imprensa Piauiense**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIII. 2009. Curitiba. p, 1.

<sup>99</sup> CIARLINI, Daniel Castelo Branco. **Horizontes Comerciais, Políticos e Literários na Imprensa de Floriano entre os Anos de 1902 e 1921**. Cadernos de Literatura Comparada, Revista do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, número 44. p, 194. Janeiro, 2021.

<sup>100</sup> Ibidem. p, 195.

Michel de Certeau elaborou a seguinte problemática ao tratar da concepção do conhecimento e de sua produção, que segue impulsionada por diversas forças que direcionam sua construção, seja de maneira direta ou indireta<sup>101</sup>. Essas forças podem ser o lugar social em que ele é produzido, as escolhas políticas que envolvem sua produção, o direcionamento econômico que se encontra envolto nessa obra, dessa forma ela vai se moldando a fins de satisfazer os desejos e interesses daquele que o produz, do meio que ele é desenvolvido e para quem ele será consumido. O período histórico em que nos dispomos a pesquisar neste trabalho foi marcado pela ação direta e indireta do governo ao tratar das questões midiáticas brasileiras, exploraremos a seguir como a ditadura militar brasileira afetou os jornais piauienses.

Para fins de problematização não podemos deixar de trazer à tona uma das principais características da ditadura militar brasileira, que foi o cerceamento das liberdades validadas pelos atos institucionais, que tiveram seu ápice na instauração do Ato Institucional Nº 5, (AI-5). Mas que já vinha sendo praticado antes mesmo de sua implementação em 1968. “A censura no Brasil da ditadura militar de 1964, remonta ao período posterior ao Estado Novo. Com o decreto de Pompeu de Souza, de 24/01/1946, esse que determina a reestruturação do Serviço de Censura, com o intuito de resguardar a moralidade e os bons costumes, o que só viria a ser revogado com a Constituição de 1988.<sup>102</sup> O que só se agravou com a tomada de poder pelos militares durante o golpe de 1964.

No período prévio a instalação do AI-5, o país passava por uma série de debates políticos, que tinham como objetivo o desenvolvimento de leis e ferramentas que validassem o controle dos atos políticos pelos militares, e que ao mesmo tempo conseguissem controlar os debates civis que questionavam a existência do regime militar brasileiro, de forma que um dos principais alvos desse Ato Institucional foram os meios de propagação das informações pela mídia.

Na grande imprensa, o censor esteve n’ *O Estado de S. Paulo*, do AI-5 a janeiro de 1975, e na *Tribuna da Imprensa* em um período não contínuo, de 1968 a 1978. Na imprensa alternativa, frequentou *O Pasquim*, de novembro de 1970 a março de 1975; *O São Paulo* de junho de 1973 a junho de 1978; *Opinião*, de janeiro de 1973 a abril de 1977; e *Movimento*, de abril de 1975 a junho de 1978. E na revista *Veja*, ficou de 1974 a junho de 1976.<sup>103</sup>

---

<sup>101</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Universitária, 1982.

<sup>102</sup> KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores: do AI-5 à Constituição de 1988**, Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Campinas. Campinas. 2001. p. 80.

<sup>103</sup> Ibidem. p. 39.

Esses jornais citados por Beatriz Kushnir além de terem sofrido com uma ação mais acirrada dos meios de censura, serviram também como fonte para uma rica historiografia produzida com a temática da ditadura militar brasileira, o que culminou em um desenvolvimento robusto de pesquisas que se direcionavam a compreender a ditadura militar na região sudeste do Brasil.

Nos estudos sobre a ditadura civil-militar de 1964 temos um protagonismo de trabalhos acerca dos acontecimentos em São Paulo e Rio de Janeiro, em nível nacional de pesquisa, é salutar que nos atendemos para os processos históricos regionais, principalmente para desmistificar que a ditadura só agiu repressivamente em grandes centros, bem como desvelar a repressão praticada em outros locais, contribuindo assim para um entendimento mais amplo dos anos ditatoriais.<sup>104</sup>

Sabrina Steinke aponta para uma carência de estudos sobre ditadura militar brasileira, fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo. O que podemos constatar ao buscar estudos sobre essa temática no Piauí, é que existem trabalhos que abordam esse tema, entretanto eles aparecem em uma escala muito menor em relação aos estudos que tem como foco o Sudeste brasileiro. Entretanto, essas pesquisas têm como ponto de análise as regiões de Teresina e região Norte do estado. Em relação a região Sul e Centro Sul do Piauí existe uma carência de estudos, portanto, este trabalho tem como um dos seus objetivos enriquecer a discussão a respeito deste período direcionando essa pesquisa para a cidade de Floriano.

Como veremos no decorrer deste capítulo, Floriano, foi uma cidade que apresentou uma importância grande no cenário político da década de 1970, como podemos ver no encontro estadual da ARENA promovido na cidade em dezembro de 1975.

Realizou-se no dia 12.12.75, às 14,30h no Forum de nossa Cidade, o Terceiro Encontro da Comissão Executiva da ARENA Estadual sob a presidência do deputado Estadual José Raimundo Bona Medeiros acompanhado do Secretário Geral do Partido o ex-deputado federal Milton Brandão e o Secretário da Comissão Executiva, o deputado estadual Joaquim Alencar Berreza, com os presidentes dos Diretorios das cidades da região sul do Piauí.<sup>105</sup>

---

<sup>104</sup> STEINKE, S. A repressão política durante a ditadura civil-militar de 1964 no Piauí relatada no acervo da Comissão de Anistia. In: **XI Encontro Regional Nordeste de História Oral**. Fortaleza, Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral, 2017. p. 04.

<sup>105</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 8, 14 de dezembro de 1975. Floriano, Piauí. p. 1.

Pela matéria podemos inferir, que este encontro fez parte de uma série reuniões da ARENA em cidades-chaves do Piauí. Floriano recebeu o terceiro encontro de outros dois já realizados em Teresina e em Picos. Contando com políticos dos mais variados cargos e membros da sociedade civil, tendo como nome de destaque o então governador do estado do Piauí, Dirceu Arcoverde.

A visita do governador já havia sido anunciada na edição anterior do jornal com a matéria intitulada *SEJA BEM-VINDO, SR. GOVERNADOR!*<sup>106</sup> Em que o *Jornal de Floriano*, aborda a visita de Dirceu Arcoverde, a cidade ao passo que tece longos elogios ao governador. “Homem atuante e incansável, ainda há pouco, quando estivemos em Brasília, preparando alguns projetos no Ministério do Trabalho, lá se encontrava o governador Arcoverde, pleiteando e lutando por nosso Estado.”<sup>107</sup> O jornal segue com críticas aos antigos governadores do Piauí, em relação ao descaso deles com as necessidades de Floriano.

À exceção do governo Alberto Silva que adquiriu o hospital regional e construiu a estrada asfaltada que ligará a Brasília em breve, apesar do CONTRA de certos “políticos” que desejavam e desejam outra, a todo custo (e todos sabem disto), que tem recebido Floriano? A nosso ver, absolutamente NADA, embora proporcione ao Estado a segunda arrecadação, somente suplantada pela Capital... Nem Parnaíba, nem Campo Maior nem Picos, nem qualquer outra cidade do interior contribuiu mais para a Fazenda estadual do que a nossa.<sup>108</sup>

Ao poupar Alberto Silva, antigo governador, o jornal direciona suas críticas aos governadores que se encontravam alinhados a figura política de Petrônio Portella. “É importante lembrar que Alberto Silva governou nos anos 70 pela Arena, mas esse partido apresentava rivalidades internas, dividindo-se em Arena I e Arena II, a primeira ligada a Petrônio Portella; a segunda a Alberto Silva.”<sup>109</sup> Esse conflito interno da Arena piauiense se inicia com a chegada de Alberto Silva ao cargo de governador do Piauí, perdurando como parte do jogo político piauiense no decorrer da vigência da ditadura militar brasileira.

Esse tipo de atrito não era incomum na Arena, para entendermos esse fenômeno devemos nos direcionar a compreender a criação desse partido no Brasil. Filha do Ato

---

<sup>106</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 7, 07 de dezembro de 1975. Floriano, Piauí. p. 3.

<sup>107</sup> *Ibidem*. p. 3.

<sup>108</sup> *Ibidem*. p. 3.

<sup>109</sup> FONTINELES, Claudia Cristina da Silva Fontineles. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2009. p. 41.

Institucional nº2 (AI-2), tanto a Arena como o MDB são frutos de um projeto político promovido pelos militares para conter os direitos e as ações da sociedade civil e dos políticos brasileiros.

O objetivo do governo ao criar um sistema bipartidário era facilitar sua ação junto ao Congresso. Os militares visavam, além de destruir as antigas identidades partidárias, criar um partido forte de apoio ao governo que estivesse comprometido com os ideais do movimento de 1964. Ao mesmo tempo, o governo se propunham a criar um partido de oposição que tivesse sua atuação limitada, visando garantir um caráter democrático ao sistema autoritário por ele criado.<sup>110</sup>

Os partidos que existiam até a institucionalização do bipartidarismo em 1965, contavam com políticos de carreira que atuavam nos meandros políticos desde a fundação desses partidos em 1946. Em uma reestruturação política imposta pelos militares eles se viram forçados a dissolver seus partidos e se aglutinarem em uma união forçada. Por meio da implementação do Ato Complementar nº 4 ao AI-2, em que se implementou a nova configuração política que buscava impedir a criação de uma estrutura pluripartidária, tal como a que havia previamente, ao mesmo tempo em que impedia a criação de um partido único, o objetivo dos militares era a de criar um partido de oposição e um partido de apoio aos interesses deles.

Desse decreto nós temos a criação da ARENA, que tinha como objetivo representar os interesses dos militares em um processo de aparente democracia. Já do lado oposto encontramos o MDB que incorporava os políticos que se entendiam como oposição ao governo militar. No Piauí, Petrônio Portella se transformou em um dos principais políticos em favor da máquina pública militar, tendo destaque em diversos momentos de importância política local e nacional, indo da criação da ARENA piauiense até aos processos de reabertura política brasileira.

O bipartidarismo, que dava a ditadura militar brasileira um ar de ser um governo democrático, aconteceu de maneira forçada imposta pelos militares para os políticos. Não é incomum encontramos no interior desses partidos forças políticas divergentes e autônomas, o que propicia o desenvolvimento de conflitos internos motivados por disputas de cargos e de poder.

Nos municípios, havia Comissões Diretoras Municipais, às quais também se atribuiu a competência de escolher os candidatos a prefeito, vice-prefeito, vereadores e juiz de paz. Das convenções nacionais

---

<sup>110</sup> OLIVEIRA, Bruna Karoline Vasconcelos. **Competição e Ciclos Políticos nos Subistemas Partidários no Nordeste: Um Estado de Caso Sobre CE, AL, BA, MA e PI.** Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2017. p. 16.

participariam os senadores, os deputados federais e três representantes de cada uma das Comissões Diretoras Regionais.<sup>111</sup>

A fim de reduzir o atrito nos conflitos locais o governo militar elaborou uma série de cargos que passavam pela escolha dos poderes locais, essa configuração visava diminuir um pouco do atrito desenvolvido na união forçada desses políticos. Essa parca autonomia dada Arena e ao MDB nas relações políticas municipais e estaduais, entretanto os atritos entre poderes locais eram comuns de acontecerem. O Piauí foi palco de um conflito arenista, que foi ocasionado pela chegada de Alberto Silva ao cargo de governador do estado em 1971. “O novo Governador foi indicado pelos generais, a partir da indicação do ministro César Cals de Oliveira, do ex-Governador do Ceará, Virgílio Távora e do Senador Flávio Marcílio, que eram casados com irmãs da mulher de Alberto Silva.”<sup>112</sup> Alberto Silva, chegou ao executivo estadual piauiense com apoio de forças externas do estado, contanto com apoio interno irrisório para se fixar no poder, pois ele acabou por esbarrar nos interesses políticos de Petrônio Portella.

Petrônio Portella exerceu um vasto e longo domínio da máquina pública piauiense, o que se iniciou com a chegada dele ao cargo de governador em 1963 permanecendo até sua morte em 1980. Essa configuração política permanecia nas mãos de um pequeno grupo, fez parte da configuração do jogo político piauiense em sua essência e perpetuação. “Em resumo, a herança política é o processo qual um político é substituído por um parente próximo e desta forma mantém suas clientelas e transfere a esse parentes e afilhados políticos os meios para a continuidade do parentesco no poder político local.”<sup>113</sup> Essa prática perpetuada pelas oligarquias piauiense, que dominavam com suas configurações familiares e econômicas, as estruturas de poder socioeconômica do estado, predominava nos meios rurais, local em que a dependência econômica era mais propícia a perpetuação desses grupos no poder.

Em linhas gerais, aliado ao fato de mais de 80% do eleitorado piauiense encontrarem-se no interior do Estado, nada menos do que 87,1% ou 1.549.606 eleitores eram ou analfabetos (336.953) ou completaram apenas o primeiro grau (53.507, ou 4,9%) em 1989. Isso significa a prevalência eleitoral das regiões mais pobres e do voto rural, enfim, que o processo eleitoral é definido por uma grande massa de eleitores com

---

<sup>111</sup> GRIMBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena) 1965-1979**. Rio de Janeiro, Maud X, 2009. p. 69.

<sup>112</sup> SILVA, Roberto John Gonçalves da. **Metamorfose das oligarquias: o caso do Piauí**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p. 236.

<sup>113</sup> ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. **Oligarquias e elites políticas no Piauí: 1982-1995**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000. p. 92.

pouca ou nenhuma instrução escolar e sugerindo pouca ou nenhuma consciência política com resultados já conhecidos.<sup>114</sup>

O único local que neste período apresentava um desenvolvimento mais consolidado era a capital Teresina, que continha configuração urbanística que destoava do resto do estado. O que remonta ao primeiro mandato de Alberto Silva, período em que Petrônio Portella tem sua hegemonia abalada, Alberto Silva elaborou uma política desenvolvimentista que visava a modernização e urbanização do estado tendo a capital como carro chefe no seu projeto desenvolvimentista.

É nessa época que a capital do estado passa por várias reformas e entre elas podemos destacar as reformas do Palácio Karnak (sede do governo estadual), do Teatro 4 de Setembro (principal teatro da cidade), da Praça Pedro II, do Hotel Piauí, da Avenida Frei Serafim (principal avenida de Teresina).<sup>115</sup>

Visando alcançar um status de capital moderna a Teresina, Alberto Silva promoveu uma série de reformas na cidade no decorrer de seu primeiro mandato a governador do Piauí. A conclusão desse mandato rendeu ao político uma grande aprovação de seu governo, principalmente por aqueles que moravam na capital, o quesito desenvolvimentista se alinhou a uma ideia de valorização do Piauí e da imagem do piauiense, sua gestão desenvolvimentista propiciou a construção de um olhar positivo em relação ao Piauí para dentro e para fora do estado<sup>116</sup>.

O período final do governo de Alberto Silva foi marcado por níveis de popularidade elevados, principalmente em Teresina, o que permitiu ao governador uma provável vitória ao cargo de senador nas eleições de 1974. Essa trajetória política era um caminho comum aos políticos piauienses onde eles eram alocados ao cargo de governador, vindo de escolhas do executivo federal, ganhavam renome e prestígio e em sequência concorriam ao cargo de senador, normalmente sendo eleitos. Entretanto, nas eleições de 1974 surgiu um veto as candidaturas de ex-governadores ao cargo de senador. “O Senador precisaria se reeleger, mas, com a popularidade de Alberto Silva seria impossível derrotá-lo nas urnas. Petrônio não queria correr esse risco e eliminou, por

---

<sup>114</sup> Ibidem. p, 52.

<sup>115</sup> MENDES, Sérgio Luiz da Silva. **SEM MEDIR AS PALAVRAS: atuações do *Jornal Inovação em Parnaíba – PI (1977-1982)***. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2012. p, 29.

<sup>116</sup> FONTINELES, Claudia Cristina da Silva Fontineles. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2009. p,36 – 53.

cima, qualquer aspiração de Alberto Silva, medida que foi estendida por todo o país.”<sup>117</sup> **A articulação política de Petrônio Portella conseguiu influenciar as eleições de 1974 em todo o país, essa movimentação política assim como sua abrangência serve como exemplificador da força que esse político tinha.**

O governo de Alberto Silva terminou em 1975, em seu lugar assume o cargo de governador seu então secretário de saúde Dirceu Arcoverde. A chegada dele ao executivo estadual representa mais um momento de atrito entre as forças internas da Arena piauiense, pois se a escolha de Dirceu Arcoverde para o cargo de governador era aprovada tanto por Alberto Silva como para Petrônio Portella, o desacordo se encontrava na chapa que comporia o governo de Dirceu Arcoverde. Alberto Silva apoiava a escolha do deputado Pinheiro Machado ao cargo de vice-governador, em contrapartida Petrônio Portella apoiava a indicação de Djalma Martins Veloso.

O nome para vice-Governador, indicado por Dirceu Mendes Arcoverde, foi Djalma Martins Veloso, primo legítimo de Petrônio Portella. Estava garantida assim a continuidade do poder da oligarquia na próxima sucessão. O rompimento entre Alberto e Dirceu estava definitivamente selado. Por essas razões, na transmissão do cargo ao novo Governador, Alberto Silva fez um pronunciamento de improviso e retirou-se imediatamente sem passar oficialmente o Governo e sem cumprimentar o novo Governador.<sup>118</sup>

Esse conflito presente no Piauí, com alas tão distintas da Arena se estende ao longo do período de vigência do governo militar brasileiro. Esse tipo de atrito não foi um fenômeno exclusivo desse estado, se encontrando atrelado a forma como se deu a gênese da Arena e do MDB, assim como na configuração do poder político local durante a vigência do bipartidarismo, o que também se fez presente nos processos políticos de Floriano como veremos nas análises do *Jornal de Floriano*.

#### **2.4 *Jornal de Floriano* entre permanências e mudanças**

Nesse momento partiremos para uma análise mais profunda da fonte, dando destaque às questões políticas abordadas ao longo de 1975 e parte de 1976 no *Jornal de Floriano*. Iniciamos nossa pesquisa com a seguinte configuração política, na instância nacional encontramos Ernesto Geisel no cargo de presidente, no Piauí passamos por uma

---

<sup>117</sup> SILVA, Roberto John Gonçalves da. **Metamorfose das oligarquias: o caso do Piauí**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p, 239.

<sup>118</sup> Ibidem. p, 243.

transição do poder saindo do governo de Alberto Silva para a gestão de Dirceu Arcoverde, ambos membros da Arena, mas pertencentes a alas distintas, em Floriano por sua vez temos os anos finais da gestão arenista de Manoel Simplício da Silva e seu vice-prefeito José Antão do Vale Reis, eleitos em 1972. Abaixo seguiremos com uma tabela apresentando os vereadores eleitos no pleito que contemplou a chegada de Manoel Simplício ao cargo de prefeito.

Tabela 3: Vereadores eleitos em 1972

<b>Vereadores</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos</b>
José Wilson Pereira	ARENA	677
Augusto Ferreira da Mota	ARENA	666
José Leão Azevedo de Carvalho	ARENA	428
Maria Nazaré Silva	ARENA	413
Carlos Augusto Bucar	ARENA	1325
Elias Vitor de Araújo	MDB	668
Francisco Alves de Moraes	MDB	552
Gilberto de Carvalho Guerra	MDB	702
Izael Alves de Almeida	MDB	551

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Piauí – TRE.

Percebemos que as eleições de 1972, em Floriano, apresentaram um equilíbrio entre o número de vereadores eleitos contando com o total de 5 vereadores da Arena contra 4 do MDB. A prefeitura, por sua vez, foi ocupada por membros da Arena. Considerando os votos dos vereadores eleitos encontramos uma disparidade de 1.036 em favor da Arena, o MDB conseguiu com seus vereadores o total 2.473, contra 3.509 da Arena. Apesar da proximidade do número de representantes eleitos percebemos uma diferença grande no número de votos dedicados a cada partido, o que indica que a Arena conseguia movimentar uma quantidade maior da população em seu entorno. Abaixo seguiremos uma tabela em relação aos vereadores eleitos 1976 em Floriano.

Tabela 4: Vereadores eleitos 1976

<b>Vereadores</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos</b>
Maria Nazaré Silva	ARENA	1.166

João Antônio de Carvalho Neto	ARENA	903
Genival Tavares Cavalcante	ARENA	819
Pedro Rodrigues de Sousa	ARENA	634
José Leão Azevedo de Carvalho	ARENA	617
Pedro Attem Filho	ARENA	593
Carlos Augusto Bucar de Arruda	ARENA	484
Tiago Solon dos Reis	MDB	548
Raimundo Duque de França	MDB	545
Antônio Xavier Neto	MDB	500
Paulo Vasconcelos	MDB	482

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Piauí – TRE.

Nas eleições relativas ao ano de 1976, observamos um alargamento da diferença de vereadores eleitos entre os partidos, sendo 7 vereadores eleitos pela Arena contra 4 pelo MDB. Se em 1972 a distância era a de um cargo de vantagem para a Arena, em 1976 esse número triplicou. Na somatória dos votos dos eleitos temos 2.075 votos para o MDB, contra 5.216 votos para a Arena, uma diferença de 3.141 a mais para a Arena. Relativo aos políticos eleitos, percebemos o alargamento do número de políticos eleitos em Floriano, de um pleito para o outro. Não abordaremos a eleição a prefeito nesse momento, pois iremos compreender como esse processo se deu no decorrer desse e do próximo capítulo.

Compreendido como se encontrava a organização política de Floriano, onde buscaremos entender como o *Jornal de Floriano*, retratou as questões políticas em suas páginas. Nosso foco se dará nas transformações que o jornal passou ao transmitir as questões políticas entre os anos de 1975 e 1976. “Noutras palavras, na página em branco, uma prática itinerante, progressiva e regulamentada – uma caminhada – compõe o artefato de um outro “mundo”, agora não recebido, mas fabricado.”<sup>119</sup> Temos como objetivo

<sup>119</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008, p.225.

compreender a forma como a corrida eleitoral a prefeitura da cidade influenciou a apresentação das questões políticas em suas páginas, assim como a construção da realidade desenvolvida pelo jornal em suas publicações ao longo desses dois anos.

O *Jornal de Floriano* foi um periódico que apresentava em média 8 páginas em suas publicações, em seu exemplar de lançamento já encontramos questões políticas relevantes em suas páginas a respeito do cenário político do Piauí. Na terceira página desse periódico localizamos próximo ao editorial, a seguinte coluna fixa denominada de *Notas da Capital*, nela nos deparamos com a primeira abordagem política deste jornal. Tratando da passagem de Ulysses Guimarães por Teresina, ele que a época era presidente do MDB, se encaminhava pelo estado para tratar da organização política referente ao ano seguinte<sup>120</sup>. Essa coluna era assinada pelo jornalista Deoclécio Dantas, tratava de acontecimentos principalmente políticos que se passavam no Piauí, principalmente os que aconteciam em Teresina.

Candidatura dos mais fortes e merecedora de nossa acolhida é a do jornalista DEOCLECIO DANTAS, para vereador de Teresina, pela legenda da ARENA. Deoclecio, com o espírito público que tem, a inteligência e vontade de trabalhar pelo povo, além do conhecimento de que é possuidor dos problemas da capital, ingressará na vida política ajudando no processo de desenvolvimento por que passa a Cidade Verde.<sup>121</sup>

A figura de Deoclécio Dantas e suas publicações nesse jornal nos mostram as contradições e complexidades que existiam na conjuntura dos poderes locais. Deoclécio Dantas foi um jornalista ativo ao longo dos anos de 1975 e 1976 no *Jornal de Floriano*, contribuindo em quase todas as edições lançadas. A questão que chama nossa atenção se encontra na presença de um candidato da Arena, atuando de forma ativa em um jornal de um candidato do MDB. É acertado dizer que nem Deoclécio Dantas nem Antônio de Pádua Kalume eram candidatos no momento que se uniram nesse jornal, entretanto a união e colaboração de Deoclécio permanece após a apresentação de ambos como candidatos as eleições de 1976.

Outra coluna que chama atenção na primeira edição do jornal é a coluna *Censura Livre*, localizada na página 7, assinada por João Luiz Guimarães, seu conteúdo trata de assuntos corriqueiros da cidade, como um poste com problema, previsão de um bom inverno em Floriano. O destaque dessa coluna se dá no seu nome *Cesura Livre*, um jornal

---

<sup>120</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, n° 1, 26 de outubro de 1975. Floriano, Piauí. p, 3.

<sup>121</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, n° 24, 4 de abril de 1976. Floriano, Piauí. p, 3.

que é veiculado em um momento de privação de liberdades com a vigência do AI-5. Nos parece que a intenção do jornal é sinalizar para o leitor de que ali não abordaria nada que viesse a ferir os ideias da “revolução de 1964”<sup>122</sup>.

Finalizando a primeira edição nos encontramos na última página a coluna fixa denominada *Politicando*, essa ao contrário das anteriores não era assinada por nenhum jornalista. “O MDB de Floriano já conta com três ótimos candidatos para disputarem a vereança, no próximo pleito. Trata-se de Pedro Neiva de Sousa (da E.C.T), Antonio Xavier Neto (da Receita Federal) e Mario Ancelmo (do INPS).”<sup>123</sup> No geral trazendo textos curtos com repercussões políticas que aconteciam no Piauí. Com isso percebemos uma presença ativa da política nas páginas do *Jornal de Floriano*, algo que se fez presente desde a primeira edição lançada, a princípio de forma tímida, em 3 colunas espaçadas ao longo do jornal.

As colunas apresentadas anteriormente eram fixas no jornal, aparecendo na maior parte das edições lançadas no decorrer dos anos de 1975 e 1976, entretanto não era incomum encontrar nas páginas do *Jornal de Floriano* textos que apareciam de forma esporádicas tratando de política. Mais à frente teremos a implementação de uma outra coluna fixa, que tratava de política, no ano de 1976 na edição número 18 aparece a *Coluna do Cururu*, ela que tratava de questões políticas de uma com uma abordagem jocosa e crítica, sendo apresentada pela persona do Cururu um pseudônimo de um autor não reconhecido. Mais à frente dedicaremos um espaço para compreender como se deu a entrada dessa coluna no jornal, e o papel que ela passou a apresentar no cenário político em que o jornal se encontrava.

A edição número 3 do *Jornal de Floriano* marca a primeira abordagem política que foge de suas colunas fixas. O assunto tratado era um conflito entre o prefeito de Floriano, Simplicio Mendes da Arena, com um funcionário do Banco do Brasil, terminando com um disparo acidental da arma do prefeito em sua própria perna. Esse assunto retorna em 3 momentos separados do jornal na capa no texto *O Lixo e o Tiro*, na terceira página com o texto *Floriano City* e na página final no texto *Térmo de Declaração Prestada Pelo Prefeito Manoel Simplicio da Silva*.

Mais tarde, o pior, o mais vexatório: por causa de uma poça d'água e um monte de lixo numa rua, começou uma bruta discussão entre o prefeito e um bancário. Após algumas trocas **de gentilezas** e, talvez, **cumprimentos** às respectivas genitoras e sem que ninguém se

---

<sup>122</sup> Forma como os militares se referiam ao golpe militar de 1964.

<sup>123</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, n° 1, 26 de outubro de 1975. Floriano, Piauí. p, 8.

atracasse, saiu um tiro e o prefeito foi atingido na perna. Não se sabe como nem porque, mas, o tiro saiu do revólver do prefeito. E o bancário foi preso por desacato à autoridade...<sup>124</sup>

Essa matéria aborda uma série de conflitos e crimes que vinham acontecendo na cidade onde o jornal, em uma matéria não assinada, compara Floriano a uma cidade dos filmes de “Velho Oeste”, tratando dessa forma da falta de policiamento e da escalada da violência local. Por fim em *Térmo de Declaração Prestada Pelo Prefeito Manoel Simplicio da Silva*. O jornal abre espaço para uma explicação do prefeito ao fato ocorrido, essa edição dá um destaque a mais um político florianense, isso se deve a natureza dos fatos ocorridos. Entretanto, é interessante destacar que o texto *Floriano City*, localizado em uma parte com pouco destaque do jornal, aborde a escalada da violência durante a gestão de Manoel Simplicio em Floriano, sendo essa a primeira crítica direcionada a gestão de algum político apresentada nesse jornal.

A partir da edição número 3 críticas à gestão de Manoel Simplicio passaram a aparecer de maneira pontual no jornal, ao mesmo tempo em que assuntos políticos passaram a ocupar um espaço maior nas páginas desse periódico. As edições número 4 e 5 apresentam algumas questões políticas relevantes, como um conflito interno da Arena relativo à cassação do vereador Wilson Pereira por políticos da Arena. Com essas duas edições nós conseguimos localizar uma problemática apresentada por Lucia Grinberg, relativo à criação da Arena e a sua união forçada, o que acabou criando um ambiente propício para a propagação de conflitos internos.

Essas disputas internas no cenário dentro da ARENA, partido que dava sustentação aos governos militares e ao qual integravam Alberto Silva, Petrônio Portella e Dirceu Arcoverde apenas confirmavam a defesa do modelo governamental defendido no país, que estabelecia a conciliação entre seus membros e não os embates, embora eles existissem, como indicam as rivalidades ocorridas no cenário piauiense.<sup>125</sup>

Nas edições número 6, 7 e 8 encontramos o anúncio e a repercussão da vinda do governador Dirceu Arcoverde em Floriano, que chegava à cidade para uma reunião da Arena que visava decidir os rumos do processo eleitoral de 1976. Esse fato recebeu bastante atenção do jornal, pois além da cidade receber o governador do estado ainda

---

<sup>124</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 3, 9 de novembro de 1975, Floriano, Piauí. p. 3.

<sup>125</sup> FONTINELES, Claudia Cristina da Silva Fontineles. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2009. p. 45.

haveria nessa data uma reunião com diversas figuras políticas importantes do Piauí, bem como de membros de importância da sociedade civil florianense.

Com a edição número 6 de 30 de novembro de 1975, destacamos a aparição de Ademar Pereira da Silva e do seu então vice Michel Demes<sup>126</sup>, candidatos cotados a concorrer à prefeitura pela Arena. Nessa edição encontramos o início da movimentação da Arena local na organização do partido para a eleição de 1976. Sendo um reflexo da reunião do dia 12 de dezembro, em que os políticos preparavam o terreno para a visita do governador Dirceu Arcoverde e a validação de Ademar Pereira como candidato à prefeitura pela Arena florianense.

Depois de algumas especulações e sondagens de vários nomes foi finalmente escolhido o candidato a vice prefeito que disputará com o médico Ademar Pereira, a Prefeitura de Floriano, no próximo pleito. Trata-se do sr. Michel Demes comerciante da terra e por demais conhecido do povo florianense.

Os acertos finais da candidatura do sr. Michel Demes foram realizados em reunião havida na quinta-feira à noite na sede da ala arenista liderada por Ademar Pereira.

Marcaram presença nessa reunião, não só membros da chamada “Arena Doida” como também os seus coligados da “Arena Preta”.

Composta a sua chapa pretende o grupo ademarista apresentá-la na reunião da Executiva Regional da Arena, a ser realizada no próximo dia 12 de dezembro.

Essa reunião, que contará com a presença de todo o Estado maior da Arena piauiense, inclusive de S. Exa. o governador do Estado, congregará todos os Diretores Municipais das cidades vizinhas.

O Senador Helvidio Nunes de Barros confirmou também a sua vinda.

Após a reunião, o governador do Estado receberá, em audiência especial, todos os políticos da região.<sup>127</sup>

Da matéria apresentada vale ressaltar a alcunha Arena Doida e Arena Preta atribuído às alas arenistas que compuseram a reunião, essas alas aparecem como um pedaço do partido que vinham sendo comanda, a nível local, pelo grupo de Ademar Pereira, ou como o jornal descreve grupo ademarista. Essa nomenclatura de Arena Doida/Arena Preta retorna nas edições posteriores, atrelada às ações desse político em muitos casos apresentadas como radicais pelos jornais analisados.

Em quando a Arena se organizava apresentando nomes, fazendo reuniões municipais o MDB apresentava passos tímidos na organização eleitoral que se desenhava.

---

<sup>126</sup> Imigrante sírio, irmão de Josefina Demes, comerciante respeitado e conhecido na cidade de Floriano. Para mais informações ver **Coleção Florianenses**, número 6, página 91.

<sup>127</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº6, 30 de novembro de 1975. Floriano, Piauí. p. 1.

As primeiras menções que encontramos em nossa fonte, são encontradas apenas na edição de número 9 de 21 de dezembro. Onde o MDB inicia sua estruturação em uma reunião estadual na cidade Parnaíba, o que foi noticiado pelo jornal com o seguinte texto: *MDB QUER DEPUTADOS E SENADORES EM SUA CAMPANHA MUNICIPAL*<sup>128</sup>, nela são discutidas as ações que serão tomadas pelo partido ao longo da campanha de 1976.

Chegando na última edição lançada em 1975 com a edição número 10 do *Jornal de Floriano*, onde localizamos na página 8, a coluna *Politicando* mais movimentações envolvidas nas articulações políticas da Arena piauiense. Entretanto o que se destaca nessa edição é o texto mais propositalmente confuso apresentado nesse periódico, localizado na página 3 logo abaixo do editorial ao final da página encontramos o seguinte texto.

Figura 4: Matéria referente ao ano de 1975 pelo *Jornal de Floriano*



Fonte: JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº10, 28 de dezembro de 1975, Floriano, Piauí. p, 3.

Desse texto extraímos as seguintes palavras: Telepisa, Assalto, Agespisa, Cloacapisa, Barulho, Arena Preta, Arena Boa, Arena Fresca, Arena Doida, Arena Preta & Doida, Vaca, Lixo, Confraternização, Bispo, Gasolina, Cachorro, Cassações, Lixo, Barulho, Intrigas, Cepisa, Porco, Lixo, Confraternização e terminando com um “BOA

<sup>128</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº9, 21 de dezembro de 1975. Floriano, Piauí. p, 8.

**SORTE EM 1976!**”, escrito em negrito em letras garrafais. A princípio esse emaranhado de símbolos e palavras desconexas parecem não fazer sentido, mas essas palavras-chave fazem referência às matérias veiculadas no jornal no decorrer do ano que findava, e a questões que viriam a ser levantadas no decorrer do ano que se avizinhava. A título de exemplo, a palavra Porco e Lixo faz alusão às questões de sujeira apresentadas na praça matriz o que foi levantado nas edições iniciais do jornal. Já o termo Arena Doida e Arena Preta aparecem fazendo uma ligação com a reunião da Arena na cidade e da escolha dos candidatos à prefeitura em 1976.

Iniciando as leituras dos jornais de 1976 com edição de número 11, nela o candidato à prefeitura de Floriano, Ademar Pereira, aparece envolvido como mandante de um crime, no caso conhecido como Caso João do Morro. Esse evento perpassa por toda essa edição aparecendo na capa do jornal, na página 3 e na 7, tendo destaque parecido com o conflito do prefeito Manoel Simplicio com um funcionário do Banco do Brasil relatado na edição número 3 do *Jornal de Floriano*.

Torturado por oito policiais militares, que lhe arrancaram as unhas, pisaram no seu corpo e ainda o ameaçaram de morte, Francisco das Chagas Rosado de Araújo, mais conhecido por Nelsinho, foi obrigado a confessar que matou o motorista João do Morro e a mulher Maria das Graças, no chamado Crime do Corcel, em Floriano.

Nelsinho sofreu as torturas numa estrada deserta, pela primeira vez e, depois, no interior do quartel da Polícia Militar foi novamente coagido para confessar a autoria da chacina e obrigado a implicar o médico Ademar Pereira, como mandante no crime.<sup>129</sup>

Nelsinho informou em seu depoimento que foi obrigado a assumir a morte de João do Morro e de sua esposa, sob tortura. Além de assumir a culpa deveria colocar o nome de Ademar Pereira como mandante do crime. Esse caso não retorna ao jornal portanto, não sabemos como se deu o desfecho dele, entretanto presumimos que nada foi feito com Ademar Pereira, pois, ele seguiu com sua candidatura. Esse trabalho não visa adentrar nas questões de repressão e tortura durante a ditadura militar brasileira, entretanto não podemos deixar de apresentar tal repercussão quando ela aparece em nossa fonte atrelada a um político, que se encontra vinculado a um processo político que estudamos.<sup>130</sup>

Das edições seguintes contamos com questões pontuais e menores sobre política, apenas na edição de número 14 que retornam, de maneira pontual. Na capa do jornal

---

<sup>129</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 11, 4 de janeiro de 1976. Floriano, Piauí. p, 7.

<sup>130</sup> Para mais informações a respeito da prática de tortura desse regime, ver o capítulo “O martelo de matar moscas”: os anos de chumbo, presente em **1964 História do Regime Militar Brasileiro** de Marcos Napolitano.

encontramos a seguinte matéria: *Governador Reuniu Políticos da Arena em Karnak*. A notícia tratava do governador Dirceu Arcoverde e dos rumos que a Arena iria tomar no decorrer do ano de 1976. Essa matéria demonstra um pouco do jogo político piauiense, mas apenas apresenta o que se passava evitando desenvolver um debate mais profundo ou crítico. Entretanto no edição posterior de número 15, encontramos o que podemos destacar como o primeiro ataque do jornal a Arena de Floriano.

A ARENA de Floriano, ou melhor as arenas, abriram as jaulas e soltaram as suas “feras” munidas com os mais terríveis equipamentos bélicos, para um luta em campo aberto.

Parece até que os participantes desta contenta estão todos dopados com o veneno da discordia, da intriga e da calunia, porcurando cada grupo sobrepujar o adversário em malicia e sagacidade para derramar sobre ele o seu mortal vírus peçonhento.

E o povo assiste estarecido a esta “guerra” de tantos golpes baixos entre aqueles que são ou pretendem ser os mandatarios da cidade.

É lamentavel que isto ocorra numa cidade como Floriano!<sup>131</sup>

Esse texto localizado na coluna *Politicando*, na parte final do jornal. Apesar de não direcionar suas críticas a algum indivíduo específico, podemos perceber mais uma vez o atrito da Arena local, ao que tudo indica o problema se encontrava na escolha dos candidatos que viriam a concorrer a eleição que se avizinhava. Percebemos nas edições iniciais de 1976. Um avanço das discussões políticas no *Jornal de Floriano*, que se torna cada vez mais presente de acordo com a aproximação do processo eleitoral, como vemos na edição número de 16, de 8 de fevereiro de 1976. A notícia apresenta um longo texto presente na página 5 desse periódico, assinado por Roberto Rocha Leal<sup>132</sup>, onde ele elabora uma larga discussão a respeito da configuração do coronelismo no Nordeste e de como se desenvolvia na política de Floriano.

Finalmente, podemos dizer que a política Florianense difere de um modo geral da política Nordestina, uma vez que o fenômeno do Coronelismo nunca se fez sentir presente, tendo se expandido principalmente a política do populismo após a década de 1950, na qual subjulgou o povo Florianense a clientela e a instabilidade política local, e por esse carater do populismo, facilitou profundamente a constante CIRCULAÇÃO DE ELITES LOCAIS<sup>133</sup>

A compreensão do desenvolvimento político da região Nordeste, apresentada nessa discussão do jornal parte de uma reflexão madura que engloba os debates que

---

<sup>131</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 15. 1 de fevereiro de 1976, Floriano, Piauí. p. 8.

<sup>132</sup> Não encontramos em nossas análises outra contribuição dele, tão pouco mais informações nos textos de apoio a respeito desse autor.

<sup>133</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 16, 8 de fevereiro de 1976. Floriano, Piauí. p. 5.

vinham sendo desenvolvidas na época, o autor evoca conceitos complexos como coronelismo, populismo, clientelismo, elites locais e casa grande. Permeando seu texto e contribuindo para reflexões envolta dos processos políticos que vinham ganhando força nas páginas do jornal.

A reflexão apresentada no periódico sobre o desenvolvimento da política, alinhado ao crescimento das questões políticas e estaduais sendo discutidas e apresentadas de forma mais presente no *Jornal de Florianópolis* nos leva a pensar nas questões intrínsecas à própria natureza dos jornais “A Imprensa é linguagem constitutiva do social, detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa / sociedade, e os movimentos de constituição do social que esta relação propõe”.<sup>134</sup> O jornal consegue pela sua concepção se construir como um recorte da realidade em que estava inserido e escolhas que implicaram na produção desse periódico.

Ainda localizamos na edição número 16 de 1976 desse jornal, uma movimentação do MDB em relação a eleição vindoura. Na página 1 do periódico temos uma apresentação dos possíveis candidatos ao cargo de prefeito e vice-prefeito pelo MDB. Das reuniões do partido saíram os seguintes nomes: Dr. Antonio Wilson Soares e Luiz de Sousa Brandão. Esses nomes aparecem como possíveis candidatos, o que podemos retirar tanto dessa edição do jornal como das até então analisadas é de que a Arena até então estava muito mais organizada para a eleição de 1976 do que o MDB. A escolha de Dr. Wilson repercute no jornal seguinte, mas ainda de maneira tímida como um pequeno parágrafo na parte final do jornal dentro da coluna politicando.

Passamos para edição número 18, lançada no dia 22 de fevereiro de 1976, essa que representa um ponto de virada no jornal. Em sua composição inicial da parte do jornal que se apresenta ao público nos encontramos as seguintes palavras em letras garrafais na parte superior da página “ADELMAR É CANDIDATO DE SI MESMO”. Com uma chamada para uma entrevista localizada na última página do jornal, em que o deputado João Lobo da Arena foi entrevistado pelo diretor do jornal Gabriel Kalume<sup>135</sup>. Ainda na parte inferior da página mais duas matérias de caráter político partidário uma abordando a ação dos vereadores da Arena da cidade de Bertolínia contra a construção de um hospital, e a outra refletindo a respeito das falas de Petronio Portella a respeito da forma

---

<sup>134</sup> CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, n. 35, dez. 2007. p. 260.

<sup>135</sup> Essa entrevista será analisada no próximo capítulo.

como os partidos deveriam agir, com a Arena seguindo as diretrizes dos militares que comandavam a estrutura política federal e o MDB fazendo seu papel de oposição. Desse ponto em diante o jornal passa a perpetuar em suas páginas ataques a Arena, em grande parte direcionada a campanha de Ademar Pereira e da sua ala política.

Por fim e não menos importante, na parte final da página 1 desse periódico nos encontramos o anúncio daquele que seria uma figura ativa do *Jornal de Floriano*, contra os políticos e as ações da Arena de Floriano, o Cururu que assinava a Coluna do Cururu. Localizada na página 7 o Cururu apresenta pequenos textos com bastante humor, direcionando suas críticas as ações da Arena e de seus membros em Floriano. “Há gente maldosa falando que as ruas estão cheias de lixo, mas o **Cururu** apurou que a Prefeitura tomou drásticas providências colocando nas ruas bois, porcos, jumentos e outros bichos na benemerita campanha de limpeza. – Avante Floriano!”<sup>136</sup> Nessa matéria Cururu apresenta a má gestão de Manoel Simplicio em relação a coleta de lixo da cidade, esse tipo abordagem permitiria ao jornal direcionar suas críticas e represálias as figuras políticas de uma forma direta por meio do humor.

O humor como uma ferramenta política já havia sido utilizado no Piauí por outros jornais em outros momentos. “A caricatura foi usada pela imprensa como arma de ataque, a favor da elite política conservadora piauiense, ou seja, dos políticos, jornalistas e editores contrários ao modo reformista de governar de Chagas Rodrigues.”<sup>137</sup> Por meio de humor e de uma mensagem mais direta, a Coluna do Cururu serviu ao papel de questionar e contestar o governo vigente, veremos mais adiante como essa figura atuou no contexto político em que o jornal se inseria.

Compreendemos que a edição de número 18 de 1976 do *Jornal de Floriano*, representa um ponto de mudança na forma como a abordagem política vinha sendo apresentada nesse periódico. A aproximação do período eleitoral atuava como um movimentador do jogo político local e estadual, as eleições de 1974 representaram uma perda de cargos e de poderio político da Arena, no cenário nacional. “Com o fim do chamado Milagre Econômico, com o aumento dos índices de inflação e, sobretudo, com a reação popular contra o regime militar, a ARENA, dirigida por Petrônio Portella sofre

---

<sup>136</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 18, 22 de fevereiro de 1976. Floriano, Piauí. p. 7.

<sup>137</sup> LIMA, Flávia de Sousa. **IMPRESA E DISCURSO POLÍTICO: As disputas pelo poder no Governo de Chagas Rodrigues (Piauí, 1959 – 1962)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2011. p. 107.

uma grande derrota eleitoral em quase todo o país em 1974.”<sup>138</sup> Essa derrota da Arena em nível nacional não aconteceu no Piauí. Os estudos que encontramos e com os dados que confrontamos nos permitiu inferir a Arena controlou o cenário política de forma predominante no Piauí no decorrer do período de vigência do bipartidarismo no Brasil, inclusive no período em que o MDB ganhava força no restante do país após as eleições de 1974.

Dessa forma, a eleição de 1976 representava para Arena, uma tentativa de reposição de cargos, retomada de poder e influência perdidas nas eleições de 1974<sup>139</sup>. Por isso nos parece acertado dizer que a movimentação da Arena de uma forma mais agilizada, partiria dessa tentativa de retomada de espaços perdidos em 1974. A resposta do *Jornal de Floriano* aparece da edição número 18, se materializando de forma mais cômica e irônica na figura do Cururu. No capítulo posterior analisaremos como o jornal passou a conduzir as questões políticas após essa guinada direcionada a atacar a Arena em que buscaremos compreender se esse comportamento se manteve, os motivos que levaram ao direcionamento da depreciação da Arena local, e o favorecimento do MDB.

---

<sup>138</sup> SILVA, Roberto John Gonçalves da. **Metamorfose das oligarquias: o caso do Piauí**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p. 243.

<sup>139</sup> CARVALHO, Alessandra. “Democracia e desenvolvimento” versus “segurança e desenvolvimento”: as eleições de 1974 e a construção de uma ação oposicionista pelo MDB na década de 1970. *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 28, p. 555-572, 2012.

## CAPÍTULO 3 JORNAL DE FLORIANO E O PROCESSO ELEITORAL DE 1976

### 3.1 Entrevistas, conflitos políticos e escolhas partidárias

Dando continuidade ao que foi tratado no capítulo anterior, partiremos para uma análise direcionada a compreender como o *Jornal de Floriano* se posicionou em relação ao processo eleitoral vigente em Floriano em 1976. Tendo em vista a mudança apresentada no periódico na edição de número 18 de 1976, em que o jornal partiu para uma ação de depreciação da Arena local, ao mesmo tempo em que passou a defender os interesses políticos do MDB de Floriano, com isso o jogo político se transformou em uma peça central nas abordagens desse periódico.

A fim de entender a complexa trama política que se desenhava na cidade de Floriano, precisamos compreender alguns pontos que perpassam essas entrevistas, tal como os atritos envolvidos na escolha do candidato à prefeitura pela Arena de Floriano. Como veremos adiante João Lobo membro da Arena, foi um crítico voraz a escolha de Ademar Pereira como candidato à prefeitura pelo partido em Floriano nas eleições de 1976, o que gerou uma série de atritos internos no partido que foram explorados pelo jornal. Manoel Simplicio, prefeito a época, e Ademar Pereira se configuravam na ala arenista que o *Jornal de Floriano* denominou de Arena Doida/Arena Preta, considerada pelo periódico como um grupo agressivo e desordeiro que manteve o controle das eleições em Floriano nas eleições municipais de 1976. No meio desse conflito encontramos a figura do Francisco Antão Reis presidente da Arena de Floriano, que buscava manter a ordem do partido conciliando esses grupos distintos, sendo apresentado pelo periódico como uma figura que apoiava o nome de Ademar Pereira, mas não se encaixava nem no grupo de João Lobo e tão pouco ao grupo de Ademar Pereira e Manoel Simplicio.

O *Jornal de Floriano* explorou os atritos envolvidos entre as distintas forças políticas que pertenciam a Arena de Floriano, entretanto, o mesmo não acontece ao tratar dos políticos do MDB de Floriano. Esses eram apresentados de uma forma mais coesa como um partido mais organizado que não passava pelas querelas que eram comuns a Arena. Vale salientar que esse tipo de conflito explorado pelo periódico era comum a época e se encontrava atrelado a implementação do bipartidarismo no Brasil como aborda

Lucia Grimberg<sup>140</sup>. Essa união se deu de forma forçada agregando diversas forças políticas que deveriam se agregar no partido de oposição, MDB, ou no partido do governo ARENA. Essa configuração política que agregava diferentes forças em dois partidos não gerou atritos no MDB de Floriano? Se esses conflitos aconteceram por que eles não se fazem presentes nas páginas desse periódico? Dado a configuração política da época é bem provável que essas problemáticas também aconteceram no MDB, entretanto, é muito provável que o *Jornal de Floriano* escolheu não abordar essa problemática em suas páginas. Isso se dá provavelmente pela atuação de um dos donos desse periódico em um papel central, no processo eleitoral de 1976, onde Antonio de Pádua Kalume concorreu ao cargo de prefeito pela legenda do MDB.

Abaixo destacaremos uma série de entrevistas elaboradas pelo *Jornal de Floriano*, que compreendem a edição nº 18 até a edição nº 23, que foram desenvolvidas com políticos da região. Estas entrevistas tinham como intuito apresentar à população de Floriano como se configurava o cenário político no início de 1976.

Tabela 5: Entrevistas edições nº 18 a nº 23 de 1976

EDIÇÃO	ENTREVISTADO	CARGO	PARTIDO
Nº 18	João Lobo	Deputado	Arena
Nº 19	Manoel Simplicio	Prefeito	Arena
Nº 20	Comandante Filadelfo	Não localizado	MDB
Nº 21	Francisco Antão Reis	Presidente da Arena de Floriano	Arena
Nº 22	Adelmar Pereira	Candidato a prefeito	Arena
Nº 23	José Bruno dos Santos	Deputadot	MDB

Fonte: *Jornal de Floriano*. Ano 2, nº 18 a nº 23 de 1976. Floriano, Piauí.

A primeira entrevista foi feita com deputado arenista João Lobo, que repercute a escolha de Adelmar Pereira para concorrer ao cargo de prefeito pela Arena de Floriano, onde encontramos na página inicial do jornal a seguinte chamada em letras garrafais:

<sup>140</sup> GRIMBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena) 1965-1979**. Rio de Janeiro, Maud X, 2009.

“ADELMAR É CANDIDATO DE SI MESMO”, convidando os leitores para entrevista que se encontrava na parte final do jornal. A entrevista funcionava como um arremate do jornal, localizada como um grande início para as questões políticas que viriam a ser tratadas a partir da edição de número 18 e iria permanecer ao longo do ano de 1976. Dessa entrevista e das que analisaremos adiante, compreendemos que João Lobo era uma figura política forte dentro da cidade, seu nome retorna com frequência entre os entrevistados, pois, ele se encontrava atrelado a uma ala arenista oposta ao grupo que havia escolhido Ademar Pereira para concorrer ao cargo de prefeito pela legenda da Arena no pleito de 1976. Não localizamos uma nomenclatura do jornal para o grupo ao qual João Lobo pertencia, tal como o periódico elaborou para o grupo de Ademar Pereira retratado como Arena Doida/Arena Preta.

Há uma onda artificial criada propositadamente por um moço que se diz candidato. O que vale é que ele é candidato de si mesmo. Não aceita que se diga que ele é candidato da ARENA, pois eu também sou ARENA ele seguramente não é nosso candidato. Na convenção, no tempo oportuno, ele poderá sair candidato numa sub-legenda.<sup>141</sup>

Da fala de João Lobo retirada da entrevista para o jornal nós percebemos a intenção de desclassificar a escolha de Ademar Pereira para ser o representante da Arena na corrida eleitoral municipal de 1976, escolha essa havia sido estabelecida pelo partido. Para fazer frente ao nome de Ademar Pereira, João Lobo apresenta sua importância para o partido e para a estrutura política de Floriano sendo um político experiente e respeitado na cidade e, portanto, deveria ter suas escolhas respeitadas, pois ele já teria perdido bastante ao longo dos anos, por ceder aos caprichos do partido e de seus colegas. “Já cedi a pressões antes aceitando homens que sabia não terem as condições mínimas para um bom prefeito. E me arrependi muito disso. Paguei caro por isso. Não tenho mais coragem de fazer isso.”<sup>142</sup> A falta de unidade na Arena que retoma a própria formação do partido como foi previamente abordado, tendo acontecido por meio de uma união forçada entre os políticos que em muitos casos não se conheciam ou que já carregavam rixas de tempos passados<sup>143</sup>.

O foco dessa entrevista conduzida por Gabriel Kalume, irmão de Teodoro Sobral Kalume, que elabora as cinco primeiras entrevistas lançadas entre a edição de número 18 e 22 do ano de 1976, gira em torno da escolha do candidato que iria concorrer ao cargo

---

<sup>141</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 18, 22 de fevereiro de 1976. Floriano, Piauí. p. 8.

<sup>142</sup> *Ibidem*. p. 8.

<sup>143</sup> GRIMBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena) 1965-1979**. Rio de Janeiro, Maud X, 2009.

de prefeito pela Arena, dos conflitos que perpassam essa escolha e de como isso trazia uma falta de unidade para o partido.

Na segunda entrevista apresentada na edição nº19 localizamos uma chamada na capa do jornal, em um local de bastante destaque, na parte superior esquerda com os seguintes dizeres: “MANOEL SIMPLÍCIO AFIRMA: CANDIDATURA DE ADELMAR É IRREVERSÍVEL (leia mais na última página)”<sup>144</sup>. A chamada nos leva a parte final do jornal, com uma entrevista que toma quase a totalidade da página com Manoel Simplício<sup>145</sup>, prefeito de Floriano entre aos anos de 1972 e 1976 filiado a Arena.

M.S. – Achoa-as perfeitamente reais, pois são declarações do próprio Deputado na imprensa. Além do mais, os atos que determinaram a eleição da recente mesa Diretora da Câmara, foram frutos da união entre os vereadores que recebem sua orientação e os do MDB, provando portanto que eles estão realmente unidos. Esta atitude é excessivamente incorreta pois, não seria o fato de ele contestar a mim e Ademar, que ele mandasse que seus amigos votassem no M.D.B. Antes lançaria um candidato, para permitir que seus amigos votassem dentro da ARENA. Por exemplo, como políticos e entendemos que se fosse o contrário, isto é, se o candidato único da Arena saísse de sua ala, jamais orientaríamos nossos amigos para que se dirigissem ao MDB, mas faríamos o possível para crescer o partido, vencendo as próximas eleições.<sup>146</sup>

Novamente encontramos uma exploração dos conflitos que permeavam a escolha de Ademar Pereira a candidatura à prefeitura. Com um agravante da falta de fidelidade de João Lobo e de parte da Arena local, em relação transição dos votos de sua ala para o MDB. Tendo em vista que no ano de 1976 vigorava a lei de fidelidade partidária, implementada pela Emenda Constitucional nº1, que entre outras coisas, previa a perda de mandato do parlamentar que não se alinhasse às diretrizes estabelecidas pela direção do partido em relação aos votos.<sup>147</sup>

Passando para a terceira entrevista, disponibilizada na edição nº 20 com Comandante Filadelfo.<sup>148</sup> De antemão percebemos uma mudança nessa entrevista, ao contrário das demais, essa não detém uma chamada em parte alguma do texto. Tanto a entrevista do Comandante Filadelfo como a entrevista de Francisco Antão Reis não apresentam uma chamada na página inicial, que direcionaria os leitores a essa entrevista.

---

<sup>144</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 19, 29 de fevereiro de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

<sup>145</sup> Ao apresentar a resposta de Manoel Simplício o jornal apresenta a sigla M.S. na parte inicial da resposta.

<sup>146</sup> *Ibidem*. p. 8.

<sup>147</sup> GRIMBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena) 1965-1979**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2009. p. 151.

<sup>148</sup> Não localizamos sua posição política, mas pelas perguntas direcionadas a ele e por suas respostas é acertado dizer que ele era uma figura de destaque no MDB de Floriano.

Esse convite ao leitor retorna apenas na quinta entrevista feita com o candidato à prefeitura pela Arena Ademar Pereira.

Assim como as entrevistas anteriores a do Comandante Filadelfo<sup>149</sup> aparece na parte final no jornal<sup>150</sup> compondo mais da metade da página. Dele o jornal explora o lado político do MDB de Floriano e como ela estaria se desenvolvendo.

J.F. – A candidatura do médico Ademar Pereira – ex-adepto do MDB – poderá desviar votos do seu partido?

F.C. – O verdadeiro emedebista não se afasta, porque no Partido ele não advoga interesses pessoais. Antes, ele vive inspirado por superiores ideais que ele sabe poder serem alcançados pelo líderes do Partido, quando no Poder. Não acredito, pois, que nenhuma candidatura da Arena tenha o poder de desviar votos do M.D.B.<sup>151</sup>

É interessante destacarmos essa pergunta pois explora a complexidade que existia nas configurações políticas municipais e estaduais. Ademar Pereira era médico, e por isso nos parece acertado inferir que ele era uma figura conhecida e com destaque na cidade de Floriano na década de 1970, por isso a cooptação dele pela Arena e a busca por um nome que poderia concorrer com ele era algo difícil de ser feito pelo MDB.

F.C. – Inicialmente o MDB, no entendimento de muitos, tinha apenas um nome para disputar a campanha municipal: o meu próprio. Quando foi levantado o nome do ilustre médico dr. Willon Soares, toda cidade proclamou a excelência do candidato. Caso ocorra a desistência do dr. Willon, no que não acreditamos, um outro nome sacudirá a opinião pública florianense. É questão de tempo.<sup>152</sup>

Novamente percebemos que a configuração política em torno do MDB, parece menos organizada do que da Arena. “Se a sensibilidade militar percebia os menores sinais em suas bases, a sensibilidade dos políticos da Arena também se tornou particularmente aguçada após as eleições de 1974.”<sup>153</sup> A Arena nacional vivia nas eleições de 1976 a possibilidade de retomada de forças perdidas nas eleições passadas, com isso temos um recrudescimento das ações da Arena contra o MDB. Apesar do foco dessa entrevista se voltar para as ações do MDB, no pleito político do ano corrente, o jornal não deixa de explorar os conflitos arenistas. O que se faz presente na pergunta que fecha a entrevista:

---

<sup>149</sup> Ao apresentar a resposta de Comandante Filadelfo o jornal apresenta a sigla F.C. na parte inicial da resposta.

<sup>150</sup> Ao apresentar uma pergunta do Jornal de Floriano o jornal apresenta a sigla J.F. na parte inicial da resposta.

<sup>151</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 20, 7 de março de 1976, Floriano, Piauí. p, 8.

<sup>152</sup> *Ibidem*. p, 8.

<sup>153</sup> GRIMBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena) 1965-1979**. Rio de Janeiro, Maud X, 2009. p, 151. p, 187.

J.F – Que acha da Arena ou das “Arenas” de Floriano em termos de concorrente?

F.C. – Na Arena, há indiscutivelmente, nomes do mais alto gabarito, os quais admiramos e respeitamos. Mas, o repórter fala em Arena ou das “Arenas”... Não é um só Partido? Perguntamos: Qual o chefe? Quais os chefes? Como se vê não é o M.D.B. que está sem comando, como foi o proclamado, em entrevista anterior, concedida ao Jornal de Floriano. Sim a Arena.

Em termos de concorrentes com o M.D.B., não achamos nada. <sup>154</sup>

O que prontamente é respondido por Filadelfo, com um certo deboche a respeito da falta de coesão da Arena e de seus membros. Passando para o quarto entrevistado nós temos a figura de Francisco Antão Reis<sup>155</sup>, presidente da Arena municipal de Floriano. Onde novamente nós temos a problemática envolvida na escolha de Ademar como candidato à prefeitura pela Arena.

J.F. – O médico Ademar Pereira pode ser considerado definitivamente como candidato da ARENA? Ou este nome pode ainda ser queimado?

F.R. – A candidatura do médico Ademar Pereira é irreversível. Além de ser um nome que está nas ruas com boa receptividade há mais de seis meses, é um candidato com reais possibilidades de vitória. Vamos aos números: ele foi um candidato que teve, nas últimas eleições, em números redondos, dois mil e seiscentos votos, sendo que o nosso grupo naquela época obteve mil e setecentos votos: somados estes números ao trabalho diuturno daquele médico, esperamos atingir a soma suficiente para levarmos a vitória à ARENA. Porisso ele é candidato da ARENA, pois conta com o apoio de mais de dois terços da votação que o partido obteve não pode ser queimada nem contestada. <sup>156</sup>

Os condicionantes que levaram a escolha de Ademar a concorrer à prefeitura de Floriano, partem, portanto dos números conquistados pelo partido nas eleições passadas quanto na posição social do político como médico atuante na cidade, o que remonta ao domínio dos processos políticos piauienses nas mãos das elites e das oligarquias locais. Dessa entrevista novamente é explorado o conflito entre o deputado João Lobo contra a ala da Arena de Ademar Pereira Arena Doida/Arena Preta, entretanto Francisco Reis busca contornar essa problemática, pontuando que a insubordinação de João Lobo é algo isolado, não representando uma ala da Arena e por consequência não levaria mais políticos a contestar a escolha de Ademar Pereira, portanto, a ação de João Lobo é apresentada por Francisco Antão Reis como uma ação isolada de um político insatisfeito. Pontuando ainda que se necessário a autoridade do governador Dirceu Arcoverde seria

---

<sup>154</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 20, 7 de março de 1976, Floriano, Piauí. p. 8.

<sup>155</sup> Ao apresentar a resposta de Francisco Antão Reis o jornal apresenta a sigla F.R. na parte inicial da resposta.

<sup>156</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 21, 14 de março de 1976, Floriano, Piauí. p. 8.

usada para validar a escolha do médico e resolver o conflito com a ala comandada por João Lobo.<sup>157</sup>

Da penúltima entrevista do jornal, nós temos a entrevista do candidato à prefeitura pela Arena, o médico Ademar Pereira. Essa entrevista retoma as chamadas que o jornal apresentava na capa, onde localizamos na parte inferior da primeira página uma nota com a seguinte fala de Ademar Pereira: “TENHO INTEGRAL APOIO DO GOVERNO”<sup>158</sup>. Seguindo com um convite ao leitor a ir até a última página para a leitura dessa entrevista, que domina quase que a totalidade da página final do *Jornal de Floriano*, sendo até então a maior já apresentada no jornal.

O primeiro destaque que encontramos nessa entrevista se dá ao grupo de oposição a Ademar Pereira, se o jornal denomina que esse político pertence a uma ala arenista designada de Arena Preta/Arena Doida. Ademar Pereira intitula seus rivais internos da Arena com o nome de Arena Branca, essa que seria comandada por João Lobo e tentava colocar um político alinhado a suas ideias para concorrer a prefeitura pela Arena. Percebemos isso na seguinte fala retirada da entrevista de Ademar Pereira: “Além do mais, nosso esquema político não é personalista, como ocorre com a chamada ARENA BRANCA. Ele não é Ademar. Ele é um grupo de pessoas que está se preparando para atingir o poder.”<sup>159</sup> Se refere ao grupo comandado por João Lobo, os conflitos entre essas alas distintas são retomados na entrevista, entretanto Ademar Pereira contorna essa disputa desqualificando as ações de João Lobo, por ir em desacordo as diretrizes da Arena municipal e do aval do próprio governador a sua candidatura.

Em 1970 o MDB ganhava a Prefeitura com mais de 1.100 votos. Apenas dois anos após, a ARENA tirava esta diferença e colocava mais de 50 votos a frente. Em 1974 a ARENA já se apresentava como um Partido Gigante em nossa cidade, elevando sua legenda sobre a do MDB, em mais de 2.000 votos. [...] Estão, hoje, com as mãos no ar e a candidatura na cabeça, oferecendo a um e a outro sem encontrarem alguém que a queira receber. Entretanto, afirmam que já têm candidato e que só lançarão em 90 dias da eleição. Isto porque o “possível” candidato deverá ser tão fraco que, se fosse lançado agora, não resistiria à análise fria do eleitorado.<sup>160</sup>

Das análises de Ademar Pereira a respeito do MDB, ele entende que o partido se encontrava fraco com pouco expressividade no município. Lembrando que Ademar

---

<sup>157</sup> Remontando ao controle que os governadores passaram a ter a partir de 1969 em relação aos diretórios regionais da Arena.

<sup>158</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 22, 21 de março de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

<sup>159</sup> *Ibidem*. p. 8.

<sup>160</sup> *Ibidem*. p. 8.

Pereira era membro do MDB antes de se vincular a ARENA. Das falas apresentadas acima encontramos um desdém que vem de um indivíduo que se encontra como peça central do jogo político local, então é esperado que ele parta para ataques ao partido político que lhe fazia frente. Se retomarmos os dados apresentados nas eleições de 1972 e 1976 que analisamos no capítulo anterior, é acertado dizer que a Arena detinha mais força política na cidade, entretanto o MDB não era um partido inexpressivo, pois ele conseguiu eleger diversos vereadores nos dois pleitos.

Passando para sexta e última entrevista dessa série produzida pelo *Jornal de Floriano*, nos encontramos uma chamada na capa do jornal, novamente na parte inferior com o seguinte título: “BRUNO: MDB VENCERÁ AQUI”<sup>161</sup>, finalizando com um convite ao leitor para a leitura na última página. Essa entrevista se configura com uma alteração do entrevistador, pois até agora elas eram conduzidas por Gabriel Kalume, já essa última foi elaborada por Antonio de Pádua Francis Kalume com o deputado José Bruno dos Santos do MDB. Aqui interessante fazer alguns apontamentos, pois José Bruno<sup>162</sup> havia sido eleito prefeito de Floriano em 1970, pelo MDB, sendo o único político a comandar a cidade pelo MDB ao longo dos anos de vigência do bipartidarismo no Brasil.

Tabela 5: Prefeitos eleitos no período de vigência do bipartidarismo em Floriano.

ANO	NOME	CARGO	PARTIDO
1966	Tibério Barbosa Nunes	Prefeito	Arena
1970	José Bruno dos Santos	Prefeito	MDB
1972	Manoel Simplicio da Silva	Prefeito	Arena
1976	Adelmar Pereira da Silva	Prefeito	Arena

<sup>161</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 23, 28 de março de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

<sup>162</sup> José Bruno dos Santos atuou como jornalista, escritor, esportista e político atuando em cargos diversos, em regiões variadas do Piauí. Como político foi vereador em Floriano de 1959 a 1971, presidente da Câmara Municipal de Floriano e prefeito substituto em dezembro de 1962 e janeiro de 1963, prefeito entre 1971 e 1973, deputado estadual entre os anos de 1975 e 1979 pelo MDB, foi vice líder do MDB por dois anos, depois atuou como líder do MDB por dois anos, foi segundo suplente de deputado em 1982 e 1983. No jornalismo fundou um jornal o *Tribuna do Sul* jornal que funcionou entre os anos de 1973 e 1983, ainda foi colaborador de outros periódicos como *Mensagem*, *Suplemento Cultural do Diário Oficial*, *Voz de Floriano*, *O Gurgueia*, *Correio do Piauí*. Informações retiradas de: SANTOS, José Bruno de. **Coletânea de casos e casos**. Teresina. São Judas Tadeu, 2012.

1982	Manoel Simplicio da Silva	Prefeito	Arena
------	------------------------------	----------	-------

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Piauí – TRE.

Com a mudança do entrevistador e da escolha de um político conhecido na cidade e figura forte do MDB local para finalizar essas entrevistas, não nos parece ser mera coincidência, pois na edição posterior teremos a apresentação de Antonio de Pádua como candidato à prefeitura pelo MDB de Floriano.

ENCERRANDO ESTA SERIA DE ENTREVISTAS COM POLÍTICOS LOCAIS, JORNAL DE FLORIANO, NA PESSOA DE SEU DIRETOR ANTONIO DE PADUA PROCUROU OUVIR O DEPUTADO JOSÉ BRUNO DOS SANTOS – CONTROVERTIDA FIGURA POLÍTICA FLORIANENSE, CRITICADO POR UNS, ENDEUSADO POR OUTROS – QUE AFIRMOU CATEGÓRICO: É CERTA A VITÓRIA DO MDB EM FLORIANO.<sup>163</sup>

Na entrevista Antonio Kalume busca extrair de José Bruno seu histórico político, demonstrando a importância dele para a expansão e consolidação do MDB no Piauí e em Floriano. Ao passo em que no processo de apresentar sua carreira política ele crítica as gestões da Arena na cidade, o que já seria esperado entre políticos durante o período eleitoral. O que nos chama atenção é a segunda pergunta feita pelo jornal “Quer dizer, Deputado, que é certa a vitória do MDB em Floriano, mesmo com o esquema já montado pela ARENA?”<sup>164</sup>. Se olharmos com um viés de neutralidade, que o jornal pregava, poderíamos apontar que a escolha por usar a palavra “esquema” fazia referência a configuração política que a Arena havia construído, entretanto no contexto que essa entrevista se encontra nos parece mais provável que essa palavra se apresente como algo pejorativo, como um esquema ardiloso de políticos inescrupulosos.

A entrevista continua girando nas benesses do MDB, e de José Bruno para a cidade, em detrimento dos governos da arenistas que passaram por esse cargo. Essas entrevistas serviram como um norteador para compreender como se encontravam as configurações políticas na cidade no início de 1976, onde o MDB ainda não havia definido publicamente seu candidato à prefeitura e combatia uma gestão da Arena que se encontrava no controle da máquina pública, tanto no âmbito federal, estadual e municipal. Adiante analisaremos as mudanças que ocorreram no *Jornal de Floriano* com o anúncio de um de seus donos como candidato à prefeitura, dando ênfase a valorização desse

<sup>163</sup> Ibidem. p. 8.

<sup>164</sup> Ibidem. p. 8.

indivíduo e de seus correligionários e dos ataques passaram a ser feitos contra a Arena e a seu rival Ademar Pereira.

### **3.2 Cururu: barulho, humor e crítica**

Como apresentado no capítulo anterior, a partir da edição número 18 de 1976, o *Jornal de Floriano* passou a contar com a presença de uma nova coluna fixa, a *Coluna do Cururu*. Das 61 edições analisadas nessa pesquisa nós encontramos a presença dessa coluna em 31 tiragens no jornal. A chegada desse personagem ao *Jornal de Floriano* se dá de maneira orgânica, como se ele já fizesse parte do cotidiano desse jornal, percebemos isso em sua primeira coluna que ao se apresentar aos leitores com sua proposta humorística deixa a cargo deles localizar e compreender a proposta do Cururu dentro do periódico. Suas abordagens que tratam dos mais variados assuntos passando por assuntos triviais como a chegada do carnaval, instalação de um poste, sujeira nas praças até abordagens sobre assuntos políticos, como a repercussão da escolha dos candidatos à prefeitura pela Arena e pelo MDB. Nosso interesse em analisar está atrelado ao posicionamento político assumido pelo Cururu em torno das questões políticas locais, assim como na compreensão do papel que ele assumiu na abordagem política do jornal, e por consequência, seu papel no jogo político ao longo da corrida eleitoral de 1976.

A criação desta coluna atendia aos interesses de um dos proprietários do jornal, o senhor Teodoro Sobral Kalume. Como vimos, além de membro da elite local, Kalume pertencia ao MDB e era candidato nas eleições municipais de 1976, quando surge a coluna do Cururu. A fim de responder os questionamentos apresentados partiremos para uma análise de alguns textos que foram veiculados no *Jornal de Floriano* ao longo do ano de 1976 e depois comentados na *Coluna do Cururu*. Da edição número 19, a segunda que contava com a presença do Cururu, encontramos uma narrativa que ilustra bem o comportamento e o papel que ela assumia nesse periódico. Na página 1 dessa edição aparece a seguinte manchete: “*FLORIANO, ATÉ QUANDO?*”, onde o jornal aborda a desapropriação de praças e terrenos de mata nativa para a construção de prédios públicos da Fazenda Federal e de um Pronto Socorro, essa ação é percebida pelo jornal como um atraso para cidade, pois na troca de serviços essenciais, a população perderia locais de lazer e sociabilidades. Esse texto se desenvolve direcionando críticas para a gestão municipal que era da ARENA. As críticas nessa matéria aparecem de forma velada, de

maneira impessoal, seguindo as diretrizes de um modelo jornalístico que se apresentava como isento, tal como o *Jornal de Floriano* defendia praticar.

Ao passarmos para o mesmo assunto sendo apresentado pela *Coluna do Cururu*, nós encontramos uma abordagem que vai para outro caminho. “Atenção senhores administradores: o **Cururu** avisa que na praça Sebastião Martins ainda restam os jardins e a lateral esquerda da igreja (apenas um pedaço) para serem doados a órgãos públicos que aqui queiram construir seus prédios. – Haja Praça !!”.<sup>165</sup> Cururu faz referência ao problema apresentado na matéria com humor e sátira em um tom de deboche afirmava que só restava ao prefeito doar os terrenos pertencentes a principal praça da cidade, que agrega a Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara. Percebemos que esta coluna se alinhava as mudanças editoriais que o jornal passou a praticar a partir de 1976, em que ele não seguia uma diretriz jornalística moderna que prezava pela imparcialidade, pois, seu texto agregava um caráter jocoso e crítico em relação as problemáticas levantadas.

A utilização do humor como elemento de contestação e crítica das ações políticas durante o período militar instaurado em 1964 no Brasil é algo largamente estudado pelos historiadores. Sendo o jornal *O Pasquim* o periódico mais expoente nesse período com esse tipo de abordagem, figuras como Ziraldo, Henfil, Angeli entre outros serviram como objetos de análise. “Tratava-se, portanto, de uma luta em que de um lado, se contrapunha direta e indiretamente aos abusos de poder cometidos pela liberdade de expressão e de manutenção do Estado de Direito que fora brutalmente atingido pelo regime autoritário.”<sup>166</sup> A abordagem deles partia do uso do humor por meio de desenhos, para contestar e criticar o processo político ao qual esses comunicadores se encontravam. Esse tipo de abordagem não se inicia no Brasil, entretanto se tornou muito popular no o meio jornalístico brasileiro.

No decorrer da história, o próprio riso popular permitiu que se criasse, cada vez mais, uma cultura da divergência, ativa e oculta, mostrando como o humor se tornou uma arma política importante contra os regimes repressivos. Se não se pode mudar a história real, muda o sentido dela. O riso, a piada é essencialmente alteração de sentido, reversão de significado.<sup>167</sup>

---

<sup>165</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 19, 29 de fevereiro de 1976, Floriano, Piauí. p. 7.

<sup>166</sup> BRITO, Rosildo Raimundo de. **Rir para resistir: a luta contra a ditadura na imprensa paraibana (1970-1980)**. Tese (Doutorado) – Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. p. 42.

<sup>167</sup> Informações disponíveis no site: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/17-artigo-2011/3965-elias-thome-saliba?start=2>. Acessado em 28/03/2023

Elias Thomé Saliba ao tratar do humor em seu texto *Raízes do Riso*, desenvolveu um estudo que visa compreender como o humor foi utilizado ao longo dos processos históricos brasileiros, suas análises partem da Belle Époque indo até os primeiros anos do rádio no Brasil, dessa forma sua pesquisa se concentra no século XX. “Esses escritores tentavam, na verdade fazer a crônica da cidade, procurando captar, através do humor, o efeito pouco perceptível desses novos meios de circulação sobre as rotinas e hábitos cotidianos e a vida individual nos seus melhores detalhes.”<sup>168</sup> Se adentrarmos um pouco mais no tempo chegaremos no século XIX, e em nomes como Ângelo Agostini e J. Carlos figuras que fizeram uso do humor alinhado a caricatura para tratar de temas políticos. Não traçaremos uma linha genealógica do humor político brasileiro, entretanto é interessante perceber que o uso do riso e do humor e imagem remonta a uma tradição informativa que tem início no século XIX, e que ganhou muita força durante o período militar instaurado 1964.

Esse tipo de humor visual popularizado pelo *O Pasquim*, encontra na ditadura militar brasileira o terreno ideal para sua propagação. “A charge se constitui como discurso de oposição política, funcionando como um modo de extravasar as contradições da esfera pública.”<sup>169</sup> As imagens de humor vinculadas nos jornais se estruturavam como ferramentas de construção e compreensão da sociedade, o que despendia de uma leitura mais aguçada por parte do receptor da mensagem para compreender o que era transmitido. Dessa forma elas conseguiam explorar temas que deveriam ser mais contidos, se fossem apresentados como textos, dessa forma eles conseguiam burlar as estruturas de censura impostas pelo governo da época.

O humor difundido pelo *Jornal de Florianópolis*, na *Coluna do Cururu*, se enquadra na tradição apresentada por Elias Thomé Saliba, ao contestar e atacar o governo local, entretanto ele não parece se preocupar em camuflar sua mensagem, tal como Ziraldo, Henfil e companhia. Cururu parte para uma abordagem direta em forma de textos curtos e humorados, adiante daremos continuidade as análises dessa coluna.

Após ligeira ausência, o **CURURU** volta com força total da viagem que fez a outros brejos, e muita coisa nova tem para contar, mormente de agora em diante na conturbada Princesa do Sul.

Numa saidinha pelas ruas da Cidade, o **Cururu** notou alguma coisa de “anormal”, pois as mesmas estão varridas e algumas florestas foram

---

<sup>168</sup> SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros anos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 190.

<sup>169</sup> BESAGIO, Natália Martins. **Resistência Impertinente: a subversão do regime no humor de Ziraldo**. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. p. 104.

devastadas. O que estará acontecendo? Será o Governador que já vem de novo ou começou a campanha política da ARENA PRETA?  
– Bem que poderia haver Eleição todo ano...<sup>170</sup>

Além das críticas já levantadas anteriormente pela *Coluna do Cururu* acerca da doação de terrenos para a construção de prédios públicos ao falar das florestas devastadas, faz alusão à visita do então governador Dirceu Arcoverde à cidade. Momento que o Cururu cita como período em que a cidade se encontra bem cuidada, devido ao lançamento da campanha da Arena em Floriano, o que o leva concluir em tom satírico que “poderia haver eleição todo ano”.

Saltando para edição número 44, de 22 de agosto de 1976. Edição que apresenta a página inicial toda dedicada a convenção do MDB, que oficializava seus candidatos que concorreriam aos cargos eleitorais para vereador, prefeito e vice-prefeito em Floriano para o ano corrente, dando destaque a figura de Antonio de Pádua Francis Kalume. É interessante ressaltar que no lançamento dessa edição o jornal estava há 3 meses de distância da eleição, o que fazia com que as ações desse periódico se intensificassem em favorecer o MDB, ao mesmo tempo em que partia para um ataque mais acirrado contra a Arena.

Dizem os fofoqueiros que se o candidato da ARENA DOIDA vencer as eleições de novembro o povo “vai ver estrelas”. Por enquanto a gente só ver uma, depois aparecerão as outras. O CURURU, a respeito de tão propalada figura assim filosofa:  
- É melhor um cachimbo aceso do que uma estrela apagada!<sup>171</sup>

Nesse texto as referências aos candidatos à prefeitura são evidentes, estrela apagada faz alusão a Ademar Pereira e cachimbo a Antonio de Pádua Kalume. Cururu elabora um convite aos leitores a votarem em Kalume para o cargo de prefeito, o que corrobora com nossa hipótese de que a partir de 1976, com a *Coluna do Cururu*, o jornal passa a abertamente ter um viés pró MDB após a edição número 18, e que se manteve ao longo do ano de 1976. Inclusive, após o período eleitoral, algo que percebemos na edição de número 59, edição essa vinculada após o período eleitoral nela encontramos a *Coluna do Cururu* de forma mais tímida em tamanho, porém mantendo sua abordagem humorística e crítica contra a Arena local.

O jornal “O Dia”, em sua edição de ontem, noticiou o caso da prisão de uns ciganos que invadiram o município de Paranaguá, matando um e deixando mais 3 homens feridos etc. e tal. E comentava: “Esses ciganos

---

<sup>170</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 25, 11 de abril de 1976, Floriano, Piauí. p. 7.

<sup>171</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 44, 22 de agosto de 1976, Floriano, Piauí. p. 6.

são por demais selvagens. Tentam, a todo custo, implantar a lei do mais forte...

- Que é que tem isso??! Aqui em Floriano usaram a mesmíssima lei e, segundo consta, com apoio oficial (e ajuda) do governador... E ninguém foi preso por isso!<sup>172</sup>

A crítica do Cururu retoma as problemáticas trabalhadas no capítulo inicial dessa dissertação, onde analisamos a perpetuação das oligarquias na manutenção do poder no Piauí, em sua análise encontramos a figura do governador da época Dirceu Arcoverde. Acusado de ter corroborado com as violências praticadas em Floriano durante o período eleitoral. Se retomarmos a configuração política envolvida na chegada de Dirceu Arcoverde, ao poder lembraremos que ele havia foi aglutinado pelo grupo político liderado por Petrônio Portella, ou seja, nesse momento pertencia a principal oligarquia política existente no Piauí que mantinha laços estreitos com as forças militares que comandavam a política brasileira.<sup>173</sup> Dessa forma percebemos a atuação da ditadura militar brasileira nas regiões interioranos do Brasil, atuando no favorecimento de seus candidatos fazendo vista grossa em crimes eleitorais.

O desafeto de Cururu e por consequência do jornal com o andamento da política local, se mante ao longo processo eleitoral perdurando para além desse período. A *Coluna do Cururu* era o espaço onde o *Jornal de Floriano*, desenvolve uma abordagem cômica ao tratar dos problemas da cidade e das questões políticas, que por meio utilizando para atacar a Arena local ao mesmo tempo que projetava seu candidato, um dos proprietários do periódico. Essa coluna conseguiu “burlar” as diretrizes defendidas pelo *Jornal de Floriano*, em que o periódico tentava se apresentava como isento de lados políticos que tinha como objetivo trazer a verdade, atrelado a uma tradição difundida após a década de 1950 no jornalismo brasileiro.<sup>174</sup>

### **3.3 Eleições de 1976 no *Jornal de Floriano*: Ademar Pereira da Silva e “Arena Doida/Arena Preta”**

Após compreender as disputas políticas nas eleições para prefeitura de Floriano em 1976, conforme nos apresentou o *Jornal de Floriano*, por meio das entrevistas e por

---

<sup>172</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 59, 12 de dezembro de 1976, Floriano, Piauí. p. 6.

<sup>173</sup> SILVA, Roberto John Gonçalves da. **Metamorfose das oligarquias: o caso do Piauí**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p. 230.

<sup>174</sup> BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa Brasil 1900 - 2000**. Rio de Janeiro: Mauad x, 2007.

meio da *Coluna do Cururu*, essa que, como vimos, defendia os interesses políticos do MDB e atacava de forma jocosa a Arena e seus correligionários. Esses ataques seguiam, em contrapartida, com a valorização da imagem de Antonio de Pádua Kalume, candidato à prefeitura nas eleições de 1976 pela legenda do MDB.

Dedicaremos essa parte a compreender como o jornal passou a apresentar as ações políticas de Ademar Pereira e da ala da Arena ao qual ele tinha ligações, a Arena Doida/Arena Preta. Ao optarmos por um estudo que se configura em uma abordagem sequencial das fontes, conseguimos cooptar do jornal permanências, rupturas e consequências relativas ao que era apresentado em suas páginas. Como nas irregularidades eleitorais apresentadas pelo *Jornal de Floriano* na edição de número 33, de 13 de junho de 1976, em que na página inicial o jornal abre uma denúncia contra o assédio praticado por Ademar Pereira aos funcionários Arena no Hospital Tibério Nunes.

Os funcionários do hospital estão sendo cadastrados... no escritório político do Ademar. Para qualquer uma falar com o Diretor, tem que ser antes triado pelo Adeval e, depois de se explicar com ele, recebe uma “ficha” que lhe dará acesso ao Diretor que não fala nada e nada resolve. Isto é para o “primeiro ministro” que fica o tempo todo doutrinando. Ou despachando com os três chefes de setor, seus afetos sentimentais...

Será que é assim o novo modelo de administração hospitalar de que falava o Secretário de Saúde? Será, dr. Jurandir, que a coisa esteja tão evoluída assim que se coloca em segundo plano os mais sadios postulados da saúde, preteridos por programas eleitoreiros?<sup>175</sup>

O Hospital Tibério Nunes, como tratado no capítulo inicial, representa um marco para a cidade de Floriano, sendo uma referência na região para o tratamento dos enfermos tanto da cidade como das redondezas. Percebemos que o jornal ao apresentar essa interferência política do candidato da Arena na administração do hospital não poupa suas críticas, ao tratar do desvio de função que a diretoria do hospital estava tendo. Assunto que retoma ao jornal na edição de número 35, onde o periódico apresenta uma espécie de retratação feita de maneira informal, em que o intuito parece ser mais de dar satisfação a seus leitores, do que um pedido de desculpas a Ademar Pereira ou ao Hospital Tibério Nunes.

Não serão as ameaças provocações e insultos dos que se presumem ser “donos da cidade”, que virão intimidar ou fazer mudar a nossa linha de conduta. Quando apontamos em nosso número 33, as irregularidades e abusos administrativos que ocorriam e que continuam a ocorrer no hospital “Tibério Nunes”. O fizemos tão somente com o fim de por tais ocorrências ao conhecimento as autoridades competentes a fim de que,

---

<sup>175</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 33, 13 de junho de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

fazendo cessá-las, tragam aquele nosocômio o atendimento e serviços a que ele se propõe.

Insistimos, portanto, deixando bem claro que não serão as ameaças dos pseudos intocáveis e poderosos, nem a força ostensiva dos capangas por eles evocados que farão silenciar este órgão contra atos deprimentes que maculam os nossos foros de cidade civilizada.<sup>176</sup>

Além de observarmos o uso do *Jornal de Floriano* como ferramenta de ataques a campanha da Arena “Doida”, na pessoa de Aldemar Pereira, fica evidente a denúncia que o periódico faz à ação truculenta da Arena e seus mandonismos locais. Esse tipo de crítica ferrenha à Arena “Doida, principalmente, se torna cada vez mais corriqueiro ao longo do processo eleitoral de 1976.

Ao analisarmos essas acusações apresentadas no jornal, temos que considerar que estamos lidando com um periódico que se encontra inserido em uma disputa eleitoral, onde o dono desse periódico se beneficiaria desse tipo de reportagem, que atacava de forma direta ou indireta seu rival político.

Esta tomada de poder pelos meios de comunicação, especialmente a partir do século XX, confere ao jornalista o papel que outrora cabia ao historiador: selecionar acontecimentos e, por meio do seu discurso, torná-los históricos. Diferentemente do historiador, porém, o jornalista lida com a atualidade e, conseqüentemente, com a memória vivida, do cotidiano. Seu discurso, permeado pelo mito da neutralidade que o jornalismo adquiriu em especial entre os anos de 1920 e 30 nos Estados Unidos, recebe a adesão do público na medida em que se desenvolve a ideia de que o jornalista é um observador imparcial dos fatos no lugar de um sujeito ativo da enunciação.<sup>177</sup>

Apesar do *Jornal de Floriano* se inserir na estrutura jornalística pautada na neutralidade, objetividade e isonomia em sua escrita, modelo esse instaurado no Brasil a partir da década de 1950<sup>178</sup>. Portanto, seria um seguidor esse ideal jornalístico, em teoria, ele conseguiria representar a realidade dos fatos que aconteciam em Floriano, sem inserir qualquer juízo de valor ou opinião pessoal em suas páginas. Entretanto, como vimos, seja de forma direta por meio da *Coluna do Cururu* ou mais velada em seus editoriais, o *Jornal de Floriano* assumiu os ideais e interesses da elite local ligada ao MDB. No capítulo anterior vimos que, esse modelo jornalístico que se propunha isento que acabou se

---

<sup>176</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 35, 27 de junho de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

<sup>177</sup> CAETANO, Rafaela Aparecida Pacheco. “EM MEUS TERMOS”: A manipulação em *Cidadão Kane nas esferas da mídia, memória e relações de poder*. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2017. p. 39.

<sup>178</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *IMPRENSA E HISTÓRIA NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 50*. Tese (Doutorado) – Doutorado em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. p. 23 – 40.

homogeneizando no Brasil ao longo da segunda metade do século XX. Só conseguiria ser aplicado em um ideal idílico de jornalismo, pois nos cotidianos das redações era impossível representar um fato ocorrido sem inserir o jornalista, as escolhas editoriais, o contexto de formação e venda, entre outras forças que atuam na produção desse tipo de conteúdo.

As denúncias em relação ao mal uso da máquina pública para a condução do processo eleitoral local, não se furtaram a aparecerem apenas nas edições 33 e 35. As edições de número 43 e a 44 retomam essa problemática.

Notícias chegadas à nossa redação dão conta de que intensa campanha de ameaças e coação a todos os funcionários públicos estaduais, lotados nas repartições sediadas em Floriano, foi recentemente encetada pelo candidato a prefeito pela Arena, juntamente com seus colaboradores, realizando à administração governamental usando o nome do primeiro mandatário do Estado. [...] Segundo campanha o trabalho que está sendo realizado junto aos servidores estaduais consiste numa entrevista pessoal com o candidato a prefeito, o qual faz interrogações ao entrevistado procurando se o mesmo o apoia ou não na caminhada à Prefeitura Municipal, e em caso negativo ou duvidoso o funcionário é relacionado para uma futura possível demissão que, segundo ele candidato, virá por ordem do Governador.<sup>179</sup>

Percebemos nessa matéria que o jornal associa uma ligação direta dessa corruptela com o governador, dessa forma os processos de corrupção passam a envolver as ações da Arena local com o aval da Arena estadual. Implicando novamente a figura do governador Dirceu Arcoverde nos processos de corrupção que Aldemar Pereira conduzia no hospital Tibério Nunes.

O *Jornal de Floriano* escancarava essas denúncias em suas páginas não apenas com interesse de criticar o coronelismo e a truculência da Arena, mas também tinha interesses próprios, quando os interesses eleitorais desse meio de comunicação se encontravam alinhados com a depreciação da Arena e o fortalecimento do MDB de Floriano. Acompanhando os direcionamentos do *Jornal de Floriano* em seus posicionamentos contra a Arena, principalmente à ala que era qualificada de “Doida”, nos encontramos um escalonamento da conduta desse periódico ao se colocar contra esse partido, o que se torna mais comum ao passo em que a eleição se aproximava. Na matéria *João Lobo denuncia máfia em Floriano*, vinculado na edição de número 48 de setembro de 1976, dois meses antes da eleição, localizamos a seguinte denúncia do deputado

---

<sup>179</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 43, 15 de agosto de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

arenista João Lobo que não aceitava a nomeação de Ademar Pereira como candidato a prefeitura pelo seu partido.

O parlamentar foi contundente em suas afirmações, segundo as quais em Floriano está montando um esquema da máfia, responsável, por algumas mortes até o momento sem nenhuma elucidação, estando o povo a exigir dos órgãos competentes providências urgentes no sentido de se evitar outros assassinatos misteriosos que têm deixado a opinião pública duvidosa da ação repressora da Polícia.

JOÃO LOBO assegurou que a política de nossa cidade retrocedeu em seu aspecto democrático e desacabou para o crime e a violência, uma vez que os homens que hoje a lideram sempre demonstram tendência para pistoleiros fato este confirmado pela população local que ainda lembra melancolicamente brutais assassinatos, impunes até agora.<sup>180</sup>

O deputado ainda apresenta o nome de Francisco Reis, presidente da Arena de Floriano, como o comandante dessa ala do partido que estaria levando o caos a cidade, retomamos novamente a falta de estrutura da arena florianense e as disputas internas que envolviam as distintas alas arenistas, Arena Doida/Arena Preta contra Arena Branca conflitos que perpassam nosso trabalho e são retomadas em diversos momentos pelo *Jornal de Floriano*. Com isso nós temos uma retomada das querelas internas da Arena, sendo veiculados no jornal o que remonta as questões apresentadas por Lucia Grimberg. Ao tratar da formação da Arena e dos constantes conflitos internos, apensar da unidade do partido em nível nacional, não acompanhar as singularidades das forças políticas locais.<sup>181</sup> Além de demonstrar enfraquecimento e falta de coesão entre o partido.

O direcionamento do *Jornal de Floriano* ao longo do ano de 1976. se tornou cada vez mais evidente. Ao olharmos as publicações deste periódico nos transparece que havia uma ação voltada a depreciar a Arena, a gestão de Manoel Simplicio, então prefeito, e o candidato desse partido à prefeitura; Ademar Pereira. Em contrapartida nos encontramos uma construção positiva da figura de Antonio de Pádua Kalume, por esse jornal, o que exploraremos adiante.

### **3.4 Eleições de 1976 no *Jornal de Floriano*: Antônio de Pádua Francis Kalume e o MDB**

---

<sup>180</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 48, 19 de setembro de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

<sup>181</sup> GRIMBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena) 1965-1979**. Rio de Janeiro, Maud X, 2009.

Ao examinarmos as notícias que retratam o período eleitoral de 1976 em Floriano, percebemos como a imagem da Arena local foi frequentemente apresentada de forma pejorativa. Essa representação se encontra diretamente ligada à figura de Aldemar Pereira, candidato à prefeitura pelo partido, e seu grupo político retratada pelo jornal como “Arena Doida/Arena Preta”. A construção negativa desse partido e desse político é feita ao mesmo momento em que o jornal desenvolve de forma positiva a imagem do MDB e de seu candidato à prefeitura, Antonio de Pádua Kalume, fundador e um dos donos do jornal.

O que fica evidente ao olharmos para a coluna *Politicando*, coluna não assinada, que após a edição número 36 passa a ter uma constância de publicações em favor de Antonio de Pádua. Essa coluna, que representava um espaço de debate político, tendo como foco questões políticas da cidade, passou a ser utilizada como uma plataforma política em prol de Kalume. Isso ocorre nas edições de 36, 39, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 51, 52, totalizando 10 edições distintas.

O problema da escolha do candidato para companheiro de chapa do Dr. Pádua Kalume gira em torno de dois ilustres nomes emedebistas. Trata-se de Gilberto Guerra e Rodolfo da Costa e Silva, ficando a decisão final para o dia 16 do corrente, quando a Convenção Municipal do partido oficializará os nomes e a cidade dará o grito inicial da campanha eleitoral. Qualquer um dos dois reúne condições de competir ao lado do Jovem Engenheiro, formando assim a “dobradinha” da vitória... Quem viver verá.<sup>182</sup>

A valorização de Kalume alinhada ao texto que direciona a vitória eleitoral ao político, se desenvolve como uma constante nas estruturas desse jornal. Se ao passo que a eleição de 1976 se aproxima o jornal passa a intensificar sua escrita contra a Arena e Ademar Pereira, nós temos proporcionalmente um desenvolvimento positivo da imagem do MDB e de Antonio Kalume.

Observadores políticos com longos anos de experiência na cidade reafirmaram a vitória de PÁDUA KALUME nas eleições de 15 de novembro vindouro com excelente maioria tendo em vista a simpatia que ultimamente o MDB vem granjeando em todas as camadas sociais. Por exemplo, em uma determinada classe de pessoas aqui residentes, composta de aproximadamente 500 eleitores, cerca de 70% votará no candidato emedebista. Coisas de eleitor consciente...<sup>183</sup>

---

<sup>182</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 41, 01 de agosto de 1976, Floriano, Piauí. p. 8.

<sup>183</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 52, 17 de outubro de 1976, Floriano, Piauí. p. 6.

Nessa mesma coluna localizada na edição de número 52, também encontramos um texto citando o nome “Doida Demais”, fazendo alusão à ala arenista que dava suporte a Ademar Pereira, afirmando que ela estaria desesperada com a provável perda na eleição vindoura. Outra prática adotada pelo *Jornal de Florianópolis* estava na veiculação da imagem de Kalume como o candidato mais capacitado para o pleito, o que passa a ser comum nesse periódico a partir da edição número 43. Nesta edição aparece a notícia da confirmação do diretório do MDB do nome de Antonio de Pádua Kalume como o candidato à prefeitura pelo partido. Para além dessa edição nos localizamos a fotografia de Kalume nas edições 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 56, dando um total de 10 edições contendo a fotografia desse político.

O uso das fotografias do candidato emedebista aparecia como elemento de complementação das matérias que promoviam a figura de Antonio de Pádua Kalume, suas fotos se uniam aos textos para compor um quadro mais amplo, funcionando como uma ferramenta de fixação de uma mensagem que o jornal queria passar para seus leitores. “Desenvolvem-se, assim, em todas as sociedades, técnicas diversas destinadas a *fixar* a cadeia flutuante dos significados, de modo a combater o terror dos signos incertos: a mensagem lingüística é uma dessas técnicas.”<sup>184</sup> Onde os textos veiculados nas matérias alinhadas às fotografias do Kalume, serviam como um elemento de fixação da ideia de que ele era a escolha certa para a condução da gestão de Florianópolis.

---

<sup>184</sup> BARTHES, R. A Retórica da Imagem. In: BARTHES, R. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 32.

Figura 5: Demonstração de como o jornal buscou fixar nos leitores a imagem de Antonio de Pádua Kalume



Fonte: JORNAL DE FLORIANO. Ano 2, nº 45, 29 de agosto de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

A imagem do candidato do MDB construída no *Jornal de Floriano*, ao longo do período eleitoral de 1976, se alinha ao posicionamento político que esse periódico vinha apresentando, onde se favorecia a figura política de Antonio de Pádua Kalume, ao passo que atacava as ações políticas de Ademar Pereira e de seus correligionários. Cabe observar que em nenhuma das 61 edições analisadas a fotografia desse político arenista aparece nas páginas do *Jornal de Floriano*. O mais próximo que temos do uso de imagem de algum político da Arena com ligações com Ademar Pereira nesse jornal se dá na edição de número 37, edição essa destinada a celebrar o aniversário de 79 anos da cidade de Floriano, onde localizamos na página 8 do jornal a fotografia de Manoel Simplício da Silva, então prefeito da cidade alinhado a Ademar Pereira.

A apresentação de Manoel Simplício no jornal, tendo uma página de destaque em uma edição que visava enaltecer a cidade de Floriano, nos parece ter sido feita visando corroborar com os ideias de neutralidade, as quais o *Jornal de Floriano* dizia defender. Mas que, como podemos perceber ao longo das edições analisadas, não é algo que se mantém no cotidiano jornalístico desse periódico. Nos atentaremos a forma como o jornal

se utilizou de suas páginas para favorecer a Antonio de Pádua Kalume e assim atrair votos para o político.

Nas edições de número 53, 54 e 55 se torna evidente o enaltecimento de Antonio de Pádua Kalume, pois nelas encontramos nas capas do jornal, nas matérias, em locais de destaque e colunas como Politicando, uma narrativa que estruturava a defesa do nome do emedebista como o mais qualificado ao cargo de prefeito de Floriano. Na edição de número 53 com o título em destaque: *FLORIANO PRECISA MUDAR*, apresentando um texto extraído do jornal *O Liberal*, que clamava aos cidadãos florianenses uma mudança na cidade que só seria possível com a chegada do MDB ao poder, ou seja, com a chegada de Kalume a prefeitura. A edição posterior a 54, traz a matéria com a manchete: *ANTONIO DE PÁDUA CADA VEZ MAIS FORTE*, “Em todas as manifestações predominou a vibração e o entusiasmo do povo que não se cansa de aplaudir e prestigiar os seus candidatos.”<sup>185</sup> Nela encontramos um texto que enaltece a campanha política de Kalume e a aceitação da sociedade florianense de sua candidatura, refletida na presença massiva da população no último comício.

A edição de número 55, apresenta um espaço mais amplo e com maior liberdade para Kalume, pois o jornal dedica uma parte substancial de sua capa para elaborar uma entrevista com o político, com seguinte título: *ANTONIO DE PÁDUA: O MDB ESTÁ COESO, FIRME E CONFIANTE*. Carregando nesse título uma oposição à imagem que o jornal construiu da área nas edições anteriores: fragmentada, corrupta e cada vez mais desclassificada pela opinião popular. Nela o jornal explora a campanha que vinha sendo desenvolvida pelo MDB e por Kalume, as ações da Arena são apresentadas como irresponsáveis e pouco confiáveis, ocorrendo inclusive uma acusação, de um possível desvio de verba por parte da Arena na gestão da campanha municipal. Entretanto, o que nos chama mais atenção dessa entrevista é a pergunta que fecha ela.

P – Que pretende fazer logo após o pleito e a vitória?

R – Iniciar o planejamento para, na Prefeitura, iniciar a executar tudo aquilo que idealizei, dentro de critérios. Jamais incorrei no erro da administração atual de governar um município sem adotar os necessários critérios, indispensáveis a um trabalho realmente produtivo.<sup>186</sup>

---

<sup>185</sup> *Jornal de Floriano*. Ano 2, nº 54, 31 de outubro de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

<sup>186</sup> *Jornal de Floriano*. Ano 2, nº 55, 07 de novembro de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

Como podemos ver o jornal elabora uma pergunta tendenciosa, que parte da vitória certa de Antonio de Pádua Kalume ao cargo de prefeito. Essa pergunta apesar de fechar a entrevista com um posicionamento mais direto, não foge da forma como o jornal vinha conduzindo essa entrevista. “P – Acredita o prezado Doutor que há segurança nos homens da ARENA quanto ao resultado do pleito?”<sup>187</sup> Nessa outra pergunta o jornal apresenta a insegurança relacionada a derrota da Arena, que vem a ser reafirmada na última pergunta. Por meio dessa entrevista percebemos que ela foi construída para servir como um local livre para o entrevistado permitindo que ele usasse como um palanque político para apresentar suas ideias. Vale pontuar que essa edição foi publicada um final de semana antes da eleição, o que favoreceria muito a campanha política de Antonio de Pádua Kalume, que se apresentava como um candidato com perfil técnico em oposição ao seu opositor, arraigado na “velha” política assentada no coronelismo, na violência e corrupção.

Passando para edição número 56, lançada um dia antes da eleição, na parte inicial, ao contrário das edições 53, 54 e 55 que apresentavam em suas respectivas capas matérias que valorizavam o MDB e principalmente o Kalume, essa edição traz uma reflexão sobre o processo eleitoral de 1976. Na matéria *MDB E ARENA FAZEM ULTIMOS ESFORÇOS*, o jornal se posiciona de uma forma generalizada, sem tender para um lado específico, tal como fazia nas edições anteriores. Há ainda um resumo de como havia ocorrido o processo eleitoral seguindo a legislatura da época, isso aparece em *O DIA DAS ELEIÇÕES E A LEI*, servindo como uma matéria de elucidação do processo político.

A falta de matérias direcionadas a defender, ou propagandear em favor Antonio de Pádua Kalume, ou até mesmo atacar Ademar Pereira nos parece estranho com o movimento político que ele vinha abraçando. Entretanto, isso muda ao virarmos a página, no texto *É HORA DE REFLEXÃO E DECISÃO* localizado na página 2 do jornal e retornar o enaltecimento da figura da “nova” política representada pelo candidato do MDB.

Aqui em Floriano disputam as eleições o Engenheiro Antonio de Pádua Kalume pelo MDB, homem simples, membro de tradicional família e portador de todos os requisitos necessários à execução de um grande programa de trabalho e de administração à altura das necessidades de nossa terra. Pela Arena Doida, desponta como candidato o mais doido de todos os doidos da Doida Arena. Dizem que se trata de um médico que quando fazia pós-graduação, na Bahia, fora expurgado do curso em virtude de seu péssimo comportamento, falsificando a assinatura do seu próprio professor Carvalho Luz.

---

<sup>187</sup> Ibidem. p, 1.

O povo saberá decidir. Se quiserem a anarquia, a imoralidade, a opressão e a corrupção, votem na Arena Doida e medíocre, mas se desejarem o desenvolvimento, a tranquilidade, a responsabilidade, a moral e a decência administrativa, votem em peso no candidato do MDB.

Refleta antes da decisão.

Jules Rimet Jr.<sup>188</sup>

Esse texto se inicia com uma reflexão a certa do processo político em favor da democracia, de como algumas localidades no Brasil não poderiam escolher seus líderes políticos, em contrapartida o autor reflete a respeito da importância do voto, para então elaborar suas tratativas em relação a Antonio de Pádua Kalume e Ademar Pereira. O primeiro ponto que nos chama atenção se encontra atrelado a forma de tratar cada político, pois, se Kalume é apresentado como engenheiro, um homem simples, que fazia parte da família tradicional florianense, que assim apresentava características notórias para conduzir Floriano a uma gestão ímpar. O mesmo não ocorre ao tratar de Ademar Pereira, descrito como “o mais doido dos doidos da Arena Doida”, representando toda a inconstância e desordem da Arena.

Caminhando para o fim o texto ele clama a população para votar no MDB, por consequência em Kalume, pois somente assim a cidade conseguiria fugir da anarquia e corrupção que a Arena Doida vinha promovendo na cidade. Finalizando com uma assinatura em nome de Jules Rimet Jr, pessoa que até então não havia sido citada no jornal, tão pouco encontramos qualquer menção a esse indivíduo nos materiais de apoio, que utilizamos para entender quem participava do jornal. Entretanto, em uma breve pesquisa a esse nome em sites de busca, nos deparamos com uma das figuras famosas na história do futebol internacional, Jules Rimet foi presidente da Federação Francesa de Futebol e deu nome a taça da copa do mundo de futebol recebida pelo Brasil em 1970<sup>189</sup>, fato que provavelmente fez parte do imaginário popular da população brasileira da década de 1970. Levando em consideração esses fatos nos leva a crer que essa matéria foi assinada por um pseudônimo com o intuito de atrelar a possível vitória de Antonio de Pádua Kalume com a taça que o Brasil ganhou na vitória.

### 3.5 Vitória da “Arena Doida” e o Jornal de Floriano

---

<sup>188</sup> *Jornal de Floriano*. Ano 2, nº 56, 14 de novembro de 1976, Floriano, Piauí. p. 2.

<sup>189</sup> <https://www.conmebol.com/pt-br/noticias-pt-br/historia-da-jules-rimet-a-1a-taca-da-copa-do-mundo/> . Acessado em 11/12/2022.

Para enfim compreendermos qual foi o resultado eleitoral e como o jornal lidou com isso, se torna necessário avaliarmos a edição de número 57, lançada no dia 28 de novembro de 1976. Ao passarmos nossos olhos pela capa da edição de número 57, uma das primeiras coisas que nos chama atenção é uma grande foto de Antonio de Pádua Kalume, a última que localizamos apresentada no ano de 1976, usada para compor o seguinte texto: *AO POVO DE MINHA TERRA*. Texto esse que apresenta uma reflexão do político acerca da eleição seguida de um agradecimento aos seus eleitores pelos votos, mesmo ele tendo perdido a eleição.

O que nos chama atenção é que em nenhum momento o nome de seu adversário, Ademar Pereira, é citado nesse texto tão pouco nessa edição do jornal. Com isso o jornal foge de uma de suas funções primordiais que é informar a sua população, o que é apresentado como um de seus pontos primordiais no editorial *NOSSO JORNAL*, presente na edição de número 1, e reafirmado no editorial *UM ANO DE LUTA POR FLORIANO*, presente na edição de número 53, quando esse jornal completava 1 ano de funcionamento. “Liberto de preconceitos, independente de pessoas ou grupos, tem como objetivo primordial informar com lisura e dignidade.”<sup>190</sup>. Esse trecho é encontrado em ambos os editoriais, servindo como uma reafirmação dos valores que o jornal se propunha a seguir, de se alinhar com os ideais de um jornalismo moderno que partia da imparcialidade.

Para além do texto de Antonio de Pádua Kalume agradecendo e refletindo a respeito da eleição, localizamos na página inicial mais 3 textos que se encontram estritamente ligados ao processo eleitoral. Uma pequena nota de agradecimento onde Paulo Vasconcelos agradece aos votos que conseguiu para sua eleição, vereador eleito com 482 pelo MDB<sup>191</sup>. Uma chamada para um texto maior presente na página 3, que reflete a eleição de Marco Antonio Maciel como presidente da Câmara dos Deputados.

Por fim a seguinte matéria: “*FUI REELEITO E NINGUEM ME TOMA...*” texto que dá um espaço a Carlos Bucar, vereador reeleito pela Arena com o total de 484 votos<sup>192</sup>, para falar um pouco a respeito do resultado eleitoral que o elegeu. A presença desse político no jornal se fez em alguns momentos distintos, nela percebemos que o político não fazia parte da ala política da “Arena Doida/Arena Preta”, essa que tinha na figura do candidato ao executivo municipal o principal alvo de críticas do Jornal.

---

<sup>190</sup> *Jornal de Floriano*. Ano 1, nº 53, 24 de outubro de 1976, Floriano, Piauí, p. 2.

<sup>191</sup> Informações retiradas do site: <https://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>. 11/12/2022.

<sup>192</sup> *Ibidem*.

“Fui eleito, novamente, pela vontade livre do povo de minha terra embora tivesse que lutar contra o poder econômico e os interesses mesquinhos de alguns chefetes e candidatos da própria Arena. Fui reeleito, repito, e ninguém me toma esse direito.”

Disse ainda o vereador Carlos Bucar: “contra a minha eleição usaram o de todos os artifícios imorais para me prejudicarem, tendo o atual prefeito, Manoel Simplicio, comprado votos de eleitores meus, a qualquer preço, conforme foi amplamente propagado em nossa cidade.”<sup>193</sup>

O desdobramento das questões eleitorais de Floriano retornam apenas na última página do jornal, em textos breves desenvolvidos na *COLUNA DO CURURU*. Os números 58, 59, 60 e 61 que concluem as edições lançadas em 1976 pelo *Jornal de Floriano*, pós período eleitoral, diminuem a veiculação das questões políticas, que passaram a ser retratadas com “menor” parcialidade.

Como vemos na edição de número 61, última lançada em 1976, pelo *Jornal de Floriano*, onde encontramos a coluna na página 3 do jornal, denominada *Informes & Reclamações*, assinada por Antonio de Pádua Kalume. Nela localizamos o texto *GOVERNO X AMEAÇAS*, onde Kalume explora ameaças que professores no interior do Piauí, inclusive em Floriano, vinham sofrendo por grupos políticos vinculados ao governador e a Arena.

Parece ter memória fraca o sr. Dirceu Arcoverde que, aqui mesmo, em Floriano, em plena praça pública, no dia 12 de novembro passado, no comício de encerramento da campanha municipal, pediu voto para seu candidato. E não apenas pedia: ameaçava os que não apoiassem: “os que estiverem contra a Arena não terão convivência com o Governo”. E mais na frente ameaçava a cidade dizendo que se seu candidato perdesse, Floriano ficaria sem ajuda governamental, citando, ele próprio, o exemplo de algumas cidades do Piauí onde os prefeitos eram do MDB e, por isto mesmo, fazia questão de não ajudá-las.

Por outro lado, vários diretores de escolas e chefes de repartições foram “visitados” por pessoas que, em nome do governador, os ameaçavam de perder o cargo se não votassem no seu candidato. E isso foi denunciado algumas vezes neste Jornal, sem que ninguém, em nome do governador, viesse de Teresina para desmentir.

Será que a vitória apagou tão rapidamente estes fatos?...<sup>194</sup>

Novamente encontramos acusações partindo do jornal a respeito da atuação do governador Dirceu Arcoverde nas eleições de Floriano, que dessa forma não só aceitava as ações criminosas como as incentivava visando manter o controle político para fora da capital. Algo que era praticado no Brasil desde 1969, com o fechamento do Congresso

---

<sup>193</sup> *Jornal de Floriano*. Ano 1, nº 57, 28 de novembro de 1976, Floriano, Piauí. p. 1.

<sup>194</sup> *Jornal de Floriano*. Ano I, nº 61, 25 de dezembro de 1976, Floriano, Piauí.

Nacional que foi reaberto ao mesmo tempo em que se instaurava a Emenda Constitucional nº1, de 17 de outubro de 1969<sup>195</sup>. Que tinha como objetivo manter um controle mais acentuado nos políticos, uma das formas de se manter esse controle se encontrava na escolha dos governadores por parte da junta militar, o que garantiria a manutenção de um controle mais assíduo sobre os políticos que estavam mais distantes do governo federal. Esses governadores escolhidos pelos militares, exerceriam um controle sobre os diretórios regionais. “De acordo com o anteprojeto da Lei Orgânica, o governador, na prática, passava a controlar o diretório regional e, através dele, embora com certos limites, os seus parlamentares.”<sup>196</sup> Dessa forma os governadores que chegam ao cargo a partir de 1970, teriam laços estreitos tanto com os militares servindo com os políticos locais, algo que percebemos nas ações de Dirceu Arcoverde nas eleições municipais de Florianópolis em 1976.

---

<sup>195</sup> GRIMBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena) 1965-1979**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2009. p. 146.

<sup>196</sup> Ibidem. p. 156.

## Considerações Finais

Esta pesquisa buscou compreender como o *Jornal de Floriano* foi utilizado como ferramenta política nas eleições municipais de Floriano no ano de 1976, de forma a favorecer o político e proprietário desse periódico, Antonio de Pádua Francis Kalume e o partido ao qual ele pertencia: o MDB. No entanto, compreendemos que o jogo político florianense já vinha se organizando e sendo repercutido por esse noticiário desde a primeira edição desse jornal lançada no dia 26 de outubro de 1975, algo que é percebido no editorial e nas colunas: Notas da Capital, Censura Livre e Politicando.

Continua em crise a ARENA local, com suas três alas a se digladiarem. O Sr. Governador do Estado, com a melhor das intenções tentou uma solução, reunindo em Karnak os dois grupos de maior atrito: João Lobo e Manoel Simplício/Chico Reis. Na Solução proposta, cada grupos teria que fazer certas concessões e aceitar alguns sacrifícios, o que não foi totalmente cumprido por nenhuma das alas. Parece até que o propalado acordo serviu para reacender o fogo da discórdia no meio arenista. Mas, o que se nota mesmo é que nenhuma ala deseja de coração a “convivência pacífica” pleiteada pelo chefe do Executivo.<sup>197</sup>

Esse conflito entre João Lobo, Manoel Simplício e Chico Reis presente na coluna Politicando aconteceu em torno da escolha do candidato que concorreria ao cargo de prefeito pela Arena de Floriano, como acompanhamos no terceiro capítulo o grupo de Manoel Simplício foi o que saiu favorecido dessa escolha onde Ademar Pereira foi escolhido para concorrer a corrida eleitoral de Floriano no ano de 1976. Essa ala arenista alinhada a Ademar Pereira foi apresentada pelo jornal como “Arena Preta/Arena Doida”, do outro lado do conflito encontramos o arenista João Lobo apresentado pelo seu rival como pertencente ao grupo “Arena Branca”. O conflito interno da Arena de Floriano é retomado em diversos momentos por esse periódico, servindo como um elemento de representação da instabilidade política e falta de união desse partido, que por consequência servia aos interesses do proprietário de consolidar seu nome como candidato pelo MDB.

Nossa escrita se inicia no capítulo inicial: A CIDADE, O JORNAL OS ESCRITORES E A POLÍTICA PIAUIENSE DURANTE O PERÍODO MILITAR. Com uma apresentação da cidade de Floriano para o leitor onde traçamos um paralelo entre a década de 1970 e o tempo presente 2023, dessa forma apresentamos a cidade na dualidade temporal entre o tempo passado e tempo presente. Desse início encontramos nosso

---

<sup>197</sup> JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 1, 26 de outubro de 1975. Floriano, Piauí. p. 8.

primeiro desafio bibliográfico que está atrelado a falta de estudos historiográficos que tratem da cidade de Floriano, o que foi contornado com dados do IBGE, sites da internet e um único estudo de caráter acadêmico que localizamos que trata desse período a dissertação de mestrado de Oscar Siqueira Procópio *Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano*. Trabalho, que apesar de não problematizar suas fontes, pois não desenvolve uma crítica a elas ao analisá-las, tal como é crucial para o trabalho do historiador, serviu como um norteador no entendimento de qual era o papel da família Kalume em Floriano e de como a cidade se configurava a época.

Compreender o papel social dessas elites locais foi extremamente importante para análise desse periódico. Nos interessou também compreender a forma como ele se organizava, quem estava envolvido em sua escrita, a quem ele se destinava, como ele se mantinha e quem eram seus proprietários. Passamos pelo editorial apresentado na edição de número 1 que traz alguns apontamentos que vão ser retomados ao longo do ano de 1975 e 1976, como a neutralidade que esse noticiário dizia praticar e de seu afastamento do jornalismo que era tradicionalmente praticado no Piauí. Nesse ponto entramos em algumas questões que são essenciais para o desenvolvimento dessa dissertação, pois apesar do *Jornal de Floriano* se assumir como “um espelho da realidade da cidade e do seu entorno”, nós como historiadores temos como princípio básico de que toda a fonte deve ser tratada com desconfiança, pois ela é uma construção desenvolvida por algum grupo ou indivíduo, sendo fruto do seu tempo e de seu local de produção.<sup>198</sup> Ou como nos alerta Jacques Le Goff, a fonte deve ser compreendida como um monumento que chega nas mãos dos historiadores cheia de intencionalidades por aqueles que a construíram.<sup>199</sup>

O *Jornal de Floriano* dizia romper com um tipo de jornalismo tradicional, alinhado à propagação dos interesses de grupos políticos, que servia como um panfletário das famílias que mantinham os meios de comunicação e o poderio político.<sup>200</sup> Em sentido oposto, seus proprietários diziam que o periódico estava vinculado com um jornalismo moderno que passou a ser praticado no Brasil a partir da década de 1950.<sup>201</sup>

---

<sup>198</sup> CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 66.

<sup>199</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

<sup>200</sup> RÊGO, Ana Regina. **Literatura e Política duas faces da Imprensa Piauiense**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIII. 2009. Curitiba.

<sup>201</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na história do Brasil**, São Paulo. Contexto, 1988.

Passamos por uma apresentação de alguns indivíduos que participaram desse jornal, direcionando nosso principalmente em compreender quem era a família Kalume, proprietária desse periódico. Os proprietários eram Pedro de Alcântara Kalume, como redator chefe, Gabriel Kalume e José Afonso Kalume como diretores, e Antonio de Pádua Francis Kalume como diretor e diretor responsável. Antonio de Pádua Kalume retorna com mais frequência em nossas análises, pois ele segue como o candidato do MDB para a corrida eleitoral municipal de Floriano no ano de 1976. Para compreender quem eram esses indivíduos novamente nos deparamos com uma carência produções acadêmicas, recorremos então a materiais que apresentam esses indivíduos por meio de análises memorialísticas tais como: Coleção Florianense, Floriano Sua História Sua Gente, Flagrantes de uma cidade assim como a dissertação de Oscar Procópio apresentada previamente. Por ser tratar de textos memorialísticos, utilizamos uma discussão bibliográfica com autores que abordam o uso da memória nos trabalhos historiográficos.

Por fim buscamos compreender como se estruturava os processos políticos no Piauí durante o período militar, para isso utilizamos as discussões elaboradas por Manoel Ricardo Arraes Filho, Roberto Jonh Gonçalves da Silva, Bruna Karolina Oliveira Vasconcelos, Claudia Cristina da Silva Fontineles e Vitor Eduardo Veras de Sandes Freitas. Com esses autores conseguimos um recorte amplo de como se configurava a política piauiense durante a vigência da ditadura militar brasileira passando por figuras políticas fortes no Piauí, como Petronio Portella, Alberto Silva e Dirceu Arcoverde.

No segundo capítulo iniciamos a discussão a respeito de como os jornais passaram a ser aceitos como fonte historiográfica, para isso usamos dos debates apresentados por: Tânia Regina de Luca, José Barros de Assunção, Nelson Werneck Sodré e Maria Helena Rolim Capelato. Na sequência partimos para o entendimento de como a imprensa piauiense se desenvolveu do século XIX ao século XX, com um lado literário e político onde concentramos nosso olhar na configuração política dessa imprensa e seu papel no cenário piauiense. Para isso recorremos a alguns autores tais como: Ana Regina Rêgo, Sammara Jericó Alves Feitosa, Nilsângela Cardoso e Daniel Castelo Branco Ciarlini. Como o período analisado é marcado pela presença de um processo político ditatorial, que mantinha uma estrutura de controle dos meios de comunicação validada pelo Ato Institucional nº 5, recorremos a Beatriz Kushnir para entender como se davam as ações desse regime. Por fim, trazemos a discussão sobre o papel dos jornais para a política piauiense durante o período militar, com destaque para Floriano, espaço geográfico ao

qual nossa pesquisa se propõe a estudar, com análises de nossas fontes com o suporte bibliográfico de autores que estudaram o período de ditadura militar, jornais e o Piauí.

Por fim passamos para o terceiro e último capítulo intitulado: JORNAL DE FLORIANO E PROCESSO ELEITORAL DE 1976. Esse capítulo se inicia com uma análise de 6 entrevistas que foram veiculadas no *Jornal de Floriano* entre as edições 18 e 23, lançadas no ano de 1976. Apontamos como essas entrevistas foram elaboradas dentro do cenário de disputa pelo executivo municipal entre a Arena e o MDB de Floriano. Buscamos com essas entrevistas compreender como estava se configurando os processos políticos na cidade, haja vista que elas foram elaboradas com pessoas de destaque dentro da sociedade e do meio político florianense. Percebemos que ocorreu um esforço do periódico em explorar os conflitos internos da Arena de Floriano, fato atrelado a escolha de Ademar Pereira para concorrer ao cargo de prefeito pela cidade em 1976, o que gerou uma ruptura interna entre as elites políticas locais, de um lado temos João Lobo liderado a “Arena Branca”<sup>202</sup>. Já do lado oposto encontramos Manoel Simplício, Francisco Antão Reis e Ademar Pereira alinhado na Arena “Preta/Arena Doida”.<sup>203</sup>

Essas entrevistas aparecem na edição de número 18 de 1976, edição essa que consideramos crucial para percebermos a tomada de lado político desse periódico. Pois, a partir dela o periódico passa a defender os interesses do MDB e de Antonio de Pádua Kalume, ao passo que insere ataques contra Ademar Pereira e a seu grupo político classificada como Arena “Doida/Arena Preta”. Essa mudança é representada também pela presença de uma nova coluna fixa neste jornal, a *Coluna do Cururu*, assinada pelo pseudônimo do Cururu e tem como característica principal a apresentação dos fatos políticos que aconteciam em seu entorno de forma jocosa, sarcástica, irônica e humorada.

A presença do Cururu se alinha aos interesses políticos de Antonio de Pádua Kalume e do MDB de Floriano e dos rumos que o jornal toma em 1976, fica evidente quando nos dispomos a entender como esse periódico apresentou e representou Ademar Pereira e Antonio de Pádua Kalume. Ademar Pereira e seu grupo político apareciam nas páginas do jornal de forma depreciativa, como um político que se utilizava de meios escusos nas eleições municipais de 1976 e que não seria adequado para o cargo de prefeito. O mesmo não acontecia ao público o perfil do candidato do MDB, Antônio de Pádua Kalume, cachimbo como era conhecido. A figura de Kalume foi enaltecida pelo

---

<sup>202</sup> Nome dado a ala arenista opositora a Ademar Pereira, nome esse cunhado por ele próprio.

<sup>203</sup> Nome dado a ala arenista que liderou a campanha de 1976 em Floriano, nome dado pelo *Jornal de Floriano*.

periódico como o político mais preparado, honesto a melhor opção para gerir Floriano. Passamos para a parte final desse capítulo onde a Arena ganha as eleições e buscamos compreender como periódico tratou essa vitória e onde elaboramos uma reflexão a respeito da atuação da Arena Nacional em disputas locais.

Concluindo, trabalhamos com a hipótese em nossa pesquisa de que o *Jornal de Floriano* foi utilizado como ferramenta política nas disputas eleitorais municipais, especialmente em 1976. Onde o periódico atuou em favor dos ideais políticos do MDB e de Antonio de Pádua Francis Kalume, ao mesmo tempo em que construía uma imagem negativa de Aldemar Pereira e de parte da Arena que o apoiava como candidato a prefeitura. Algo que fica evidente a partir da edição de número 18 lançada em 22 de fevereiro de 1976, onde localizamos uma série de matérias, reportagens e um nova coluna que passariam a atuar em favor dos interesses políticos de Antonio de Pádua Francis Kalume.

Essa nova etapa do jornal foi marcada por uma série de mudanças atreladas às estratégias políticas e midiáticas que o periódico passou a propagar, entre elas, a de dar maior destaque a figura política de Kalume. Ao mesmo tempo, utilizava-se do humor ácido na Coluna do Cururu. Esta trazia em seus parágrafos análises do cotidiano e das questões políticas de Floriano, tendo como foco uma abordagem desses assuntos por meio de um humor carregado de sátiras e deboche. As abordagens políticas da Coluna do Cururu foram cruciais para a compreensão do posicionamento político do *Jornal de Floriano*, reconhecendo a importância dessa coluna pretendo em breve desenvolver uma análise mais aprofundada dessa coluna em estudos futuros.

Com isso, esperamos que o presente trabalho contribua com os estudos que pensam a ditadura militar brasileira no Piauí. Principalmente quando interiorizamos o debate ao trazer essas discussões para a cidade de Floriano, localizada em uma região onde não conseguimos localizar nenhum trabalho historiográfico de apoio que trate dessa cidade ao pensar o período de ditadura. Essa pesquisa não esgota a fonte, pois nosso recorte cobre apenas os dois primeiros anos de funcionamento desse jornal nos restando ainda nove anos de jornais para desenvolver um trabalho futuro.

## REFERÊNCIAS

### 1. Bibliografia.

ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. **Oligarquias e elites políticas no Piauí: 1982-1995**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa Brasil 1900 - 2000**. Rio de Janeiro: Mauad x, 2007.

BARROS, José D' Assunção. **Fontes históricas - uma introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BARROS, José D' Assunção. História e Memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, Canoas, V. 3, n. 5, jan./jul. 2009.

BARTHES, R. A Retórica da Imagem. In: BARTHES, R. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BESAGIO, Natália Martins. **Resistência Impertinente: a subversão do regime no humor de Ziraldo**. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

Biblioteca IBGE, VIII **Recenseamento Geral** – 1970, Série Regional, Volume I – Tomo VI, página 198.

BRITO, Rosildo Raimundo de. **Rir para resistir: a luta contra a ditadura na imprensa paraibana (1970-1980)**. Tese (Doutorado) – Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Bourdé, Guy & Martin, Hervé. **AS ESCOLAS HISTÓRICAS**. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1990.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTELHO, Denilson. Por uma história social da imprensa. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (et all) (orgs.). **Diluir fronteiras: interfaces entre história e imprensa**. Teresina: EDUFPI, 2011.

Burke Peter, **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

CAETANO, Rafaela Aparecida Pacheco. **“EM MEUS TERMOS”: A manipulação em Cidadão Kane nas esferas da mídia, memória e relações de poder**. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2017.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na história do Brasil**, São Paulo. Contexto, 1988.

- CARVALHO, Alessandra. **“Democracia e desenvolvimento” versus “segurança e desenvolvimento”**: as eleições de 1974 e a construção de uma ação oposicionista pelo **MDB na década de 1970**. *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 28, p. 555-572, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Universitária, 1982, p. 65-109.
- CIARLINI, Daniel Castelo Branco. **Horizontes Comerciais, Políticos e Literários na Imprensa de Floriano entre os Anos de 1902 e 1921**. *Cadernos de Literatura Comparada*, Revista do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, número 44. p, 194. Janeiro, 2021.
- COSTA, Cristóvão Augusto Soares de Araújo. LUÍS, Paulo de Oliveira Lopes. ATTEM, Rosenilta de Carvalho. NETO, Teodoro Ferreira Sobral. **Coleção Florianenses / Coleção Floriano Clube 6**. Halley S.A. Gráfica e Editora. Teresina. 2017.
- CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.
- DEMES, Josefina. **Floriano: Sua História, Sua Gente**. Halley S.A. Gráfica e Editora, 2002.
- FEITOSA, Sammara Jericó Alves Feitosa. **A MEMÓRIA DA CIDADE DOS SONHOS: a produção do jornal Diário do Povo do Piauí sobre Teresina**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2018.
- FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. **O RECINTO DO ELOGIO E DA CRÍTICA: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí**. 2009. Tese (Doutorado) – Doutorado em História, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2009.
- FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. A autoestima piauiense, os usos políticos e as repercussões na memória. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 33, e0210, maio/ago. 2021.
- FREITAS, Vítor Eduardo Veras de Sandes. **HERANÇA E HISTÓRIA POLÍTICA NO PIAUÍ: DAS ORIGENS À REDEMOCRATIZAÇÃO**. *Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História da Uece*, Volume VII, número 13, p. 8, janeiro julho. 2019.
- GRIMBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena) 1965-1979**. Rio de Janeiro, Maud X, 2009.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores: do AI-5 à Constituição de 1988**, Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Campinas. Campinas. 2001.

Le Goff, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Flávia de Sousa. **IMPrensa E DISCURSO POLÍTICO: As disputas pelo poder no Governo de Chagas Rodrigues (Piauí, 1959 – 1962)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2011.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Relações de Poder e Práticas jornalísticas em *O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí* (1951 a 1954)**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2014.

LOPES, Luiz Paulo. **Flagrantes de uma cidade**. Jolenne. Teresina. 1997.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). **Fontes históricas**. - 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

MENDES, Sérgio Luiz da Silva. **SEM MEDIR AS PALAVRAS: atuações do *Jornal Inovação em Parnaíba – PI* (1977-1982)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2012.

MONTE, Regianny Lima. Entre táticas e estratégias: a relação do Estado autoritário com a imprensa escrita em Teresina durante os anos 1970. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTOS, M. L. S.; MONTE, Regianny Lima (Org.). **Diluir Fronteiras: interfaces entre História e Imprensa**. 1ºed.Teresina: EDUFPI, 2011.

OLIVEIRA, Bruna Karoline Vasconcelos. **Competição e Ciclos Políticos nos Subsistemas Partidários no Nordeste: Um Estado de Caso Sobre CE, AL, BA, MA e PI**. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2017.

PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **APRENDENDO COM O OUTRO: OS ÁRABES EM FLORIANO**. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.

RÊGO, Ana Regina. **Literatura e Política duas faces da Imprensa Piauiense**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIII. 2009. Curitiba.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **IMPrensa E HISTÓRIA NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 50**. Tese (Doutorado) – Doutorado em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros anos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Alessandra Lima dos.; FONTINELES, C. C. S. Por uma imprensa política sem hostilidade e sem bajulação na década de 1970?. In: **IV Simpósio de História da UESPI: cultura política contemporânea e direitos humanos**, 2018, Teresina. Anais do IV Simpósio de História da UESPI: cultura política contemporânea e direitos humanos. Teresina: FUESPI, 2019.

SANTOS, José Bruno de. **Coletânea de casos e casos**. Teresina. São Judas Tadeu, 2012.

STEINKE, S. A repressão política durante a ditadura civil-militar de 1964 no Piauí relatada no acervo da Comissão de Anistia. In: **XI Encontro Regional Nordeste de História Oral**. Fortaleza, Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral, 2017.

SILVA, Roberto John Gonçalves da. **Metamorfose das oligarquias: o caso do Piauí**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

VASCONCELOS OLIVEIRA, Bruna Karoline. **Competição e ciclos políticos nos subsistemas partidários do Nordeste: um estudo de caso sobre CE, AL, BA, MA e PI**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

## **2. Fontes**

JORNAL DE FLORIANO. Disponível em Espaço Cultural Laboratório Sobral.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 1, 26 de outubro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 2, 2 de novembro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 3, 9 de novembro de 1975, Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 4, 16 de novembro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 5, 23 de novembro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº6, 30 de novembro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 7, 07 de dezembro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 8, 14 de dezembro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 9, 21 de dezembro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 10, 28 de dezembro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 11, 4 de janeiro de 1976. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 12, 12 de janeiro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 13, 18 de janeiro de 1975. Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 14, 25 de janeiro de 1975. Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 15, 1 de fevereiro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 16, 8 de fevereiro de 1976. Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 17, 15 de fevereiro de 1975. Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 18, 22 de fevereiro de 1976. Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 19, 29 de fevereiro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 20, 7 de março de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 21, 14 de março de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 22, 21 de março de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 23, 28 de março de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 24, 4 de abril de 1976. Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 25, 11 de abril de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 26, 13 de abril de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 27, 25 de abril de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 28, 2 de maio de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 29, 9 de maio de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 30, 23 de maio de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 31, 30 de maio de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 32, 06 de junho de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 33, 13 de junho de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 34, 20 de junho de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 35, 27 de junho de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 36, 4 de julho de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 37, 8 de julho de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 38, 11 de julho de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 39, 18 de julho de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 40, 25 de julho de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 41, 01 de agosto de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 42, 08 de agosto de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 43, 15 de agosto de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 44, 22 de agosto de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 45, 29 de agosto de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 46, 07 de setembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 47, 12 de setembro de 1976, Floriano, Piauí.

JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 48, 19 de setembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 49, 25 de setembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 50, 03 de outubro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 51, 10 de outubro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 52, 17 de outubro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano 1, nº 53, 24 de outubro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano 2, nº 54, 31 de outubro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano 2, nº 55, 07 de novembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano 2, nº 56, 14 de novembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano 1, nº 57, 28 de novembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano 1, nº 58, 05 de dezembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 59, 12 de dezembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 60, 19 de dezembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano I, nº 61, 25 de dezembro de 1976, Floriano, Piauí.  
JORNAL DE FLORIANO. Ano 5, Nº 216, 6 a 12 de janeiro de 1980, Floriano, Piauí.

### **3. Reportagens em portais da internet.**

CHESF. **Boa Esperança.**

<https://www.chesf.com.br/SistemaChesf/pages/sistemageracao/boaesperanca.aspx>.

Acessado em 11/04/2022.

IHUONLINE. **As raízes do riso e a ética emocional brasileira.**

<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/17-artigo-2011/3965-elias-thome-saliba?start=2>.

Acessado em 28/03/2023.

FLORIANO PI. **Floriano.** <https://www.floriano.pi.gov.br/floriano.php>. Acesso em 19 mar. 2022.

PAIXAO DE CRISTO. **Teatro Cidade Cenográfica.**

<https://www.paixaodecristopi.com.br/index.php?pg=exibe2&id=2>. Acesso em 16 mar. 2022.

CIDADES IBGE. **Brasil/Piauí/Floriano.**

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/floriano/pesquisa/38/47001>. Acesso em 18 mar. 2022.

GOV BR. **Ministra e técnicas visitam hospital em Floriano (PI) para conhecer protocolo de atendimento para Covid-19.** <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministra-e-tecnicos-visitam-hospital-em-floriano-pi-para-conhecer-protocolo-de-atendimento-para-covid-19>. Acesso em 19 mar. 2022.

SERIES ESTÁTISTICAS. **Series históricas e estatísticas.**  
<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CD77>. Acesso em 21 mar. 2022.

ELEIÇÕES PODER 360. <https://eleicoes.poder360.com.br/candidato/136315#2016>. Acesso em 11 abr. 2022.

RAIMUNDO FLORIANO. **Teodoro Sobral, o gigante da cultura piauiense.**  
[https://www.raimundofloriano.com.br/views/Comentar\\_Post/teodoro-sobral-o-gigante-da-cultura-piauiense-vDoPweTrG0q7NnwQTcVn](https://www.raimundofloriano.com.br/views/Comentar_Post/teodoro-sobral-o-gigante-da-cultura-piauiense-vDoPweTrG0q7NnwQTcVn). Acesso em 4 abr. 2022.

TRE PI. **Eleições 1945 a 1992.** <https://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>. Acessado em 27 abr. 2023.

CONMEBOL. **História da Jules Rimet: a 1ª taça da Copa do Mundo.**  
<https://www.conmebol.com/pt-br/noticias-pt-br/historia-da-jules-rimet-a-1a-taca-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 11/12/2022.